

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MIGRAÇÃO, RELIGIÃO E PERIFERIA URBANA EM SÃO
BERNARDO DO CAMPO, SÃO PAULO: um estudo das redes pentecostais
no Bairro DER

JAIR EMÍDIO BARBOSA

São Bernardo do Campo
2018

JAIR EMÍDIO BARBOSA

**MIGRAÇÃO, RELIGIÃO E PERIFERIA URBANA EM SÃO
BERNARDO DO CAMPO, SÃO PAULO:** um estudo das redes pentecostais
no Bairro DER

Dissertação de Mestrado apresentada em
cumprimento parcial às exigências do Programa de
Pós-graduação em Ciências da Religião para a
obtenção do título de Mestre.

Orientação: **Prof. Dr. Dario Paulo Barrera Rivera**

**São Bernardo do Campo
2018**

FICHA CATALOGRÁFICA

Barbosa, Jair Emídio

B234m Migração, religião e periferia urbana em São Bernardo do Campo, São Paulo: um estudo das redes pentecostais no bairro DER / Jair Emídio Barbosa -- São Bernardo do Campo, 2018.
143 fl.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo - Escola de Comunicação, Educação e Humanidades Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião São Bernardo do Campo.

Bibliografia

Orientação de: Dario Paulo Barrera Rivera

1. Favela DER – São Bernardo do Campo (SP) 2. Migração 3. Pentecostalismo I. Título

CDD 289.9

A dissertação de mestrado sob o título “**MIGRAÇÃO, RELIGIÃO E PERIFERIA URBANA EM SÃO BERNARDO DO CAMPO, SÃO PAULO: um estudo das redes pentecostais no Bairro DER**”, elaborada por **Jair Emídio Barbosa** foi apresentada e aprovada em 02 de março de 2018, perante banca examinadora composta pelos professores Doutores **Prof. Dr. Dário Paulo Barrera Rivera** (Titular/UMESP), **Profa. Dra. Valéria Cristina Vilhena**, e **Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur** (Titular/PUC).

Prof. Dr. Dário Paulo Barrera Rivera
Orientador/a e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Helmut Henders
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: **Pós-Graduação em Ciências da Religião**

Área de Concentração: **Religião, Sociedade e Cultura**

Linha de Pesquisa: **Religião E Dinâmicas Socioculturais**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, autor e razão primeira de minha existência.

A minha esposa e companheira Dora, que tem estado ao meu lado por vários anos, suportando firmemente a todos os desafios que se nos tem apresentado. Nunca deixando de ter palavras de ânimo e confiança, mesmo em momentos que pareciam não ter mais uma saída. Obrigado por redobrar toda a paciência e compreensão para comigo nestes dois últimos anos. Amo muito você!

A minha filha Juliana, pelo sentimento de amor que nos une e dá mais sentido à minha vida.

Aos meus enteados Fábio que me ajudou na orientação de mapas e gráficos e Guilherme, pelas brincadeiras descontraídas que tiravam a tensão de horas a fio de estudos.

Agradeço aos meus pais Sebastião e Cecília, (*in memoriam*), não apenas por todo o esforço em cuidar de mim, desde o meu primeiro dia de vida. Gratidão pelo amor transmitido, o caráter e a fé ensinada, pois sem isso certamente não chegaria tão longe.

Ao Professor Dr. Dario Paulo Barrera Rivera, por ter acreditado no projeto inicial desta pesquisa e também em ter me dado o voto de confiança enquanto pesquisador. Também agradeço pelas cuidadosas orientações e observações, na construção dessa dissertação, pois elas foram sempre pontuais e precisas para que o foco fosse mantido. Também por sua educação e respeito com que sempre nos tratou, inclusive visitando no hospital quando estive enfermo.

Aos professores e professoras do curso de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodistas São Paulo, em especial aos que tive o grande privilégio de passar algumas horas de estudo no cumprimento dos créditos necessário para o andamento do curso.

Aos professores(as) que prestamente participaram tanto da minha banca de qualificação, na qual as observações foram importantíssimas para ao andamento da pesquisa e de defesa pela leitura e exposições das ideais.

Ao querido Pr. André Paes que sempre me incentivou, dando suporte e ânimo para ir até o fim desta etapa; exemplo de um verdadeiro amante das letras e dedicado pesquisador. Obrigado amigo!

Aos pastores da Assembleia de Deus Ministério de Madureira e do Belém, que “gastaram” comigo algumas horas de seu tempo em nossas conversas sobre o referido tema e cujas informações foram inestimáveis para a conclusão da pesquisa. Aos membros das duas igrejas escolhidas e que se dispuseram a responder questionário e a dar entrevistas.

Aos amigos que conheci durante todas as disciplinas que cursamos durante o período do mestrado. Eles tornaram o desafio muito mais prazeroso de se enfrentar.

Aos amigos do grupo de pesquisa do REPAL (Religião e Periferia na América Latina) da UMESP, pois ouvir e compartilhar com vocês as experiências de suas pesquisas se materializou em grande ajuda no processo de execução minha pesquisa.

Em agradecimento que não poderia deixar de fazer é para o IEPG (Instituto Ecumênico de Pós-Graduação), na pessoa da secretária Ana Fonseca e professor Dr. Jung Mo Sung, pois me estenderam prontamente. Que Deus recompense a todos!

BARBOSA, Jair Emídio. “MIGRAÇÃO, RELIGIÃO E PERIFERIA URBANA EM SÃO BERNARDO DO CAMPO, SÃO PAULO: um estudo das redes pentecostais no Bairro DER”, (Dissertação de mestrado), São Bernardo do Campo – SP: UMESP, 2018.

RESUMO

A pesquisa proposta busca entender a importância do associativismo religioso pentecostal no estabelecimento do migrante na periferia urbana, notadamente na favela do DER com origem em 1948 as margens da Via Anchieta de São Bernardo do Campo - São Paulo. Pergunta-se pela influência migratória na formação de “redes religiosas” das regiões de periferia urbana; como se sociabilizam, se protegem, como se resolvem em um ambiente de vulnerabilidade. Os polos de atração que emergiram nos centros urbanos como São Paulo, desenvolvidos a partir dos fenômenos da industrialização e urbanização capitalista, acentuaram importante migração de indivíduos a procura de melhores condições de vida. Enfrentando sérios problemas de moradia o migrante acaba por quedar-se em assentamentos irregulares ou mesmo em precários núcleos de favela na “periferia da periferia” da cidade. Neste contexto, o déficit habitacional assume proporções sempre à frente das desidiosas políticas habitacionais de urbanização do espaço, até então palidamente adotadas e, em um cenário de omissão do Estado, experimentam condição de vida segregada com pobreza e alto nível de vulnerabilidade. Contudo, este ambiente proporciona a formação de variadas redes, fato que contribui para o criativo surgimento de táticas de convivência e cooperativismo na periferia. Em suma, a pretensão é estudar o papel das redes religiosas pentecostais no estabelecimento do migrante na periferia urbana de São Bernardo do Campo e a influência migratória na formação destas redes e práticas associativas de grupos migrantes pentecostais estabelecidos no contexto de periferia urbana da “cidade do automóvel” São Bernardo do Campo. A pesquisa se apoia em pesquisa de campo em dois grupos religiosos pentecostais e na literatura a respeito da periferia urbana, a segregação social, a realidade do migrante e as redes sociais.

Palavras-chave: migração, pentecostalismo, periferia urbana, redes religiosas, segregação, São Bernardo do Campo.

BARBOSA, Jair Emídio. "MIGRATION, RELIGION AND URBAN PERIPHERY IN SÃO BERNARDO DO CAMPO, SÃO PAULO: A study of the Pentecostal network in the DER Neighborhood"

ABSTRACT

The proposed project seeks to understand the importance of Pentecostal religious associativism in the establishment of the migrant in the urban periphery, notably in the DER favela, which originated in 1948 along the banks of Via Anchieta in São Bernardo do Campo - São Paulo. It is questioned by the migratory influence in the formation of "religious networks" of the regions of urban periphery; how they socialize, protect themselves, as if solved in an environment of vulnerability. The poles of attraction that emerged in urban centers such as São Paulo, developed from the phenomena of capitalist industrialization and urbanization, accentuated an important migration of individuals in search of better living conditions. Facing serious problems of housing the migrant ends up staying in irregular settlements or even in precarious slums in the "periphery of the periphery" of the city. In this context, the housing deficit assumes proportions always ahead of the disenfranchised housing policies of urbanization of space, until then faintly adopted and, in a scenario of state omission, experience a segregated living condition with poverty and a high level of vulnerability. However, this environment provides the formation of various networks, a fact that contributes to the creative emergence of coexistence tactics and cooperativism in the periphery. In short, the pretension is to study the role of Pentecostal religious networks in the establishment of the migrant in the urban periphery of São Bernardo do Campo and the migratory influence in the formation of these networks and associative practices of Pentecostal migrant groups established in the urban periphery context of the "city of automotive" in São Bernardo do Campo. The research relies on field research in two Pentecostal religious groups and in the literature on the urban periphery, social segregation, migrant reality and social networks.

Key words: migration, Pentecostalism, urban periphery, religious networks, segregation, São Bernardo do Campo.

Lista de abreviaturas, 14

Índice de Quadros, 15

Índice de Mapas, 16

Índice de Imagem, 16

Índice de Gráficos, 16-17

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Assembleias de Deus
ADMB	Assembleia de Deus Ministério do Belém/SBC-Sede do Setor 29
ADMSBC	Assembleia de Deus Ministério de São Bernardo do Campo/SP
APMs	Áreas de Proteção dos Mananciais
APPs	Áreas de Preservação Permanente
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano
CEM	Centro de Estudos da Metrópole
DER	Departamento de Estradas de Rodagem
E.C.DER	Esporte Clube DER
EMPLASA	Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A
EMTU	Empresa Metropolitana de transporte Coletivo
FMI	Fundo Monetário Internacional
IAPI	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEPG	Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
ISER	Instituto de Estudos de Religião
LIT	Levantamento de Informações Territoriais
NEAN	Núcleo de Empreendimento Assistencial Neemias
OXFAM	Organizações não Governamentais Internacionais criada em Oxford
PNAD	Pesquisa Nacional por amostra de domicílios - IBGE
Pr.	Pastor
Pr. P.	Pastor-presidente

Pr. C.	Pastor de congregação
REPAL	Religião e Periferia na América Latina (grupo de pesquisa)
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SBC	São Bernardo do Campo
UN-HABITAT	O Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1- Macro contexto de nosso espaço amostral de estudo, 29

Quadro 2- Densidade demográfica, 33

Quadro 3- Percentual de crescimento da população, 33

Quadro 4 – São Bernardo do Campo. População residente por naturalidade em relação ao município e a unidade da federação. 2010., 45

Quadro 5– São Bernardo do Campo. Unidades locais e pessoal ocupado total por divisão da classificação de atividades (CNAE 2.0), 2010, 46

Quadro 6 – Saldos migratórios anuais e taxas anuais de Migração no ABC, 47

Quadro 7 – São Bernardo do Campo. Emprego formal e Pessoas de 10 anos ou mais ocupadas por setor de atividade (%). 2010, 49

Quadro 8 - Evolução das favelas , 55

Quadro 9– População que morava em favela até 2010, 56

Quadro 10- Cadastro parcial das favelas existentes em São Bernardo (vai no anexo),57

Quadro 11.Fluxograma dos padrões de migração entre religiões, 74

Quadro 12. Concentração de Migrantes, 83

Quadro 13. Concentração de Migrantes Nordestinos, 84

Quadro 14. São Bernardo do C. Evolução da população residente em favelas, 1991-2010, 89

Quadro 15. Distribuição dos municípios que possuíam favelas, programas de urbanização e regularização de assentamentos e órgãos específicos para o setor habitacional, segundo faixas de população, 114

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1- Região Metropolitana de São Paulo – 2011, 29

Mapa 02 – Região do Grande ABC, Divisão por Cidades, 31

Mapa 3 – Município de São Bernardo do Campo- Divisão por Bairros, 34

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1- Visão da favela do Paraisópolis – 2017, 39

Imagem 2– Fábrica da Karmann-Ghia, na Anchieta. 50

Imagem 3– Vista parcial do Centro - São Bernardo do Campo, com identificação da Favela do DER, (circundado em vermelho) ao fundo logo atrás do Estádio da Vila Euclides - (2012), 51

Imagem 4– Ocupação “Povo sem medo”. Área próxima ao Centro do Prof. em SBC., 53

Imagem 5- Os pioneiros do DER eram migrantes, 57

Imagem 6- 250 casas padronizadas de madeira foram construídas, 58

Imagem 7. DER- barracos substituídos por alvenaria, 61

Imagem 8 – Viela da favela do DER, 62

Imagem 9. Esgoto a céu aberto no DER, 62

Imagem 10- Parte da favela que foi urbanizada, 63

Imagem 11- Delimitação da Favela do DER com indicação dos equip. públicos- 2017, 64

Imagem 12- Endereço socializado na “sedinha”, 103

Imagem 13 e 14 - Funerais socializados no DER, 104

Imagem 15- Prática esportiva socializada, 103

Imagem 16- Mordomias, 115

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico1- Situação socioeconômica dos pentecostais entrevistados, 78

Gráfico 2- Concentração dos pentecostais- Comparativo 2000 e 2010, 79

Gráfico 3- Religião professada anteriormente, 81

Gráfico 4- Origem dos migrantes, 83

Gráfico 5- Número de moradores, 90

Gráfico 6 - Condição de moradia, 90

Gráfico 7-Renda da família, 91

Gráfico 8- Emprego, 91

Gráfico 9- Nível Escolar do entrevistado, 96

Gráfico 10-Escolaridade da mãe, 96

Gráfico 11- Participação associativas no DER, 105

Gráfico 12- Local onde aderiu à fé pentecostal, 112

Gráfico13- Condição de moradia, 115

Gráfico 14- Urbanização, 116

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT	9
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	10
ÍNDICE DE QUADROS.....	11
ÍNDICE DE MAPAS.....	12
INTRODUÇÃO	14
METODOLOGIA E OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
1 ORIGENS DA FAVELA DO DER NO CONTEXTO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO	24
1.1. Aspectos Históricos da Origem e Crescimento Urbano De São Bernardo Do Campo	26
1.2. Desigualdade socioespacial gerada pela industrialização no ABC.....	33
1.3. Periferia Urbana	35
1.4. São Bernardo em Ascensão e Queda quanto à atração para o Migrante.....	41
1.5. Favelização	47
1.6. Favela do DER. “Mãe de todas as Favelas”	52
2 O CAMPO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO NA FAVELA DO DER	61
2.1. Conceito de Campo Religioso.....	63
2.2. Pluralismo religioso na favela do DER.....	67
2.3. O Trânsito Religioso na Periferia	68
2.4. Pentecostalismos na periferia	71
2.5. Expansão, Perfil e Concentração Denominacional dos Evangélicos	73
2.6. Vultuoso “Assembleísmo” no DER	77
2.7. “Nordestinização” pentecostal na periferia.....	78
2.8. A conversão meio de regeneração de vida pregressa, comprometida com drogas.....	80
3 REDES PENTECOSTAIS E O ESTABELECIMENTO DO MIGRANTE NA FAVELA DO DER	83
3.1. Realidade socioeconômica dos pentecostais no DER	85
3.2. Favelas e a diferenciação de pobreza.....	87
3.3. Reprodução das desigualdades Sociais na favela.	90
3.4. Redes diversas.....	94
3.5. A rede associativa civil e a antiga vocação do DER na prática de vínculo associativo	98
3.6. A rede associativa religiosa	102
3.7. Migrantes como participantes das redes pentecostais.....	105

3.8. Urbanização na favela do DER e o impacto no cotidiano dos moradores	109
REFERÊNCIAS	118
APÊNDICES	131
ANEXOS.....	143

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é estudar o papel das redes religiosas pentecostais no estabelecimento do migrante na periferia urbana, em São Bernardo do Campo, São Paulo, favela do DER. Conhecer as práticas de relações sociais típicas destes grupos ante os reflexos da baixa condição socioeconômica que experimentam em situação de múltiplas vulnerabilidades, e que alternativas associativas criam ante o hiato deixado pelo Estado. Perceber também a influência migratória na formação destas “redes religiosas”. Para tanto revisamos inicialmente as origens da favela, “lócus” de nosso objeto de pesquisa, no contexto da cidade. Logo, no segundo capítulo levantamos o campo religioso do DER e, a seguir, buscamos então entender a serventia das redes pentecostais para o migrante na favela do DER.

As migrações surgem revelando inicialmente uma crescente desigualdade econômica e social entre as regiões, denunciando de pronto a concentração de riquezas, de saberes e bens. A situação do migrante denuncia também o desemprego em determinada região e consequente êxodo em busca de trabalho e melhoria na qualidade de vida para regiões metropolitanas industrializadas; neste afã, o interesse econômico espúrio das classes privilegiadas não se descarta, somando-se à outras variáveis, isto para explicar a motivação de importantes processos migratórios. A desigualdade social e econômica explícita na realidade do migrante que mora nas periferias faz parte de um processo mais amplo da desigualdade decorrente do modelo capitalista neoliberal característico de nossas sociedades ocidentais.

A extrema desigualdade no mundo está atingindo níveis intoleráveis. Atualmente somente 1% da população mundial tem mais riqueza do que os 99% restantes das pessoas do mundo, conforme relatório da OXFAM. A manipulação do sistema econômico, pelo poder e os privilégios de alguns, amplia esta distância, deixando as centenas de milhões de pessoas pobres excluídas. De acordo com os cálculos da referida organização, a riqueza nas mãos das 62 pessoas mais ricas do mundo aumentou em apenas cinco anos, (de 2010 a 2015) enquanto isso, o recurso nas mãos da metade mais pobre da população decresceu na casa de trilhão de dólares no mesmo período. Há que encarar seriamente a crescente crise da desigualdade, para combater a pobreza.

Os polos de atração emergentes nos centros urbanos como São Paulo, desenvolvidos a partir dos fenômenos como urbanização e industrialização, historicamente acentuaram a

migração de indivíduos a procura de melhores condições de vida; nesta linha, ocupando, quase sempre, a posição de “mão de obra barata” e consequentemente enfrentando sérios problemas de moradia com os baixos salários, o migrante acaba por quedar-se em assentamentos irregulares ou mesmo em precários núcleos de favela, na periferia da periferia da cidade.

É histórica a demanda do espaço territorial, cenário onde os menos favorecidos quase sempre enfrentam negativa ao seu direito de moradia. A falta persistente de pavimentação asfáltica, água e esgoto encanado, energia elétrica, transporte coletivo, estabelecimentos escolares e de saúde, dentre outros, em determinados espaços da cidade, parece ser um evidente sinal de que não querem os migrantes radicados em certas regiões, promovendo por vezes uma verdadeira “segregação espacial”, ou ainda a um verdadeiro “cinturão ou ilha da miséria” na periferia da cidade¹.

O país, nos dias atuais, é urbano e metropolizado. Na grande maioria dos centros como São Paulo, a população pobre migrante vindos do interior para a periferia, acaba mesmo por residir em assentamentos irregulares pois o déficit habitacional assume proporções sempre à frente das desidiosas políticas habitacionais até então palidamente adotadas, e dessa forma o Estado, em sua indolência, cria um grande passivo para a sociedade. Só em São Paulo, na região metropolitana, tem 2 milhões pessoas, o equivalente a 11% da população, vivendo em favelas, (CENSO 2010). Os dados, divulgados mostram que, em 2010, 6% da população brasileira, o equivalente a 11 milhões de pessoas, viviam em favelas ou outros assentamentos irregulares precários.

Por falta de alternativas habitacionais para a população de menor renda, a “cidade ilegal” assume proporções sempre exponenciais. Na maioria dos principais centros metropolitanos – cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belo Horizonte, Salvador – de 20% a 40% da população total residia em favelas até o ano 2000 (MARICATO, 2001). Com o Censo de 2010 este quadro não evoluiu muito. Segundo Denaldi, “*há fortes indícios de que as favelas tendem a crescer e a se adensar ainda mais na periferia das metrópoles (‘cidades periféricas’)*”, (2013, p. 2-). Em algumas cidades do Grande ABC, por exemplo, Santo André e Ribeirão Pires, a taxa de crescimento anual da população favelada chega a ser cerca de nove e

¹ No caso em questão, a favela surgiu na periferia, às margens da Via Anchieta, e com o passar das décadas foi então abarcada pelo crescimento da região central da cidade que se espalhou rumo ao núcleo irregular, porém sem mesclar-se com ele, deixando-o segregado em suas vulnerabilidades, como que, simbolicamente, tentando expeli-lo do espaço geográfico.

doze vezes maior, respectivamente, que o índice de crescimento total da população residente nas cidades” (DENALDI, 2003).

A população excluída se vê obrigada a ocupar as áreas desprezadas pelo mercado imobiliário, onde via de regra, não se permite edificar como é o caso de áreas próximas a rios, córregos e “olhos d’água”, áreas ‘reservadas de loteamentos’ (institucionais ou verdes) e “faixa non aedificandi” (faixas reservadas para eventual implantação de galerias de águas pluviais ou rede coletora de esgoto), ou ainda de proteção ambiental, como as APMs (Áreas de Proteção dos Mananciais) ou até mesmo as APPs (Áreas de Preservação Permanente)², florestas e mangues, surgindo aí o processo de favelização, do qual abordaremos com maior propriedade no primeiro capítulo deste trabalho. É exatamente nesta população da favela que encontro o objeto deste estudo, ou seja, o excluído migrante que vive em condição de moradia irregular em periferia da cidade e que faz parte ali de diversas redes incluindo a rede religiosa pentecostal.

Apesar de considerável produção de conhecimento na área das Ciências da Religião, no que tange à periferia, migração e religião, há ainda questões importantes que demandam pesquisa para busca de respostas coerentes, tais como: papel das redes religiosas no estabelecimento do migrante, mudança de comportamento ante processo de urbanização na favela.

É um diferencial deste trabalho analisar, ante o processo de urbanização de favelas, como o migrante pentecostal experimenta o processo de mudança de moradia, a saber: mudanças de seu comportamento ante o emponderamento adquirido pela experiência de trocar a moradia precária (barraco de madeira) para residir em prédios de programas habitacionais construídos fora da área de favela ou em arruamentos totalmente estruturados, no mesmo local, que em tese, proporcionam maior urbanidade ao morador.

² A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de densidade humana, dotada de elementos abióticos, bióticos especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais através de normas específicas. As Áreas de Preservação Permanente consistem em espaços territoriais legalmente protegidos, ambientalmente frágeis e vulneráveis, podendo ser públicas ou privadas, urbanas ou rurais, cobertas ou não por vegetação nativa. Disponível em: <www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/areas-verdes-urbanas/%C3%A1reas-de-rota%C3%A7%C3%A3o-permanente>. Consulta em 07/12/2017

O questionamento visa compreender as relações produzidas no estabelecimento e organização da vida dos migrantes pentecostais na periferia da cidade grande. Ao interpretar o PNAD³ de 2001 constata-se o quanto o complicado processo de migração no país se estrutura no vínculo da família, isto a partir da tomada de decisão para migrar, os meios e maneiras de ir, bem como as formas de sobrevivência e organização na nova estada, vez que 51,5% migram para acompanhar familiares. Não de somenos importância, neste processo, estão as redes religiosas, a saber, a família espiritual, os “irmãos na fé”.

Em particular, nossa lente ao longo do texto, contempla inicialmente aspectos históricos da gênese, do crescimento urbano de São Bernardo do Campo e sua industrialização, aspectos da “favelização” como processo de surgimento e crescimento do número de favelas na cidade, bem como, em particular, a origem da favela do DER, com olhar atento às questões concernentes às vulnerabilidades sociais e estruturais a que estão sujeitas parcelas significativas da sociedade brasileira (cerca de 50 milhões de brasileiros, vivem na linha de pobreza.⁴), notadamente os migrantes recém chegados na periferia urbana , bem como analisar atentamente os grupos religiosos , (identificados e tratados em um segundo momento) e sua serventia, na fase final deste trabalho; observar a realidade da região periférica na “cidade do automóvel”, São Bernardo do Campo, berço das lutas e movimentos sociais em favor dos direitos individuais.⁵

Ainda nesta esteira, fica em evidência a procrastinatória ação do Estado quanto ao seu dever de promover programas habitacionais, urbanização e instalação de equipamentos públicos nas regiões periféricas, em contrapartida, encontram também resistência (embora desproporcional) dos migrantes na luta pelo direito de moradia e o direito de fazer parte do tecido social da cidade. Os mesmos se unem para encontrar meios alternativos de provimento de suas necessidades, renovando, em bases precárias, o seu desejo e necessidade de permanecer na cidade e na luta pelo direito de moradia e busca de melhor qualidade de vida. Neste sentido, constata-se muita criatividade na favela.

3 PNAD – Pesquisa Nacional por amostra de domicílios - IBGE

4 Cf. dados foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e fazem parte da pesquisa Síntese de Indicadores Sociais 2017 – SIS 2017.

5 Foi em São Bernardo o palco do movimento grevista do ano de 1978 que renovou o cenário político brasileiro catalisando o fim da ditadura e impulsionando a luta pela redemocratização do país por meio da criação do Partido dos Trabalhadores (PT). A imagem do Lula discursando ao microfone para milhares de trabalhadores em assembleias improvisadas já faz parte do imaginário coletivo. Muitas dessas mega reuniões foram realizadas no estádio da Vila Euclides, região onde está o DER. Particularmente, quando jovem assisti a um dos discursos inflamados e empolgantes de Lula neste lugar.

A pretensão desta pesquisa é então lançar luz aos meios alternativos de sobrevivência do migrante pentecostal na comunidade do DER (fazemos isso no capítulo 3), vez que, ante a forte carência, há que se desenvolver diferenciadas formas de associativismo, como no caso das redes religiosas com táticas específicas de convivência entre os irmãos de fé, na periferia. Fechando este entendimento, cabe lembrar que o tema da pesquisa em questão é mesmo estudar o papel das redes religiosas pentecostais no estabelecimento do migrante na periferia urbana em São Bernardo do Campo. Neste estudo elegemos a favela do DER como campo da pesquisa, por características singulares que nela encontramos “a priori”, dentre as quais destacamos:

a) é a primeira favela de São Bernardo do Campo, quicá do grande ABC, com sua origem durante a 2ª Guerra Mundial, datando de 1948 com seus 70 anos, é muito apropriado denomina-la de “mãe de todas favelas”;

b) a favela se avizinha ao Estádio da Vila Euclides local que foi palco onde o ex-presidente Lula discursou em assembleias improvisadas inúmeras vezes quando da promoção de lutas significativas dos movimentos sindicais por direitos dos trabalhadores, bem como mudanças importantes para a politização da população e a solidificação do processo democrático no país;

c) uma região de periferia atípica. Na época, o centro de São Bernardo ainda não havia chegado até as proximidades do acampamento construído na então periferia às margens da Via Anchieta e ficava restrito ao entorno da praça da igreja Matriz, na avenida Marechal Deodoro. Com o passar dos anos o centro “abraçou” o DER, sem se mesclar a ele, numa evidente “segregação espacial”;

d) Por apresentar mutações diversas, face aos momentos históricos distintos e intervenções expressivas experimentadas em parte da favela, permitindo assim observar-se o fenômeno sob o prisma da “variedade de periferias” e propiciando estudar a favela em seus diferentes momentos históricos desde sua fase primitiva, buscando sempre a compreensão em como ela, em suas múltiplas metamorfoses, conversa com a religião, em um legítimo e rico cenário para estudo de caso.

As periferias realmente não são todas iguais, a depender do seu momento histórico e na favela no DER percebemos este fenômeno claramente:

1º Momento – Fase dos trabalhadores migrantes vindos de todas as partes do Brasil para construção da rodovia Anchieta e estradas de serviço que também se tornaram avenidas da

cidade. Moravam no Acampamento do DER, cuja sigla do Departamento de Estrada de Rodagem do Estado de São Paulo, deu nome ao local. Aqui originou-se a favela;

2º Momento – Fase do “Boom” na industrialização da “capital do automóvel” nos anos 70 a 80, fomentando e atraindo a vinda de milhares de outros migrantes e promovendo assim o crescimento vertiginoso da favela não urbanizada, sem o mínimo de planejamento urbano e “zero” de atenção do Estado;

3º Momento- Fase do processo de urbanização realizada pelo Estado, em apenas metade da favela, dividindo-a espacialmente em duas glebas bem distintas e que, agora se apresenta com tipologias e estruturas divergentes, a saber: parte urbanizada e parte não urbanizada caracterizando claramente aí, dois tipos de locais precários de periferia;

4º Momento – Fase da desindustrialização, com aumento do desemprego e maior agravamento das carências do morador de periferia já excluído.

Portanto, o conteúdo trabalhado nesta pesquisa objetivou, como foco central, relacionar a migração e periferia com a religião.

METODOLOGIA E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Sem perder de vista o nosso objeto, ou seja, estudar as redes religiosas dos evangélicos de pertença pentecostal que migraram do interior para a periferia de São Bernardo do Campo e que vivem em situação de vulnerabilidade no Bairro DER, ao longo do trabalho buscou-se:

- 1) descrever as origens, a realidade sócio cultural e sócio econômica do Bairro DER;
- 2) mapear o campo religioso contemporâneo do Bairro DER;
- 3) analisar a importância das redes pentecostais para o estabelecimento do migrante no Bairro DER.
- 4) analisar o impacto do projeto de reurbanização do DER no papel dos grupos religiosos, no cotidiano dos moradores.

Objetivando êxito na pretensão a que nos lançamos, *a priori*, no que tange ao “lôcus” da pesquisa, levantamos informações e narrativas em acervo oficial constante na Divisão de

Preservação da Memória⁶ de São Bernardo do Campo - Biblioteca histórica da Cidade, bem como em livros e artigos de autores com conteúdo sobre origem e evolução do município e da favela DER e registros da Secretaria de Planejamento da Cidade. Após, investigamos bibliografias secundárias, com a utilização de “livros referências”, teses, dissertações e artigos que tratam de forma direta ou correlacionada aos objetivos para nossa pesquisa. Ainda consultamos os diversos sites oficiais e não oficiais com abordagem na temática em questão. Também, a partir da análise de conteúdo, pesquisamos os jornais da região, tais como Diário do Grande ABC, em sua coluna destinada à “Memória” para historicidade do ABC, buscando fatos correlacionados e cruzando informações com os registros oficiais.

Nos valem também de alguns dados e Micro dados do Censo 2000 e 2010 (IBGE) para nortear o entendimento do processo migratório em São Paulo e na Região do ABC, onde se localiza a favela do DER.

Com inúmeras incursões ao local, identificamos e registramos a locação dos principais equipamentos e serviços públicos existentes, escolas, postos de saúde, agremiações, associações, creches, tipologia das construções (tanto na parte urbanizada como na não urbanizada), número de igrejas no DER, matriz religiosa de cada uma, bem como estimativa do número de adeptos, conforme lista em anexo.

Ainda na pesquisa de campo aplicamos questionário *fechado* e *entrevista semiestruturada* aos membros das igrejas das Assembleias de Deus (igrejas de matriz pentecostal), uma situada dentro do DER e outra lindeira ao núcleo, contemplando homens e mulheres, idade jovem e adulta, considerando todas as cores de pele, entre leigos e líderes, que se identifiquem como residentes no local. As respostas dadas às perguntas nos ajudaram a traçar o perfil socioeconômico destes indivíduos e familiares, além de identificar os motivos de sua migração para esta região e motivo de sua adesão a estas igrejas.

A eleição destas duas Igrejas dentre a inúmeras encontradas no espaço, se deu à guisa de delimitação visando a realização da pesquisa, fato que nos permitiu observar grupos de pentecostais migrantes, estabelecidos em duas igrejas de matrizes semelhantes, porém de

⁶ Divisão de Preservação da Memória, Alameda Glória, 197, SBC-SP

ministérios⁷ distintos, a saber: uma Igreja Assembleia de Deus, Ministério de São Bernardo do Campo e outra Assembleia de Deus Ministério do Belém.

Procedemos a *observação participante* (visita a reuniões das respectivas comunidades) da celebração dos cultos regulares e a interação de seus membros com as práticas litúrgicas e de sociabilização. Realizamos *entrevistas semiestruturadas*, em total de 10 entrevistados com 10 perguntas, aos membros destas comunidades, incluindo líderes e alguns dos mais antigos moradores, para compreender a história do início destes trabalhos e sua trajetória até o momento atual, sua estrutura organizacional, suas ações e cuidados na vida dos membros. Também aplicamos questionários *estruturados com 20 questões*, com 30 entrevistados da Igreja Assembleia de Deus, ministério Belém e 40 entrevistados da Igreja Assembleia de Deus, ministério São Bernardo do Campo.

Deslocamo-nos para pesquisa de campo e os primeiros contatos e incursões preliminares se deram a partir de setembro de 2016, mantendo então contato pessoal com moradores e comunidade evangélica para identificação e observação das relações típicas de migrantes evangélicos em área de periferia urbana.

As entrevistas a partir de roteiro de perguntas que foram realizadas nos templos ou em lugares fora do espaço religioso, contemplaram homens e mulheres que se encaixaram no seguinte perfil:

Grupo 1: 10 pessoas, (homens ou mulheres) dos mais idosos, pertencentes às igrejas em período não inferior a 5 anos, que ocupem o posto de líderes ou sejam moradores antigos na região; 5 das quais pertencentes à ADMB e 5 pertencentes à ADMSBC. Aproveite estabelecer opção por essa faixa etária dos mais antigos à guisa de atender a um quesito de nossa pesquisa, a saber: compreender aspectos da história do início destes trabalhos, sua trajetória até o momento atual, estrutura organizacional das igrejas, ações e cuidados na vida dos membros e até colher contribuições de aspectos históricos da origem favela DER.

Grupo 2: 28 pessoas (homens ou mulheres), sem distinção de idade, pertencentes à igreja ADMB em período não inferior a 1 ano. Esta escolha é intencional pois a Igreja está localizada em rua lindeira à favela (para acessá-la é somente sair do núcleo da favela e

⁷ Por ministério entenda-se aqui as múltiplas ramificações da denominação religiosa Igreja Evangélica Assembleia de Deus, cada uma com seu centro de gerenciamento sediado em uma igreja sede matriz e, por sua vez, ligados a uma Convenção. São duas, dentre outras, as convenções nacionais mais difundidas: Madureira e Belém.

atravessar a rua), além de ter *status* de igreja “sede”. Via de regra os membros de igreja “sede” desenvolvem algum nível de “prestígio” distinto dos membros de igreja “filial” (congregação); daí nosso interesse em observar hábitos e costumes afim de traçar comparativo entre os dois grupos.

Grupo 3: 30 pessoas (homens ou mulheres), sem distinção de idade, pertencentes à ADMSBC, em período não inferior a 1 ano. Esta escolha também não é sem motivo pois a Igreja está localizada em rua da favela, e possui *status* de igreja congregação de bairro, “filial”, daí a oportunidade de obtenção de subsídios para traçar comparativos dos costumes e hábitos.

Acreditamos que com esta delimitação das fontes de informação atendemos minimamente as prerrogativas da pesquisa, a fim de confirmar ou não a que a mesma se propôs. Com os questionários respondidos e tabulamos os dados, com o uso de tabelas e gráficos decorrentes dos dados tabulados bem como de fórmulas estatísticas para cálculo das medidas de tendência central e de dispersão tais como média, mediana, moda, desvio padrão, elaboração de histograma e polígono de frequência, envidamos esforços a fim de interpretar os resultados da pesquisa em questão.

A problemática retratada nesta pesquisa, traz a luz os problemas mais contundentes de nossa realidade social. Em estudo publicado na Harvard Law Review, Winter King assevera que 85% dos moradores urbanos do mundo desenvolvido “ocupam propriedades ilegalmente” (2003, p.471), e quase a totalidade destas, em região periférica da cidade. A indefinição da propriedade da terra e/ou a propriedade devoluta do Estado foram as brechas pelas quais uma grande porção da população se viu obrigada a ocupar tais áreas na periferia das cidades. Apenas como possuidores e não proprietários da área onde vivem, os moradores das favelas não tem segurança quanto à permanência no local e, ocasionalmente, paira o assombro da expulsão ou até a demolição de um núcleo inteiro. Vivem sem infraestrutura de sobrevivência e, muitas vezes, sem saneamento básico ou nenhum serviço primário, questão vinculada à inoperância ou ausência de políticas sociais. No sentido amplo do conceito “periferia” neste texto, destacamos a pobreza, como destituição dos meios de sobrevivência física e a insuficiência de renda e de trabalho, também a inexistência de infraestrutura física adequada nos locais de moradia.

Admitamos aqui que a segregação, tanto social, como espacial, é uma das características importantes das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação (CALDEIRA, 2013, p.211). Nesta esteira, ressalte-se a

situação de marginalização em que os moradores da periferia (núcleo de favela) se encontram, aliado também a violência ao qual estão continuamente expostos. Tudo isto consequência da desigualdade social agravada pela ausência de intervenções públicas com políticas urbanas adequadas às necessidades pontuais.

Ademais, esta segregação, tanto social como espacial, traduzida em forma de desigualdades, também é vista como fenômeno de efeito colateral oriundo do capitalismo industrializado no século XX, (BARRERA, 2014). O capitalismo no qual o setor dominante é a indústria, na modernidade produziu o desenvolvimento das grandes cidades, conhecido por processo de urbanização que deu origem aos centros urbanos demarcado por espaços desiguais com cumulação dos bens econômicos e políticos em certas regiões, e outras áreas da periferia urbana totalmente desabastecidas de todo meio de infraestrutura para sobrevivência, com quase nada de presença do Estado.

Aliado ao processo de industrialização, que demanda a necessidade de mão-de-obra, se associa os grandes fluxos migratórios. Na metrópole o migrante recém-chegado sem especialização profissional e nem condição de bancar o aluguel no mercado imobiliário formal, se vê empurrado para as regiões urbanas mais periféricas; restando a favela como solução totalmente franqueada ao problema de armazenar o montante útil e o excedente de mão de obra barata. (DAVIS, 2006 p.213). Há mecanismos automáticos no fluxo de migração para as metrópoles. As pessoas não saem de seu lugar de origem e se dispõem a virem para uma terra estranha sem nenhum vínculo, seja familiar, de conterrâneos ou religioso. Daí, cumpre buscar entender tais mecanismos e importância destas redes sociais (dentre elas a rede religiosa) constituídas para atenuar os impactos característicos da migração.

Buscar entender o papel das redes religiosas pentecostais no estabelecimento do migrante na periferia urbana, (favela do DER) é mesmo um complexo desafio. Temos sido em muito favorecido com os ricos debates e exposições do grupo de pesquisa do REPAL (Religião e Periferia na América Latina) na UMEP, vez que, ouvir e compartilhar as experiências de pesquisas tem se materializado em grande ajuda no processo de execução desta pesquisa. O REPAL tem abraçado este desafio para projetos de pesquisa com foco nas relações entre “Religião e desigualdades sociais no ABC paulista”, atuando no campo do conhecimento e interessados em problemas que envolva a migração, religião e realidade da periferia urbana. Vamos então ao desafio!

1 ORIGENS DA FAVELA DO DER NO CONTEXTO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

Neste capítulo, para entendimento do contexto de nossa pesquisa, cumpre um resgate de aspectos históricos sobre as regiões Metropolitana, do Grande ABC, de São Bernardo do Campo e do DER sucessivamente. Discorreremos sucintamente sobre a década de 1930 com o surgimento do processo de industrialização, aspectos históricos da origem e crescimento urbano de São Bernardo do Campo, a partir de seu macro ambiente, aspectos da industrialização/desindustrialização e consequente “favelização” refletindo a desigualdade socioespacial, como fenômeno urbano gerado pela industrialização e também replicado nas grandes metrópoles do país, situação sócio econômica da região, surgimento e crescimento do número de favelas na cidade, bem como origem da favela do DER e suas mudanças. Não perdemos de vista questões concernentes à vulnerabilidade social e estrutural presentes na periferia urbana, a que estão sujeitas boa parcela da sociedade brasileira, notadamente o migrante morando em área periférica ou segregada da cidade. A abordagem das redes religiosas e sua importância na vida do migrante pentecostal, o faremos com maior propriedade em capítulo posterior, contudo entendemos necessário, neste capítulo inicial considerar aspectos da “gênese” e mutações de nosso local de pesquisa, também afim de visualizar a periferia do DER passando por diversos momentos históricos, e observar como este fenômeno se relaciona com a religião.

Eleger São Bernardo do Campo, município localizado na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP)⁸ ou grande São Paulo, como espaço amostral empírico dessa pesquisa, pode muito bem ilustrar as relações dos migrantes também repetidas nas periferias dos territórios em grande maioria das metrópoles brasileiras, vez que São Bernardo é considerada “terra de migrantes”. Dados censitários⁹ revelam que em 2010, 53,3% dos habitantes tinham origem fora do município. Para melhor visualização, observe abaixo o mapa e quadro com macro contexto da RMSP com estimativa do IBGE para 2017.

⁸ A Região Metropolitana de São Paulo concentra 39 municípios e é o maior polo de riqueza nacional. Criada em 1973, foi reorganizada em 2011 pela LC 1.139 que instituiu o Conselho de Desenvolvimento e agrupou seus municípios em sub-regiões. Em 2014, seu Produto Interno Bruto (PIB) correspondia a aproximadamente 18% do total brasileiro e a mais da metade do PIB paulista (55%). Disponível em: <www.emplasa.sp.gov.br/RMSP>. Consulta em 02/12/17

⁹ IBGE- Censo 2010

Mapa 01– Região Metropolitana de São Paulo - 2011

Fonte: EMTU¹⁰

Quadro 1- Macro contexto de nosso espaço amostral de estudo.

Cidade São Paulo
População: 21.4 milhões de habitantes. (1º) Estimativa IBGE/2017
Número de municípios: 39
PIB per capita: R\$ 47 156,64 Seade/2013
PIB: R\$ 947 608,81 (em milhões) Seade/2013
Área: 7 946,84 km ²
Densidade: 2 673,13 hab./km ²

Fonte.: EMPLASA¹¹

São Bernardo é apenas um dos 39 municípios da RMSP, região metropolitana mais importante do País, e sua configuração dividida por bairros mostrada no Mapa 1. A população da região Metropolitana de São Paulo é de 21.4 milhões de habitantes, segundo estimativa IBGE 2017, fato que reflete 1 em cada 10 brasileiros aproximadamente mora na Grande São Paulo.

O processo de ocupação da RMSP inicia-se na Capital e depois se espalha pelos municípios vizinhos, buscando regiões mais baratas cada vez mais distantes da região central, num processo denominado de “periferização” (CUNHA, 1994; 2003, MARTINE, 1994). Num segundo momento, a partir dos anos de 1980, a RMSP passa a perder população nas trocas

10 Disponível em: < emtu.sp.gov.br/emtu/institucional/quem-somos/sao-paulo.fss > Consulta 02/12/2017)

11 Disponível em: <<https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP> >- Consulta em 12/09/2017

migratórias, principalmente para o Interior paulista, mas continua a apresentar saldo positivo nas trocas interestaduais (BAENINGER, 1999; BRITO, 2006).

1.1. Aspectos Históricos da Origem e Crescimento Urbano De São Bernardo Do Campo

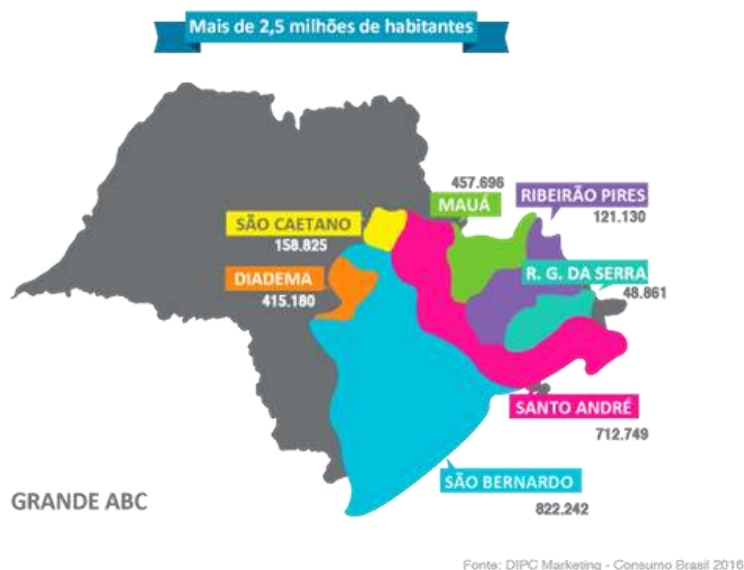
Pretendemos vislumbrar a favela do DER (espaço amostral onde observamos os fenômenos sociais que pesquisamos), iniciando por numa perspectiva de seu “ambiente externo” com visão macro e em seus diversos momentos históricos, passando por várias transformações desde sua origem: a depender dos períodos de industrialização e desindustrialização que a região tem experimentado nas últimas décadas. Cumprir-nos, portanto, esboçar breve visão dos aspectos geográficos e socioeconômicos da região, em seus diferentes momentos, para então, afunilando, compreender as influências do todo nas características da realidade da área de periferia eleita em nossa pesquisa.

A origem da cidade de São Bernardo do Campo¹², assim como das demais cidades do Grande ABC¹³, está ligada à antiga Vila de Santo André da Borda do Campo, na segunda metade do século XVI. Cidade que faz parte da Região do Grande ABC, pois divide limites com os municípios de Santos André, São Caetano do Sul, Diadema, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra e Mauá, se destaca como o maior município da Região do ABC com uma área de 408,4km².

¹² Informações disponíveis em: “Álbum Memória de São Bernardo do Campo”, - São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1981. 93p., texto de Fernando Henrique Cardoso, Jorge da Cunha Lima e Tito Costa.

¹³ Região do Grande ABC, ABC, ABC Paulista, ou ainda ABCD, também conhecida como ABC paulista ou ABCD, A região é composta por sete municípios localizados no Sudeste da Região Metropolitana de São Paulo que somam um total de 2.1 milhões de habitantes. Os sete municípios apresentam uma certa homogeneidade, isto é, o Grande ABC pode ser caracterizado como uma Região no sentido forte do termo. Isso se reflete principalmente nas suas dimensões econômicas e político-administrativas. Primeiramente, é uma região com uma importante presença da grande indústria automobilística e química, ramos que desempenharam um papel crucial na fase pós- 1950, ou seja, do processo de industrialização brasileira. É uma região nitidamente política, considerando que uma parcela expressiva de instituições como os Sindicatos (por exemplo, dos metalúrgicos e dos químicos), os meios de comunicação (o jornal Diário do Grande ABC, a Revista Livre Mercado etc.) e as entidades da sociedade civil têm uma representatividade e uma preocupação que transborda os limites deste ou daquele município. (KLINK,2009)

Mapa 02 – Região do Grande ABC, Divisão por Cidades



Logo após a década 1990, com as transformações afetas regionalmente, emerge na Região do Grande ABC a diretriz de uma articulação com governança regional na gestão da região, em parte explicada pela percepção dos problemas comuns a todas as 7 cidades espacialmente já conurbadas, bem como da profundidade do impacto das transformações sobre a região e o tamanho da crise econômica enfrentada ante o desemprego; surgindo desta intenção a criação do Consorcio Intermunicipal do Grande ABC, a Câmara e Agência de Desenvolvimento Econômico do ABC¹⁴ em 1998/2001, cuja sede está em Santo André. Essa diretriz de governança compartilhada da região impulsiona o surgimento de várias iniciativas de aproximação entre os atores regionais para a solução de problemas comuns regionalmente e, mais particularmente, aqueles relacionados ao tema de desenvolvimento econômico regional. Com um Conselho Diretor, um dos Prefeitos das 7 cidades do ABC é eleito bienalmente como presidente para gerir, ao lado do colegiado, os mecanismos de coordenação intermunicipal suprapartidário a qual KLINK (2009) denomina de “Cidade – Região”

¹⁴ Instituição estratégica para o crescimento regional das sete cidades. Constituída sob a forma de sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, tem capital compartilhado entre o setor privado – que detém 51% de participação das cotas associativas; e o setor público – que compreende as sete prefeituras, representadas pelo Consórcio Intermunicipal Grande ABC, com 49% das cotas de associados. O órgão tem como missão pensar e promover soluções integradas. Nesse sentido, atua para que a região tenha cada vez mais visibilidade no cenário nacional, seja competitiva, moderna e empreendedora com qualidade de vida para todos. Renan Muniz – rmsales@santoandre.sp.gov.br (consulta em 13/12/17)

A Região também começa a discutir a sua própria identidade. Em dezembro de 1990, presenciamos a criação do Consórcio Intermunicipal das Bacias do Alto Tamanduateí e Billings, que constitui um fórum de articulação intermunicipal entre os sete prefeitos das cidades com o objetivo de viabilizar mecanismos de coordenação intermunicipal suprapartidária. A princípio, definiu-se que o Consórcio trataria de diversos assuntos, desde a gestão ambiental, o gerenciamento e destino de resíduos sólidos até o desenvolvimento econômico local. (...) Agência conseguiu relativamente mais avanços na disponibilização de informações, publicando vários estudos sobre os pontos fortes e fracos da economia regional. Além disso, alavancou uma rede de parcerias com o setor público e privado para a implementação de projetos de desenvolvimento econômico regional. Em parceria com as secretarias de desenvolvimento econômico das cidades, a Agência protagonizou um conjunto de incubadoras de empresas (de base mista e tecnológica) visando ao fortalecimento da base técnico- lógica e empresarial das micro e pequenas empresas da região. (KLINK, 2009).

A 22 km do centro de São Paulo, 50 Km do Porto de Santos, 45 Km do Aeroporto Internacional e a 18 km do Aeroporto de Congonhas. Entrecortado por importantes rodovias como Anchieta, Imigrantes, Índio Tibiriçá e o Trecho Sul do Rodoanel, o município de São Bernardo do Campo, de codinome "cidade do automóvel" ou "Detroit brasileira" ou "capital do móvel", ou ainda "polo cinematográfico do País", sede de origem das grandes lutas sindicalistas com quarto maior PIB (Produto Interno Bruto) do Estado, pode ser descrita como área guarnecida de alta expertise na industrialização automobilística e de autopeças; uma das sete cidades do grande ABC, região metropolitana de São Paulo, com grande densidade de mão de obra especializada, científica e informacional, ou seja, conforme SANTOS, 2002, uma Região Concentrada¹⁵. Apesar de ser um dos municípios mais populosos da Região Metropolitana de São Paulo, São Bernardo do Campo tem uma densidade demográfica relativamente baixa, de 1.899 habitantes por quilômetro quadrado – o que se explica pelo fato de a zona urbana ocupar apenas 28,9% do território da cidade. Conforme quadro abaixo da Fundação SEADE-2011.

Quadro 2 – Densidade demográfica

¹⁵ A noção de Região Concentrada foi criada por Milton Santos e Ana Clara Torres Ribeiro em 1979. Características gerais para "Regiões Concentradas": Região de maior concentração populacional do território brasileiro; Desenvolvimento industrial; Economia mais dinâmica do país, responsável pela maior parte do PIB; Áreas super industrializadas e urbanizadas como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. tecnológico e urbano. Centro das decisões econômicas e políticas do país localiza-se na Região Concentrada; Abriga o maior parque industrial da América Latina (eixo Rio-São Paulo).

Região	2000	2010	2011
Diadema	11.632,5	12.588,5	12.688,4
São Caetano do Sul	9.130,3	9.712,6	9.772,8
Mauá	5.822,1	6.687,8	6.781,2
Santo André	3.712,0	3.867,4	3.883,3
São Bernardo do Campo	1.727,7	1.883,2	1.899,5
Rio Grande da Serra	1.009,4	1.197,5	1.218,1
Ribeirão Pires	1.051,7	1.139,3	1.148,4
Região do Grande ABC	2.849,7	3.089,8	3.115,1

Quadro 3- Percentual de crescimento da população

Município/Região	1991/2000	2000/2010
Rio Grande da Serra	2,42	1,72
Mauá	2,34	1,39
São Bernardo do Campo	2,42	0,85
Ribeirão Pires	2,31	0,79
Diadema	1,76	0,78
São Caetano do Sul	-0,72	0,63
Santo André	0,57	0,41
Região do Grande ABC	1,56	0,81
Região do Grande ABC (exceto SBC)	1,21	0,78
Município de São Paulo	0,88	0,76
Região Metropolitana de São Paulo	1,64	0,97
Estado de São Paulo	1,78	1,09
Brasil	1,63	1,17

Fonte: Fundação SEADE

De acordo com a Fundação SEADE, entre 2000 e 2010, a população de São Bernardo cresceu a um ritmo de 0,85% ao ano, inferior às médias estadual (1,09%) e nacional (1,17%) do mesmo período. Na década anterior, o ritmo de crescimento populacional do município foi de 2,42% ao ano, índice maior do que o estadual (1,78%) e nacional (1,63%).

Explica-se a diminuição do ritmo de crescimento pela inversão do fluxo migratório verificado na cidade (o que significa dizer que mais gente saiu do que chegou ao município a partir do ano 2000, em um movimento contrário ao verificado entre 1960 e 2000); e pela queda generalizada na taxa de fecundidade no país (o número de nascimento de crianças vivas em relação à população feminina em idade fértil diminuiu).

Mapa 3 – Município de São Bernardo do Campo- Divisão por Bairros

Grafada a localização do Bairro DER



Fonte: Secretaria de planejamento da Prefeitura de S.B.C. (Modificado e grafado pelo autor)

Neste trecho entendemos como necessário considerar breve relato histórico quanto ao surgimento de São Bernardo do Campo e sua posição estratégica como importante polo logístico e industrial, vez que, este ensejou a construção da Via Anchieta e o acampamento do DER às suas margens, dando origem então à favela do DER (nosso campo de pesquisa).

Segundo trabalho de pesquisa¹⁶ elaborada por Wanderlei dos Santos, no início do século XVIII, monges beneditinos instalaram uma fazenda próxima ao que atualmente seria a confluência das avenidas Senador Vergueiro e Kennedy, no Jardim do Mar, em São Bernardo do Campo. Fundou-se ali uma capela, dedicada a São Bernardo; assim, a fazenda e o bairro passariam a ser conhecidos pela mesma denominação, que dá nome até hoje ao município. Na época o deslocamento entre o litoral e São Paulo era feito através de vários caminhos e estradas e o mais importante deles passava pela extinta Vila de Santo André. Essa estrada ficou mais conhecida como “Caminho do Mar”. Em 1812, um alvará emitido pelo Príncipe Regente Dom João VI, permitiu que se elevasse São Bernardo à condição de Freguesia¹⁷ e a criação da Paróquia de São Bernardo¹⁸. Emergiu com o intenso fluxo de imigrantes; fato que causou grande crescimento populacional na região e com isso, em 1889, a freguesia conseguiu oficialmente sua autonomia em relação à cidade de São Paulo, surgindo assim o município de São Bernardo, que englobava em seus limites toda a região do atual grande ABC.

São Bernardo possuía um desenvolvimento econômico bastante superior em relação aos demais distritos que integravam o antigo município no início do século XX dada sua posição geográfica, sendo que, essa força vinha principalmente da mão de obra italiana; os italianos possuíam “know-how” com a produção de carvão, do corte de madeira e na arte da marcenaria. Alguns carvoeiros começaram a fabricar cadeiras e outros móveis, assim se tornando marceneiros. Começava a surgir uma atividade que se tornaria uma marca da cidade por décadas, a indústria de móveis. Até hoje São Bernardo possui o “corredor moveleiro” com dezenas de grandes lojas de moveis, de fabricação própria, dispostas ao longo da Avenida Jurubatuba à menos de 1 Km da favela do DER. Além disso, havia ainda na avenida Marechal Deodoro e suas proximidades, diversas outras indústrias voltadas para outras atividades produtivas, como bebidas, charutos, sabão e têxtil.

Quando uma lei municipal que concedia benefícios fiscais às empresas que se estabelecessem no município, foi sancionada a partir de 1911, o cenário econômico deu uma guinada para o crescimento. Fica evidente assim o início da industrialização de São Bernardo, a

¹⁶ Boa parte dos aspectos históricos deste trecho estão lastreados nas informações constantes na lavra de Wanderlei dos Santos, em “Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892”, publicado em 1951.

¹⁷ Freguesias eram as menores divisões administrativas de Portugal, diferente do Brasil onde o Município é a menor unidade. É nas “Ordenações do Reino”, emanadas pelo Rei, que as Freguesias e outras várias formas de administração vão aparecer e funcionar até a promulgação, em 1828, no Brasil, da Lei sobre Câmaras Municipais

¹⁸ Dados históricos extraídos da lavra de Leandro Henrique da Silva em “A Dinâmica da Divisão Internacional e Territorial do Trabalho: o exemplo de São Bernardo do Campo – SP” 2012

chamada “Detroit brasileira”. Nas duas décadas seguintes, muitas empresas de grande porte chegaram ao Município e várias se instalaram em locais lindeiros a mais próxima estação ferroviária (estação de Santo André) para facilitar a logística de seus produtos, fato que beneficiou o vizinho distrito de Santo André. Mais uma vez São Bernardo se viu ameaçada em seu desenvolvimento socioeconômico. Em pouco tempo Santo André ganhou mais desenvolvimento que São Bernardo, lembrando que, até então, Santo André era distrito de São Bernardo, gerando aí uma rivalidade comercial.

Nesta esteira, surgiu nos andreenses a pretensão de transferir a sede municipal para seu território, motivado pelo crescimento econômico maior em Santo André, o que de fato ocorreu em 1938, pelo interventor estadual Ademar de Barros que assinou um decreto transferindo a sede para Santo André e rebaixando São Bernardo a um mero distrito. Este fato é lembrado na letra do hino oficial de São Bernardo como uma injustiça que, de fato, que precisava ser reparado.

São Bernardo foi reconduzido a distrito de Santo André (em 1938), que tinha, na época, maior importância econômica e política. Adquiriu autonomia municipal em 30 de novembro de 1944, marcando o período em que São Bernardo iniciaria a sua escalada de industrialização- e que culminaria com a instalação o maior parque automobilístico do País, nas décadas de 50 e 60 (FSEADE/Perfil Histórico, São Bernardo do Campo).

Um grupo formado por empresários, comerciantes, profissionais liberais, funcionários públicos, operários e populares, chamado Sociedade dos Amigos de São Bernardo (denominados autonomistas) - sob a liderança de Wallace C. Simonsen, (ex- proprietário da atual Chácara Silvestre)- descontentes com a situação na qual a antiga sede se encontrava, solicitou ao governo estadual a emancipação do então distrito de São Bernardo, alegando que o crescimento local – em termos de população, arrecadação de impostos, etc. – era suficiente para justificar o pedido. (KLINK, 2001)

A emancipação do município acabou se tornando inspiração para composição do hino que é oficialmente reconhecido como de São Bernardo e, na verdade surgiu para celebrar este ato em 30 de novembro de 1944. Wallace Simonsen, o mais importante responsável pela emancipação e primeiro prefeito do município, escreveu a letra, que foi musicada por João Gomes, maestro da Corporação Musical Carlos Gomes. Os versos do referido hino aludem ao fato de que o território de São Bernardo estava, com a emancipação, reconquistando a autonomia que teve entre 1890 e 1938, quando fora sede de um município homônimo que

englobava o atual ABC paulista. Essa autonomia fora perdida em 1938 – quando Santo André passou a ser sede e conferir o nome a esse município – e recuperada depois de um árduo trabalho político, em 1944, quando um decreto estadual emancipou o território de São Bernardo da área controlada por Santo André.

Neste tempo, o antigo “Caminho do Mar”, já não suportava mais o tráfego pesado e, não atendendo mais a demanda logística das indústrias que desaguavam seus produtos no Porto de Santos. Além disso, era sinuoso e perigoso, em seu trajeto antigo, “dependurado” na encosta da serra do mar. Desde o início da década de 1930, já se discutia a ideia da construção de uma nova via de ligação entre São Paulo e o Porto de Santos.

As obras de uma rodovia que iria se tornar um marco da moderna engenharia brasileira, e uma “guinada” histórica de São Bernardo do Campo, começaram em 1940: a importante Via Anchieta, partindo do Ipiranga, em pista dupla, atravessava suavemente o planalto, e rasgava a Serra do Mar com curvas consideradas na época extremamente suaves. Além disso, o seu trecho serrano tinha um aclave/declive muito suave se comparado ao do Caminho do Mar.

Pela presença de mão-de-obra na região, também por incentivos fiscais concedidos pelo município, um grande número de empresas, até multinacionais, instalaram-se na região após a década de 1950, incentivadas pelas facilidades logísticas proporcionadas pela rodovia recém-inaugurada. Em consequência da vinda de gigantescas indústrias automobilísticas como a Volkswagen, Ford, Scania, Mercedes-Benz e de múltiplas fábricas de autopeças como a Perkins, Gemmer e Mangels, a região converte-se, nas décadas de 50, 60 e 70, num dos principais polos industriais do país, atraindo enorme contingente de mão-de-obra que era absorvida em seus postos de trabalho; contingente este que aumentava exponencialmente com a chegada de miríades de migrantes de várias regiões do país.

1.2. Desigualdade socioespacial gerada pela industrialização no ABC

Se a industrialização na região produziu riquezas, há que se considerar que gerou também muita desigualdade, até mesmo entre a disputa por recepcionar indústrias para o parque industrial de cada município de forma não isonômica. Conforme assevera Noronha em seu livro “Trocas materiais e simbólicas em Rio Grande da Serra”, analisar aspectos da industrialização

do Grande ABC, ao qual São Bernardo do Campo faz parte, tem como intuito compreender por que tal fenômeno se deu de forma desproporcional em seu conjunto, impactando na desigual distribuição em volume e qualidade dos equipamentos urbanos no espaço territorial, centro e periferia NORONHA (2016). Não é nossa pretensão aqui, envidar esforços para traduzir as motivações e estratégias da política- econômica da época e como levaram a região a entrar no processo de industrialização e desindustrialização e sim, observar as transformações pelas quais a região passou, em particular a favela do DER em São Bernardo do Campo. A negligência das análises sobre desigualdades socioespaciais através da ausência dos tipos de usos do território pela população, pelas empresas, pelas instituições e sua divisão entre lugares, revela, por sua vez, a desconsideração do espaço de todos, do convívio mútuo, porém desigual, isto é, do espaço banal SANTOS, (2008). Para CUNHA (2005) os estudos do fenômeno da migração e da urbanização brasileira são requisitos fundamentais para entender-se não apenas a dinâmica demográfica atual (realidade da periferia urbana), mas também para prever suas tendências futuras.

No Brasil, segundo Lucas Chancel, , e Thomas Piketty, autor de "O Capital no Século XXI", 55%, das riquezas estão concentradas nas mãos de 1% da população, isto confirmado por relatório recentes¹⁹ sobre desigualdades, produzido por um grupo de 100 pesquisadores de 70 países, que compara de maneira inédita a distribuição da riqueza a nível mundial e sua evolução em quase quatro décadas. O documento mostra que as desigualdades aumentaram profundamente desde a década de 1980, isto claramente retratado nas diferenças espaciais, tais como “bolsões da pobreza” tão próximos aos luxuosos condomínios da classe alta, conforme se observa em imagem 1.

“O relatório detalha como os grandes negócios e os indivíduos que mais detêm a riqueza mundial estão se alimentando da crise econômica, pagando menos impostos, reduzindo salários

¹⁹ . Cf. organização OXFAM, 1 em cada 10 pessoas no mundo sobrevive com menos de US \$ 2 por dia. Relatório do Fórum Econômico Mundial (2016) sobre desigualdade social. Os números da desigualdade foram extraídos do documento Credit Suisse Wealth Report -2016

Disponível em: https://www.oxfam.org.br/noticias/8-homens-tem-mesma-riqueza-que-metade-mais-pobre-do-mundo?gclid=EAIaIQobChMIiJvu_tPm2AIVEQuRCh25mAGhEAAYASAAEgJ21vD_BwE> Consulta em 20/01/18

e usando seu poder para influenciar a política em seus países”, afirma Katia Maia, diretora executiva da OXFAM²⁰ no Brasil.

Imagem 1- Visão da favela do Paraisópolis – 2017



Fonte- Nilson Fukuda

1.3. Periferia Urbana

Para melhor compreensão de tais fenômenos, cumpre definir o que haveremos de considerar conceitualmente por “periferia urbana” vez que, significativas transformações sócio espaciais e urbanizações desiguais ocorreram com o crescimento da área urbana e o processo de industrialização da cidade, alterando também o conceito de periferia.

A partir dos anos 70, a sociologia brasileira tem analisado a pobreza urbana; os espaços urbanos ocupados por esses grupos sociais foram caracterizados como "periferias" – “a priori” tidos por espaços socialmente homogêneos, deixados de lado pelas políticas do Estado, e tipicamente localizados nas extremidades da área do perímetro urbano. Estes espaços eram, via de regra, constituídos em um loteamento irregular ou ilegal ou mesmo de uma ocupação por invasão, com a maioria das moradias sendo “autoconstruídas” de forma precária, sem o atender as exigências para a aprovação do assentamento e descumprindo também as normas edículas previstas no código de obras do município.

²⁰ A OXFAM se tornou umas das organizações não governamentais internacionais líderes no trabalho de ajuda humanitária para pessoas em situações de emergência no mundo. Hoje, é uma confederação de 20 organizações presentes em 94 países e que atuam pela redução da pobreza, erradicação da fome e das desigualdades.

Supunha-se que a cidade fora formulada com um pronunciado declínio do valor das terras, das atividades econômicas e das condições de vida, isto a partir do centro em direção às extremidades onde ficava espacialmente a periferia (BONDUKI e ROLNIK, 1982; VILLAÇA, 1999; e TASCHNER e BÓGUS, 2000). De outra maneira, é plausível entender que a forma urbana seria "dual", contrastando fortemente o centro rico com as periferias muito pobres e com a total ausência do Estado ou contando com os piores serviços públicos prestados. Entretanto, essas características de homogeneidade na tipologia das construções, formas de assentamento e localização das periferias têm sido ultimamente questionadas, face às mudanças significativas ocorridas, a saber:

- 1- Surgimento de empreendimentos urbanos fechados tais como o “Swiss Park” em São Bernardo do Campo, área, tradicionalmente ocupada pelos pobres, embora a ocupação desses condomínios produza verdadeiros “enclaves”, com altos muros de fecho e portarias intransponíveis, sem nenhum contato entre os grupos sociais;
- 2- Disseminação da pobreza e de pobres por toda parte da cidade, com o consequente surgimento de nova onda de favelas; múltiplas invasões de frações pequenas de terra não ocupadas pela urbanização, pequenos espaços entre pontes e margens de rios ou linhas férreas são alvos de ocupação desregrada;
- 3- Os programas de urbanização das favelas, embora a passos lentos, onde o Estado se faz presente nas periferias, no que respeita à prestação de serviços públicos. Isto, em parte pode ser explicado pela pressão dos movimentos sociais²¹ na década de 80.

Após revisar na literatura especializada em questões urbanas periféricas, teorias e conceitos úteis, observamos que, o conceito de “periferia urbana” é complexo e relacional. (BARRERA, 2012, p.20). Complexo porque sua explicação exige diversos fatores, não apenas econômico, mas sociais e culturais. Relacional porque a periferia só se explica em oposição ou como contraparte dos centros urbanos privilegiados.

Já CALDEIRA, 2003, dissertando sobre “periferia urbana” dá um passo à frente e formula um conceito afeto à periferia, ao qual denomina de “segregação espacial”. Entendamos aqui o conceito de segregação também relativo às regras que organizam o espaço urbano com padrões de diferenciação e separação. A autora, falando da “periferia urbana de São Paulo”

²¹ No Brasil, os movimentos sociais dos anos 1970/1980, contribuíram para a conquista de vários direitos sociais, que foram consagrados na nova Constituição Federal de 1988. Ficaram em evidência os movimentos sociais populares articulados por grupos de oposição ao regime militar e os movimentos sindicais com núcleo central em São Bernardo do Campo.

assevera que há segregação tanto social, quanto espacial nas cidades e que esta regra está estruturada pelo menos de três formas distintas no espaço urbano:

- 1- A primeira estendeu-se do final do séc. XIX até os anos 1940 em que diferentes grupos sociais se comprimiam numa pequena área urbana e eram então separados pela tipologia da moradia que ocupavam (pobres morando em cortiços);
- 2- A segunda forma urbana denominada por CALDEIRA de “centro-periferia”, vai dos anos 40 aos 80, onde diferentes grupos sociais são separados por grandes distâncias; as classes média e alta concentradas em bairros centrais com infraestrutura e os demais nas áreas precárias das distantes periferias;
- 3- Uma terceira forma está se configurando desde 1980, onde os diferentes grupos estão bem próximos, porém separados por muros e tecnologias de segurança e tendem a não interagir e não circular em áreas comuns e a autora denomina este modelo de “enclave fortificado”. São espaços privatizados e monitorados o tempo todo. Caldeira vê nessa mudança a necessidade de alterar-se o mapa cognitivo da segregação social na cidade. (CALDEIRA, 2003, pag.211).

Pelo quanto exposto, por “periferia urbana” também haveremos que considerar conceitualmente o entendimento de ser o lugar da “negativa do urbano” lastreado com a pobreza, com alto nível de vulnerabilidade social (MÁRQUEZ 2004) e somado à violência (CALDEIRA, 2003). Trabalharemos com a conceituação de ‘periferia urbana’ no sentido “lato sensu”, quando estivermos em situações onde se constate a ausência do Estado com as devidas políticas públicas que promovam infraestrutura nos locais de moradia, com implantação de equipamentos públicos para educação, saúde, transporte, segurança, etc.; combatendo o alto nível de vulnerabilidade social, provendo os requisitos mínimos de meios de sobrevivência com qualidade de vida e suficiência de renda ante políticas sociais e promoção de trabalho.

Para Melazzo, foi a presença das fábricas que subverteu a ordem urbana, deteriorando a vida dos moradores da cidade, em maior proporção na região periférica. A crescente densidade de edifícios, a redução da área de pomares e jardins, a poluição dos rios, resultaram numa apropriação predatória do espaço urbano, com índices alarmantes de insalubridade, o que logo se refletiu nas taxas de mortalidade. Esta subversão da ordem urbana foi denominada por ele de “urbanização desigual” em seu escrito “*Globalização e urbanização subdesenvolvida*”.

O resultado desse processo que chamaremos de urbanização desigual, são as gigantescas metrópoles industriais fordistas subdesenvolvidas, concentradoras

da produção industrial e da massa de mão-de-obra disponível e marcadas pela divisão social do espaço urbano, que Lipietz (1985) chamou de aglomerações paternalistas típicas do fordismo periférico. Segundo Sampaio Jr. (1999b:425), já na década de 70 Caio Prado Jr. Vislumbrava o caráter excludente dessa forma de urbanização, “a inexorável desarticulação da industrialização agravaria de maneira gigantesca o excedente estrutural de mão de obra, o qual, pela sua magnitude absoluta e *pela sua elevada concentração nos centros urbanos*, tenderia a tornar cada vez mais difícil e traumática a sua posterior integração no desenvolvimento capitalista, agravando ainda mais a crise social” (MELAZZO 2010)

Já na ótica de Barrera, a desigualdade social, marcante na “periferia urbana”, também é vista como um fenômeno de efeito colateral decorrente do capitalismo industrializado no século XX, como segue:

O desenvolvimento de grandes cidades nos países da América Latina, no decorrer do século XX, conhecido como processo de urbanização e que resultou do avanço do capitalismo industrializado e da modernidade em geral, produziu um ordenamento geográfico, econômico, político e social diferenciado: centros urbanos com regiões que concentram maior poder político e econômico, e espaços periféricos desprovidos de infraestrutura básica e pouca ou nula presença do Estado. As cidades expressam um problema estrutural na medida em que sua própria constituição produz e reproduz desigualdades sociais, culturais e econômicas. BARRERA (2014).

A guisa de não desfocar do cerne de nossa pesquisa cumpre informar que serão considerados estes elementos no processo de análise quanto ao “*modus*” de convivência dos grupos religiosos (foco nos pentecostais) em relação aos migrantes e seus descendentes. Para tal, cumpre também balizar o que conceitualmente está sendo considerada como categoria “migrante” neste estudo, vez que, o processo de migração na região do ABC paulista está intrinsecamente relacionado com a industrialização e com a consequente aglomeração espacial urbana fomentada pelo processo de industrialização.

1.3.1 Figura Conceitual do Migrante

No aglomerado do espaço urbano surge a figura do “migrante”. A categoria “migrante” frequentemente tem sido utilizada na literatura de forma abstrata e sempre atinente aos fluxos

migratórios ou deslocamento de populações. Consideramos migrante, conceitualmente, àquele que se insere em uma realidade social, bem definida por laços sociais (familiares, grupos de vizinhança, valores, ideologias, etc.), que o caracterizam como pertencente a um determinado espaço social e cultural e potencialmente habilitado²² a deslocar-se de seu “habitat” de origem. Em outra ótica, sob o prisma de três escolas interpretativas²³, considera-se “migrante” um trabalhador (a) produzido (a) no bojo de determinadas relações sociais, as quais, muitas vezes, resultam de processos de violência e expropriação, seja ele “temporário” ou permanente, (SILVA 2005).

SINGER (1976) desenvolveu uma das abordagens mais marcantes sobre o “migrante” e o fenômeno migratório na perspectiva sociológica. Ele parte da hipótese economicista que relaciona o “migrante” como um elemento derivado da industrialização, inclusive descrevendo a maneira de como ocorre a aglomeração espacial (considerada a pessoa do migrante, agora como morador na metrópole) provocada pelo processo de produção industrial. Nesta linha de raciocínio, após deflagrado o processo de industrialização, como foi no caso de São Bernardo do Campo, há um afluxo de população para a região, passando a apresentar forte crescimento demográfico e “urbanização desigual”, fato que traz consigo um aumento do consumo de bens e serviços, e em efeito cascata atrai outras atividades produtivas, promovendo demanda para a vinda de mais “migrantes” na região. Esta concepção reduz o migrante a um mero fator econômico da industrialização.

A necessidade de utilizar uma mesma infraestrutura de serviços especializados e a possibilidade de usufruir de “economia externas” (migrante) decorrente da complementaridade que se verifica entre os estabelecimentos industriais, são os principais fatores explicativos. SINGER (1976)

Na ótica de SINGER, a industrialização envolve deslocamento de atividades e de população, provocando desigualdades regionais de tal modo que uma área fica esvaziada e outra extremamente adensada. O elemento “migrante” emerge neste cenário de desequilíbrio, deixando sua cidade de origem e vindo a ocupar áreas urbanas na metrópole para moradia. Por sua vez, com as disparidades regionais, as populações das regiões empobrecidas que não

²² Cf. PAES, 2011, há diversas maneiras de abordar a questão migratória, pode ser por sua dimensão ética, social econômica, entre outras. Tal habilitação se dá do ponto de vista do perfil do indivíduo como um potencial migrante neste cenário, ou seja: alguém que pode transferir-se de localidade em busca de ascensão.

²³ As interpretações neoclássicas, histórico-estruturais e da mobilidade do trabalho colocam a categoria do trabalho no centro das reflexões sobre a figura do migrante, (SILVA, 2005).

ofereceram oportunidades econômicas, experimentam um quadro de expulsão de contingentes demográficos, surgindo aí a figura do “migrante forçado”.

Há uma maior diversidade de configurações da categoria “migrante”, sobressaindo-se os “migrantes sazonais” e novas modalidades de migrantes em ‘movimentos pendulares’ como migrante de retorno e no geral, um crescimento do “migrante de curta distância”.

De acordo com os conceitos básicos de migração segundo a OIM, Organização Internacional para as Migrações, a figura do “migrante”²⁴ consta em diferentes definições neste documento, a depender da motivação exercida para migrar.

- 1- **Migrante:** Aquela que faz parte do movimento de população para o território de outro Estado ou dentro do mesmo que abrange todo movimento de pessoas, seja qual for o tamanho, sua composição ou suas causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desarraigadas, migrantes econômicos (p. 38).
- 2- **Migrante econômico:** pessoa que, tendo deixado seu lugar de residência ou domicílio habitual, busca melhorar suas condições de vida num país diferente daquele de origem. Este termo se distingue de “refugiado” que foge por perseguição ou do refugiado de fato que foge por violência generalizada ou violação massiva dos direitos humanos. (...) Da mesma forma, o termo se aplica às pessoas que se estabelecem fora de seu país de origem pela duração de um trabalho sazonal ou temporário, chamadas de “trabalhadores temporários” ou sazonais (p. 42).
- 3- **Migrante forçado:** termo genérico que se utiliza para descrever um movimento de pessoas em que se observa a coação, incluindo a ameaça de vida e de subsistência, bem como por causas naturais ou humanas (por exemplo: movimentos de refugiados e de deslocados internos, bem como pessoas deslocadas por desastres naturais ou ambientais, desastres nucleares ou químicos, fome ou projetos de desenvolvimento) (p. 39).
- 4- **Migrante** em nível internacional não há uma definição universalmente aceita do termo “migrante”. Esse termo, geralmente, abrange todos os casos em que a decisão de migrar é tomada livremente pela pessoa em decorrência de “razões de conveniência pessoal” e sem a intervenção de fatores externos que a obriguem. Desta forma, esse termo se aplica

²⁴ Para nosso estudo, estamos evidenciando o ponto de vista no que concerne ser o “migrante” o indivíduo que faz parte de processo progressivo de redes que ligam as pessoas e grupos distribuídos em diferentes locais, maximizando as suas oportunidades econômicas através de deslocamentos múltiplos”. (PORTES e BÖRÖCZ, (1989, p.614).

às pessoas e a seus familiares que vão para outro país ou região com vistas a melhorar suas condições sociais e materiais, suas perspectivas e de seus familiares (p. 41).

1.4. São Bernardo em Ascensão e Queda quanto à atração para o Migrante

De acordo com Leandro Silva, os quadros 5 e 6, abaixo descritos, mostram dados sobre as atividades econômicas distribuídas por setores de atividade em São Bernardo do Campo (cidade onde se encontra nossos “lôcus” de pesquisa). O contingente populacional do município em 2010 era, segundo o IBGE, de 765.463 mil habitantes e a tabela também apresenta o total de pessoal ocupado (com trabalho) de 328.374 mil pessoas. A razão entre essas duas variáveis corresponde a 42, 9 % da população. Chama atenção o número de ocupados no setor da indústria da transformação de quase 32 %. Caso sejam somados, este último percentual com o comércio ligado a reparação de veículos automotores tem-se um valor total de aproximadamente 50 por cento das atividades relacionadas as industriais. (SILVA 2012).

Quadro 4– São Bernardo do Campo. População residente por naturalidade em relação ao município e a unidade da federação. 2010.

Naturalidade em relação ao município e à unidade da federação	Variável	
	População residente (Pessoas)	População residente (Percentual)
Total	765.463	100,00
Naturais do município	349.205	45,62
Não naturais do município	416.258	54,38
Naturais da unidade da federação	554.518	72,44
Não naturais da unidade da federação	210.945	27,56

Fonte: IBGE, Censo demográfico, 2010.

Quadro 5– São Bernardo do Campo. Unidades locais e pessoal ocupado total por divisão da classificação de atividades (CNAE 2.0), 2010.

Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0)	Variável		
	Número de unidades locais (Unidades)	Pessoal ocupado total (Pessoas)	Pessoal ocupado total (Percentual)
A Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	20	58	0,02
B Indústrias extrativas	2	X	X
C Indústrias de transformação	2.020	104.358	31,78
D Eletricidade e gás	1	X	X
E Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	36	1.376	0,42
F Construção	765	21.001	6,40
G Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	10.070	53.838	16,40
H Transporte, armazenagem e correio	2.108	25.383	7,73
I Alojamento e alimentação	1.642	10.730	3,27
J Informação e comunicação	1.678	9.351	2,85
K Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	529	6.017	1,83
L Atividades imobiliárias	232	837	0,25
M Atividades profissionais, científicas e técnicas	1.625	8.406	2,56
N Atividades administrativas e serviços complementares	3.502	41.248	12,56
O Administração pública, defesa e seguridade social	18	14.508	4,42
P Educação	619	12.102	3,69
Q Saúde humana e serviços sociais	889	7.684	2,34
R Artes, cultura, esporte e recreação	284	1.489	0,45
S Outras atividades de serviços	1.761	9.982	3,04
T Serviços domésticos	-	-	-
TOTA	27.801	328.374	100

Fonte: IBGE - Cadastro Central de Empresas, 2010.

Segundo SILVA (2012), cruzando-se os dados das duas tabelas supra, observa-se no quadro 5 o alto percentual de ocupados no setor da indústria da transformação; isto pressupõe a atração da mão de obra de outras regiões (migrantes) contribuindo para o descompasso e consequente desigualdade socioespacial, vez que, no caso desta região, mais da metade da população residente (54,38%) não nasceu em São Bernardo do Campo. Os migrantes vieram, sobretudo, do Estado de São Paulo (72,44%), mas quase um terço (27,56%) são naturais de outros Estados, reforçando o município como uma grande área de atração populacional.

Lembrando que a atração de migrantes de diversas áreas do país, principalmente migrantes da zona rural, estava ligada a necessidade de força de trabalho das grandes fábricas automobilísticas devido ao modelo de produção, esta é uma das principais razões do processo migratório.

Quadro 6– Saldos migratórios anuais e taxas anuais de Migração²⁵ no ABC

Região	Saldos migratórios anuais		Taxas anuais de migração (por mil habitantes)	
	1991/2000	2000/2010	1991/2000	2000/2010
São Bernardo do Campo	5.801	-1.483	9,17	-2,02
Diadema	-895	-2.160	-2,71	-5,82
Mauá	1.572	899	4,79	2,30
Ribeirão Pires	891	-161	9,44	-1,48
Rio Grande da Serra	245	231	7,35	5,69
Santo André	-3.376	-2.368	-5,34	-3,58
São Caetano do Sul	-1.753	623	-12,10	4,30
Município de São Paulo	-50.824	-32.814	-5,07	-3,03
Região Metropolitana de São Paulo	24.399	-30.362	1,47	-1,62
Estado de São Paulo	147.443	47.946	4,31	1,23

Fonte: SEADE.

Conforme CARDOSO (1981, p.48) na década de 1980, 47% da população de São Bernardo do Campo trabalhava principalmente no setor da indústria da transformação, com o número surpreendente de 71,4% da população ativa. Hoje, porém, esse número foi reduzido a 31,78%, na época de ouro fordista, portanto, as contratações no setor industrial eram expressivas. Atualmente, houve uma redução da população ativa para 42,8%.

Embora a chegada de migrantes tenha reduzido a partir do ano 2000, São Bernardo do Campo ainda era, em 2010, um município formado majoritariamente por pessoas nascidas fora

²⁵ O saldo migratório estimado considera a diferença entre o crescimento populacional proveniente dos Censos Demográficos (IBGE) e o saldo vegetativo calculado a partir do Sistema de Estatísticas Vitais do Estado de São Paulo (SEV), processado pela Fundação Seade. Para a população de 2010 foram utilizados os primeiros resultados do Censo Demográfico, divulgado pelo IBGE, em 29/11/2010. Fonte: SEADE.

de seus limites geográficos. Segundo o Censo de 2010, 52,3% dos munícipes (ou cerca de 400 mil pessoas) tinham origem em outros locais do país. Do total da população do município naquele ano, 30,5% nasceram em outras cidades do Sudeste, enquanto 17,6% tinham a região Nordeste como local de origem.

O caminho do Porto de Santos, com a abertura da Via Anchieta e posteriormente a Rodovia dos Imigrantes, privilegiou muito o desenvolvimento econômico de São Bernardo do Campo em comparação às demais cidades do Grande ABC. Entretanto, mesmo tendo significativa capacidade orçamentária (4º maior PIB do Estado) e apesar de possuir alguns bairros nobres, a cidade possui a terceira maior área de Favela da RMSP, conforme BARRERA (2012), caracterizada por profundas desigualdades.

Quanto às desigualdades socioespaciais se explica pela ausência da ação regradora do poder público na cidade. No caso de São Bernardo do Campo, a Prefeitura Municipal através de sua Secretaria de Planejamento, em sua competência típica, cumpriria com imparcialidade regerar as implantações no planejamento municipal, nos aspectos urbanístico, ambiental, social e regional na cidade e melhor distribuir as intervenções, fiscalizar e controlar o uso e ocupação do solo quanto aos projetos de obras de iniciativa particular e os projetos de obras urbanas das concessionárias de serviços públicos, contribuindo para minimizar os impactos de muitas desproporções, até mesmo de desigualdades socioespaciais. A guisa de melhor exemplificar a competência do poder público, analogamente em uma de suas ações desidiosas quanto ao seu “poder-dever” de gestão pública, cito apenas uma situação problema por nós detectada²⁶, no Bairro Demarchi, onde o sistema viário já se encontrava comprometido com “gargalo” na avenida Maria Servidei Demarchi e mesmo assim, à revelia, aprovou-se a implantação de vários condomínios com padrão classe média, bem como construção de hipermercado no local,

²⁶ A região contempla em sua principal avenida Maria Servidei, o centro comercial denominado “Rota dos Restaurantes”, cuja origem remonta à época das imigrações italianas com sua forte influência na culinária brasileira. Com o sistema viário notoriamente já comprometido, esta mesma avenida atende também o sistema logístico das empresas Volkswagen, Basf, Yoki, etc., e as grandes transportadoras cegonheiras instaladas na região do Bairro Demarchi, para desembocar na via Anchieta e rodoanel, toda demanda logística da região. As 7h30 da manhã, por exemplo gasta-se média de 30 minutos para percorrer apenas 2 quilômetros. Carolina Bracco Delgado de Aguiar em “Espaço Urbano em S.B.C.”, ao apresentar a Planta Geral de intervenções do Programa São Bernardo Moderna, com objetivo de atenuar os pontos críticos do tecido intra-urbanos, apresenta a necessária obra de duplicação da Estrada Galvão Bueno (continuação da avenida Maria Servidei Demarchi), isto para inverter um pouco da demanda de veículos da avenida Maria Servidei que está estrangulada, direcionando para a Rodovia dos Imigrantes.

edificações que são verdadeiros polos geradores de tráfego. Impossível sair do Bairro Demarchi em horário de pico, com este crescimento desordenado.

Atentando para o surgimento das vilas e crescimento das áreas periféricas urbana, implantadas concomitantemente ao surgimento do polo industrial, com maior concentração na década de 90, a cidade foi afetada pelo impacto das grandes alterações ocorridas na economia, aliada a um plano econômico nacional que endividou o país (vez que ficamos refém do FMI por muitos anos). Dentre as variáveis que impulsionaram transformações estruturais no mercado de trabalho, na organização da produção e no fenômeno da desindustrialização (que já se delineavam nas décadas anteriores) citamos a abertura comercial e o acirramento da competição internacional. Em São Bernardo, o setor industrial perdeu parcela de sua importância, ao mesmo tempo em que cresceu o setor de serviços e a economia informal.

Podemos tomar como “situação problema” a montadora da Volkswagen em São Bernardo do Campo. Após sua fundação em 1959, a empresa contava com 5 mil trabalhadores. Até o final da década de 1970 chegou a empregar diretamente 44 mil, em 2012 contava com 13,5 mil, e diminuindo hoje para 10 mil. Isto sem desprezar a redução de funcionários causada pelo ganho tecnológico, e modernas ferramentas de gestão. Porém, em pouco mais vinte anos esse parque industrial que se formou em São Bernardo começaria a se desintegrar. O quadro 7 apresenta os dados sobre a população ocupada e o emprego formal a partir de 1991 a 2010.

Quadro 7– São Bernardo do Campo. Emprego formal e Pessoas de 10 anos ou mais ocupadas por setor de atividade (%). 2010.

Emprego total e participação dos setores (%)	1991	2000	2010
Empregos Formais	198.642	188.908	282.678
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura	0,05	0,03	-
Construção	1,89	3,18	3,8
Indústria	62,32	46,71	35,5
Comércio Atacadista e Varejista e do Comércio e Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas	7,56	11,67	14,7
Serviços	22,92	38,42	46,1

Fonte: Fundação SEADE – Informações dos Municípios paulistas, 2012.

Certamente tais eventos protagonizam a desigualdade social. MELAZZO (2010) depreende que o reconhecimento da desigualdade social não é uma coisa nova. O contraste social marcado pela enorme distância entre pobres e ricos serviram de realidade empírica para as primeiras análises de desigualdade social gerada pelo desenvolvimento do capitalismo.

A Busca por regiões com mão de obra cada vez mais barata, o aceno de outros Estados com isenções de impostos e terrenos a preços simbólicos, dentre outras variáveis, culminaram com a redução da produção das fábricas em São Bernardo. A Ford transferiu boa parte da linha de montagem para a Bahia. Nos anos 70 a Fiat chegou ao Brasil abrindo sua planta em Betim (MG), antecipando o êxodo da indústria automobilística da cidade. Às margens da via Anchieta podemos avistar um símbolo marcante desse novo período de desindustrialização: o prédio abandonado da Karmann-Ghia, a um quilômetro da favela do DER, que teve a falência decretada pela Justiça em 2016.

Imagem 2– Fábrica da Karmann-Ghia, na Anchieta.



Fonte: Gomes, F. 2016.

O fenômeno da industrialização/desindustrialização e da urbanização desregrada, vem mesmo atrelados aos reflexos funestos na esfera socioeconômica, a saber: o rápido surgimento de uma ocupação irregular da periferia, em contraste com centros urbanos privilegiados pela presença dos serviços públicos, denotando o agravamento das desigualdades sociais, culturais e econômica. A proliferação de ocupações clandestinas e de favelas com falta de infraestrutura em educação, saúde e transportes na periferia, atreladas ao aumento da especulação imobiliária, entre outros aspectos, são, a ‘grosso modo’, intrínsecos a todo processo de agravamento das desigualdades no território. Veja na Imagem 3 e 9 um exemplo plausível desta discrepância.

Imagem 3– Vista parcial do Centro - São Bernardo do Campo, com identificação da Favela do DER, (circundado em vermelho) ao fundo logo atrás do Estádio da Vila Euclides - (2012)



Fonte: Google

1.5. Favelização

O termo favela nasce no senso comum como metáfora de uma planta nordestina, "favella", que cobria os morros que circundavam (VALLADARES, 2005. p. 29). As favelas²⁷ são originárias do século XX como alternativa para a população excluída, embora haja evidências de seu surgimento ainda no século XIX. Taschner (1997:5-10), assevera que, em São Paulo as favelas se originaram por volta da década de 1940. Como fenômeno metropolitano são: a periferia da periferia, territórios de ilegalidade, de exclusão social e expressão da desigualdade. As definições de favela traduzem bem algumas de suas principais características tais como: ausência do Estado, ilegalidade fundiária e urbanística.

O IBGE (2000) conceitua o setor aglomerado subnormal (favela e seus assemelhados) como:

“Conjunto constituído por no mínimo 50 domicílios, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) dispostos, em geral, de forma desordenada, densa e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais. O que caracteriza um aglomerado subnormal é a ocupação desordenada e que, quando da sua implantação, não houvesse posse da terra ou título de propriedade”

²⁷ A origem do nome favela remete à Guerra de Canudos. O povoado de Canudos, que desafiou o governo federal, foi construído perto de um morro chamado Favela, nome de uma planta da região.

Bueno (2000) define as favelas como “aglomerados urbanos em áreas públicas ou privadas, ocupadas por não-proprietários, sobre as quais os moradores edificam casas à margem dos códigos legais de parcelamento e edificação”.

Para o UN-HABITAT, as favelas são:

“Assentamentos que carecem de direitos de propriedade, e constituem aglomerações de moradias de uma qualidade abaixo da média. Sofrem carências de infraestrutura, serviços urbanos e equipamentos sociais e/ou estão situadas em áreas geologicamente inadequadas ou ambientalmente sensíveis”. Apud BLANCO Jr (1998, p.11).

Há teóricos que caracterizam o fenômeno da favelização como a periferização da população metropolitana evidenciado nas décadas de 1970 e 1980 e intensificado na década de 1990, porém no nosso entendimento, favela não é tão simples assim de caracterizar. Não há mais como definir favela com um perfil de tipologia estanque. Os bairros periféricos crescem rapidamente nas grandes cidades e se modificam. Segundo Maricato (2001), “das 12 regiões metropolitanas, os municípios centrais cresceram em média 3,1% entre 1991 e 1996, enquanto que os municípios periféricos e aglomerados subnormais cresceram 14,7%”.

O termo (Favela) chegou ao Rio de Janeiro para denominar uma parte do Morro da Providência, por semelhança com um “morro de Favela” existente na Bahia, de onde vieram, após a “Guerra dos Canudos”²⁸, em 1897, alguns dos primeiros povoadores. Em São Paulo, segundo RODRIGUES (1988), a favela expande-se por volta da Segunda Guerra Mundial. CARRIL, (2006).

Segundo Denaldi (2003), a proibição de cortiços nas metrópoles, também contribuíram para a ocupação de áreas irregulares.

No início do século XX, as intervenções sanitárias seguidas por demolições de cortiços constituíram um mecanismo de expulsão da população de áreas centrais. Um dos casos mais importantes no Brasil é o da remodelação urbanística (Reforma de Passos) no Rio de Janeiro, no começo do século XX, realizada pelo engenheiro Francisco Pereira Passos (1902-1906), quando foram destruídos milhares de domicílios. A expulsão levou parcelas dessa população a invadir os morros e constituir as favelas.

O crescimento da população favelada excluída se acentuou de forma vertiginosa em 30 anos (1950 a 1980). Maricato (2001) apresenta números traduzindo a ordem de grandeza desse exponencial crescimento neste período.

²⁸ No Rio de Janeiro registra-se que uma das grandes favelas teria surgido em 1897, quando soldados vindos da guerra de Canudos ocuparam um morro da região portuária, ‘Morro da Favela’ (Providência), onde construíram moradias precárias.

“O crescimento da população favelada no município de São Paulo foi da ordem de 446%, enquanto a população total cresceu 44%, de acordo com dados do IBGE - 1980. No Rio de Janeiro a população total da cidade cresceu duas vezes durante o período de 1950-1980, enquanto a população favelada cresceu quase dez vezes no mesmo período, perfazendo um total de dois milhões de pessoas, ou seja, um favelado para cada três habitantes (em 1980).” (MARICATO, 1987: 65)

Após quase um século da existência de favela observa-se grandes mudanças não somente em sua tipologia ou “modus” de ocupação. Em nosso entender, a imagem da favela associada ao ‘barraco’ não corresponde mais à realidade na maioria das favelas em metrópoles. Há uma diversidade de tipologias e “a invasão, gradual ou repentina, individual ou em grupo, de uma terra sem infraestrutura, com a autoconstrução de uma moradia com material provisório como madeira, lona plástica”, deixam de ser características predominantes, embora ainda haja ocupação com estas características, conforme ocupação em andamento denominada “Povo Sem Medo” em São Bernardo, conforme Imagem 3.

Imagem 3– Ocupação “Povo sem medo”²⁹. Área próxima ao Centro do Professorado em SBC.



Fonte: Esquerda Online

A reboque, com o fenômeno da favela podemos observar que a produção teórica sobre a favelização e desigualdades sociais, agora vem lançando mão fartamente do conceito de exclusão social, e isto foi tematizada na década de 1980 sob diversificados enfoques, com grande ênfase nas questões urbanas.

Boaventura Santos (1999), autor português com forte penetração na academia brasileira, usa para a favela a imagem de “apartheids”; ideia da dualização.

²⁹ Ocupação de terreno que não estaria cumprindo sua função social, próximo à fábrica Scania e aos fundos do Centro do Professorado em SBC. Em dois ou três dias, eram mais de 900, depois 5 mil, e hoje, com dois meses de ocupação, somam mais de 8 mil famílias.

“Pequenas ilhas de inclusão que passaram a existir em vastos arquipélagos de exclusão, (...) regime geral de valores (que) parece não resistir à crescente fragmentação da sociedade, dividida em múltiplos apartheids, polarizada ao longo de eixos econômicos, sociais, políticos e culturais” (SANTOS, 1999, p.40).

A Obra *A Cidade dos Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, de Caldeira, ainda que não acentuasse o enfoque das dualizações, também se utilizam de metáforas que remetem a essa noção de segmentação, contraposição dos espaços das cidades. A exclusão entra em cena, sob a ótica da cidadania limitada, entendida como resultado da dificuldade desses grupos em participar do processo de desenvolvimento econômico e de ascensão social. Apesar da mudança de tipologia que hoje grande parte das favelas apresenta, contudo até na omissão cartográfica (a favela, via de regra, não está contemplada na cartografia do município) retrata-se esta exclusão anunciada por Caldeira. Aparecer no mapa é significar a existência de um lugar habitado por pessoas, conforme também corrobora Maricato.

E, por incrível que pareça, os órgãos municipais de aprovação de projetos, as equipes de urbanistas dos governos municipais e o próprio controle urbanístico (serviço público de emissão de alvarás e habite-se de construções), frequentemente desconhecem esse universo. Mesmo nas representações cartográficas é de hábito sua ausência. (MARICATO, 2013, p.122).

Milton Santos é emblemático nessa discussão. Conforme abordado por Vêras (2001), Santos (1987) vinculava a cidadania à mobilidade espacial e ao acesso aos serviços públicos, caracterizando como uma cidadania mutilada a fixação da pobreza em determinados espaços. Por outro lado, advogava o direito de o cidadão permanecer no seu “lugar identitário”, criticando com isso a descaracterização de bairros, a expulsão de favelados, os despejos e o “nomadismo sem direito às raízes” (VÉRAS, 2001, p.33). Tão próprio das políticas urbanas atreladas aos interesses do mercado imobiliário. Assim, Santos destacava dois aspectos, aparentemente contraditórios, das dinâmicas urbanas, mas que apresentavam em comum o fato de se remeterem à defesa da cidadania, marca distintiva das discussões.

A totalidade das grandes cidades brasileiras (com mais de quinhentos mil habitantes) apresenta favelas, assim como cerca de 80% das cidades com população entre cem e quinhentos mil habitantes (BREMAKER, 2001). As consequências desse processo estão relacionadas ao aumento da pobreza e da proliferação de favelas, conforme revela ao quadro abaixo sobre o crescimento da população residente em favelas em São Bernardo do Campo.

Quadro 8- Evolução das favelas

São Bernardo do Campo. Evolução da população residente em favelas, 1991-2010.			
Ano/ população	1991	2000	2010
População residente	566.330	703.177	746.718
População residente em favelas	80.139	142.133	152.780
População residente em favelas - %	14,2 %	20,21 %	20,46%

Fonte: IBGE. Censos demográficos, 1991, 2000, 2010.

São Bernardo do Campo contava até 2010 com 239,337 mil domicílios particulares. Desse total, 43,072 mil são habitações subnormais e destas, aproximadamente 20% são favelas, segundo dados do IBGE- 2010. A São Bernardo contemporânea, que em 2017 tem uma população estimada em 827 mil habitantes, conta agora com os problemas próprios das grandes metrópoles brasileiras que tiveram crescimento desregrado, tais como a violência, a poluição e o déficit habitacional e graves problemas de moradia. A falta de políticas habitacionais, associada à baixa renda dos migrantes que continuavam vindo em busca de empregos não deixava alternativa de moradia, senão ocupar áreas irregulares com construções improvisadas e precárias, sem infraestrutura mínima para sobrevivência, fazendo emergir então às favelas, com histórico de forte discriminação e segregação socioeconômica; conforme já demonstramos, a população moradora de favelas cresce mais do que a população urbana. No ABCD, as periferias crescem mais do que os bairros centrais (IBGE).

A cidade de São Bernardo não fugiu do fluxo de ocorrências das grandes cidades. O Censo de 2010 aponta que o Brasil possuía na época 6.329 aglomerados subnormais, localizados em 323 dos 5.565 municípios brasileiros. Nestas áreas, foram mapeados 3,2 milhões de domicílios, a maioria (88,6%) concentrados em vinte regiões metropolitanas³⁰. Veja quais são elas:

³⁰ Disponível em: <http://exame.abril.com.br/brasil/sao-paulo-e-metropole-com-mais-moradores-de-favelas-do-brasil-segundo-o-ibge>> Consulta em: 11/12/17

Quadro 9– População que morava em favela até 2010

Região metropolitana	População residente em aglomerados subnormais	Proporção em relação à população total
São Paulo	2.162.368	11%
Rio de Janeiro	1.702.073	14,40%
Belém	1.131.368	54%
Salvador	931.662	26,10%
Recife	852.700	23%
Belo Horizonte	489.281	9,10%
Fortaleza	430.207	12%
Grande São Luís	325.139	24,50%
Manaus	315.415	15%
Baixada santista	287.191	17,90%
Porto Alegre	242.784	6%
Curitiba	181.247	5,70%
Grande Vitória	178.209	11%
Campinas	160.670	5,80%
Grande Teresina	154.385	13%
Distrito Federal e entorno	137.072	3,70%
Maceió	121.920	11%
João Pessoa	101.888	8,50%
Aracaju	82.208	10%
Natal	80.774	6%

Fonte: IBGE-2010

1.6. Favela do DER. “Mãe de todas as Favelas”

Como o resultado da expansão populacional na periferia urbana, neste cenário expansionista demográfico e de diminuição de postos de trabalho na região, emerge então a favela do DER³¹ como fruto do descaso da administração pública que por décadas

³¹ Na necessária delimitação, um recorte para tornar exequível nosso objeto de pesquisa, estará contemplada apenas a região da primeira favela do município- favela do Acampamento DER.

(aproximadamente 69 anos) fechou os olhos ao crescimento desordenado quanto à ocupação do espaço geográfico urbano, abrindo mão da promoção de devido programa habitacional que favorecesse os excluídos. A favela do DER surgiu em 1948 e aparece como primeira favela do Município de São Bernardo do Campo, conforme descrito em quadro parcial 11.

Quadro 10- Cadastro parcial das favelas existentes em São Bernardo

Favelas existentes em São Bernardo do Campo. Cadastro elaborado em 1978					
Nome do Núcleo	Nº de Pessoas	Nº de Barracos	%	Por Barraco	Tempo de Existência (anos)
D.E.R. (1ª favela da cidade)	2914	577	8,5%	5,0	30

Fonte: Departamento de Promoção Social. Órgão da Secretaria de Saúde e Promoção Social da Prefeitura de S.B.C.

A Origem do DER se deu com a construção da Via Anchieta; um verdadeiro exército de trabalhadores foi mobilizado pelo Governo do Estado de São Paulo. Trabalhadores migrantes vindos de todas as partes construíam estradas de serviço que se tornaram importantes avenidas da cidade, e abriam a nova via que escoaria o produto de São Paulo rumo ao Porto de Santos.

Imagem 5- Os pioneiros do DER eram migrantes.



Fonte: Diário do Grande ABC - 1985

A Via Anchieta foi inaugurada³² no dia 22 de abril de 1947, com duas pistas no planalto e uma na serra. A construção da estrada começou em 10 de julho de 1939, com atraso de pelo menos quatro anos e quando muitas pessoas já demonstravam seu descrédito em relação

³² Cf. Narrativa descrita em livro de memória elaborado pela Administração Pública “*São Bernardo do Campo - 200 anos depois. A cidade contada pelos seus protagonistas*”

ao início da obra (em 1934, já se falava na construção da rodovia). A medida que ia sendo construída os trabalhadores eram alocados em pequenos núcleos de casinhas de madeira às margens da obra. Tinha núcleo onde é hoje a Volkswagen, na entrada da Vila Euro e em outros pontos. Então, em 1950, o Departamento de Estradas e Rodagem (DER) resolveu concentrar todo mundo num único acampamento. A área escolhida no quilômetro 18, o terreno do IAPI, era demarcada por três frondosas paineiras que, inicialmente daria a indicação para o nome Vila das Paineiras, nome que não foi avante.

Neste acampamento, em casas de madeira, algumas com quartos “comuns” ou coletivos, estes operários vindos de vários pontos do país encontraram a sua morada durante as obras da nova rodovia. Na época, o centro de São Bernardo ainda não tinha chegado até as proximidades do acampamento, e ficava restrito ao entorno da Praça da Igreja Matriz. Foram construídas 250 casas unicelulares de madeira sobre colunas de madeira com porões de 80 centímetros de altura. Mais que um acampamento, a área, metricamente dividida e as casas, pintadas de branco, foram inicialmente bem construídas, com pequenas varandas voltadas para as ruas protegidas com gradil de madeira.

Imagem 6- 250 casas padronizadas de madeira foram construídas



Fonte: Diário do Grande ABC

O acampamento foi então construído para centralizar os funcionários num único lugar, prevenir acidentes e eliminar os núcleos espalhados. Em 1947, é inaugurado o trecho de planalto da Via Anchieta, entre o Ipiranga (Sacomã) e o Alto da Serra. A descida da serra era feita em mão dupla. A segunda pista seria inaugurada apenas em 1953. A partir de 1953, quando a Via Anchieta estava toda pronta e o Departamento de Estradas e Rodagens- DER, em São Bernardo, já cuidava da manutenção da via, utilizando diversos dos velhos trabalhadores que construíram a rodovia; uma parte dos trabalhadores foram transferidos para construção da Via Anhanguera.

“- *Era acidente todo dia*” – afirma S. B. de O., 63 anos de idade, maquinista aposentado, que começou a trabalhar no DER em 1944.

“– Os núcleos de casinhas de madeira eram muitos, todos encostadinhos na Via Anchieta. As pessoas – funcionários e seus familiares, que moravam nos núcleos – atravessavam as pistas e eram apanhados pelos veículos. Então o governador Lucas Nogueira Garcez, sabendo do problema, autorizou a construção do acampamento.”

Depoimento do maquinista S. B.O.³³

A outra versão, defendida pelo pedreiro A. dos R. sobre a construção do acampamento DER, inicialmente denominado de “Vila Nova,” nome que também não “vingou”, contraria esta primeira versão.

“- O governador mandou fazer o acampamento, um pouco mais longe da Via Anchieta, meio escondido, porque ficou com vergonha de uns americanos que vieram conhecer a obra e viram todos aqueles núcleos espalhados, pertinho da pista.”

Depoimento do pedreiro A. R.³⁴

Com a inauguração da rodovia, o Departamento de Estradas de Rodagem não providenciou um destino para os operários. Sendo assim, a maioria optou por viver ali mesmo, no acampamento. O pedreiro J. P da S., alagoano foi o primeiro trabalhador que mudou para o acampamento.

“-Comecei a trabalhar no DER em 18 de fevereiro de 1946. Vim direto de Alagoas para São Bernardo, já pensando em trabalhar no DER. Fazia muita propaganda da estrada na época de sua construção. O DER precisava de gente para o trabalho e eu me apresentei.

(...).

O dr. Lucas Nogueira Garcez foi pessoalmente ao acampamento do DER. Reuniu os trabalhadores e o engenheiro da época e doou as casas para a gente”³⁵.

Depoimento do pedreiro J. P. da S.³⁶

Havia uma área livre ao lado do acampamento, utilizada para depósito de pedra e areia do DER e começou a ser tomada pelos primeiros barracos daquela que mais tarde seria denominada de favela da “Vila Nova”, cujo nome também não foi avante. As 250 casas de madeira construídas como alojamento foram aumentadas pelos moradores, que, sem outra

³³ Informações extraídas de depoimentos de ex-funcionários do DER contidos no livro de memória elaborado pela administração pública “São Bernardo do Campo -200 anos depois. A cidade contada pelos seus protagonistas”

³⁴ Ibid.

³⁵ Entenda-se esta doação não da área e sim do material da casa de madeira que poderia ser desmontado e transferido para outra região às expensas dos próprios trabalhadores. Presente de grego na nossa opinião.

³⁶ Informações extraídas de depoimentos de ex-funcionários do DER contidos no livro de memória elaborado pela administração pública “São Bernardo do Campo -200 anos depois. A cidade contada pelos seus protagonistas”.

alternativa, construíram casas para os filhos e parentes também migrantes; os quintais de cada casa ganharam novos “ puxadinhos”, nada padronizado, e o acampamento do DER se modificou. Há quem argumente ser este o motivo do Departamento de Estradas e Rodagem ter abandonado o acampamento (mera especulação).

A. S.³⁷, funcionário do DER por mais de 30 anos, alega que o Departamento de Estradas de Rodagem tentou desativar o acampamento após o término da Via Anchieta, porém, sem êxito, e então deixaram de dar assistência ao acampamento. E. L.C., também menciona que uma circular foi enviada pelo Departamento aos moradores do acampamento, alertando que teriam prazo de 90 dias para mudarem de lá. Os moradores não deixaram suas casas que eram dadas em comodato como alojamento e o Departamento decidiu abandonar o acampamento, transferindo seus depósitos de pedra, areia e ferramentas para o outro lado da Via Anchieta, em suas instalações vizinhas à fábrica da Scania. Em junho de 1978 o DER já contava com 2. 613 barracos cadastrados.

“- Entre 64 e 67, na gestão do dr. L. (responsável geral pelas atividades do DER em São Bernardo), procurou-se desativar o acampamento. Cada família que se mudasse poderia levar a casa. Poucos aceitaram a oferta; a maioria resistiu. Até hoje continuam no acampamento. ”

Depoimento de Ag. S.³⁸.

Poucos migrantes voltaram para seus lugares de origem e os que ficaram trouxeram ou constituíram as suas famílias, trazendo parentes e conhecidos para morarem no DER. Durante os anos 60, o local vive a sua primeira expansão, assim como a própria cidade, que já crescia vertiginosamente. Nos anos 70, um verdadeiro “boom”. Neste período, e durante os anos 80 a violência marca a comunidade. Nos anos 70 e 80, as casas (alojamentos) do antigo acampamento, já estão em condições precárias, e totalmente cercadas por outras habitações: barracos construídos sem o mínimo de planejamento urbano, e que configuraram um dos maiores abandonos quanto ao passivo habitacional da cidade à época. No final desse período, o centro da cidade e favela do DER já estão “colados” um ao outro.

O DER assustava com os seus índices de criminalidade. A rodovia ficou pronta, tornando-se orgulho da engenharia nacional. Em contrapartida o acampamento do Departamento de Estradas de Rodagem, deixado à sua própria sorte às margens da rodovia, foi se equilibrando sobre si mesmo, perdeu as características dos primeiros anos, ganhando miríades

³⁸ Ibid.

de barracos que se amontoavam desordenadamente, preservou o nome acampamento e recebeu o estigma de favela perigosa. O depoimento recente de um morador em nossas entrevistas, retrata que o DER, em termos de segurança, ainda continua sem atenção do Estado, principalmente quanto ao vertiginoso aumento do tráfico de entorpecente.

“-Aumentou o número de usuário de droga aqui, na nossa área. Aumentou muito. Eu nunca tinha visto isso, né, que nem eu tô vendo agora. Por isso que seria bom, né, que essa urbanização de um poder público da prefeitura, CDHU, ou seja, lá quem for fazer essa urbanização aqui, no nosso DER, aqui, do nosso lado que é o lado da Anchieta”

(R.M.S. , em 29/10/2017) citação do entrevistado.

O DER agora é bem diferente do antigo acampamento. Os barracos inicialmente se acumularam nos taludes, sem qualquer organização, como se fossem resíduos de caixotes gigantes que se espatifaram contra rochas que, com o tempo, foram aos poucos sendo substituídos por construções irregulares de alvenaria, a maioria sem reboco externo e alheios às normas edilícias do código de obras vigente.

Imagem 7- DER- barracos substituídos por alvenaria



Fonte: o autor

Na favela (parte ainda não urbanizada) não há ruas com gabarito oficial onde possa circular carros, só tortuosas e estreitas passagens. Nos emboques das vielas que dão acesso para avenida, até avista-se pavimentação precária de cimento, porém nos trechos mais internos a situação é mais crítica, vez que, há becos estreitos onde um cadeirante ou obeso fica privado de circular; sem pavimentação e esgoto escoando à céu aberto, depara-se com um ambiente inóspito e insalubre que não conta com coleta de lixo, conforme narra um morador em seu depoimento.

Imagem 8 – Viela da favela do DER



“-Pra lá num tem nada disso. Lá é esgoto, é...lá num tem esgoto, é bequinho, essas coisinha, muito mal passa uma pessoa. Vai, vai fazer uma mudança, não tem como...(.) Não consegue entrar caminhão...aquela parte ali onde mora, aquilo ali abaixo num tem.... é bequinho estreito e essas coisas...e o esgoto tá aí ó...

(...). Ah, melhora em tudo né. Melhora em chegar carro, aquelas pessoas de idade que não pode andar, entendeu? Porque lá tem lugar que...a irmã (fulana), mesmo, num vai na casa da neta. Por causa que não tem...não tem como ir ali. É muito gorda, forte e não pode chegar até a casa da a filha. ”

(L. A.M., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

Fonte: O autor -2017

Imagem 9- Esgoto a céu aberto no DER



Fonte: o autor-2017

Nos anos 90, a comunidade passa então por um processo de urbanização parcial. No final da década, o CDHU³⁹, inicia uma parceria com a Prefeitura de São Bernardo. Poucas unidades habitacionais foram concluídas na tentativa de resolver o problema da habitação desordenada do DER e de suas áreas de risco.

³⁹ CDHU- Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano de São Paulo.

No ano de 2001, a Prefeitura iniciou outra fase do programa⁴⁰ habitacional, agora um pouco mais ousada dividindo a área da favela DER em duas frações. A área à direita de quem sobe pela avenida Maria Adelaide Quelhas, sentido centro bairro, foi totalmente urbanizada com obras de infraestrutura tais como: abertura de ruas com gabarito oficial, execução de galerias de águas pluviais, rede de água e rede coletora de esgoto, posteamento e implantação de rede elétrica com iluminação pública, bem como, edificação de moradias unicelulares e de prédios de apartamentos no local, dando à esta parte a tipologia das construções típicas da “cidade legal”. A área grafada em amarelo na Imagem 11 abaixo, continua no mesmo estágio de abandono, com os mesmos padrões de outrora: becos estreitos, construções precárias, e sem infraestrutura; as moradias construídas precariamente, parte em alvenaria e parte em madeira. O DER, é a primeira favela de São Bernardo do Campo, e surgiu por descaso da administração pública. É a “mãe de todas as favelas” em São Bernardo, a septuagenária à espera de intervenção do poder público na área não urbanizada.

Imagem 10- Parte da favela que foi urbanizada

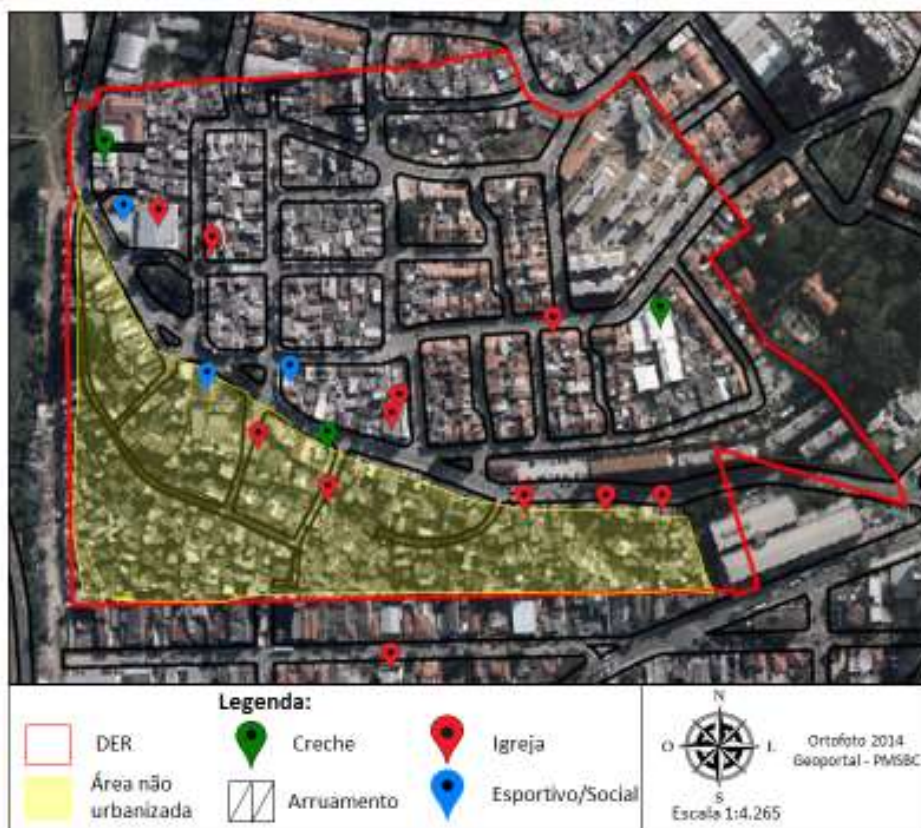


Fonte: O autor

⁴⁰ Programa sob a gestão do Arqtº Otavio Manente, então secretário de obras do município.

Imagem 11- Delimitação da Favela do DER com indicação dos equipamentos públicos- 2017

Área grafada em amarelo remanesceu sem urbanização.



Adaptação do autor

É neste contínuo cenário de omissão do Estado onde experimentam-se situação de vida segregada com pobreza e alto nível de vulnerabilidade, que emerge o plural campo religioso (no próximo capítulo trataremos este tema) nas favelas com toda sorte de ofertas de bens religiosos, a depender do perfil e gosto de cada devoto. A experiência religiosa, analisada sob espectro *latu sensu*, é identificada pela procura de um sentido justificável para a vida, tornando-se acessível para a perspectiva do sagrado. No DER não é diferente, a pluralidade religiosa ali, parece ter encontrado terreno fértil para florescer, principalmente pela desigualdade notoriamente destacada no dia-a-dia do morador que, em apenas levantar os olhos de sua condição pobre, avista os arranha-céus dotados de toda cumulação, bem próximos do seu humilde barraco. Este comparativo pode se dar todos os dias quando o favelado enxergar tamanha disparidade social pela janela, inclusive ante sua carência na vida cotidiana, tal como: alimentação, vestuário, cuidados de saúde, educação e até mesmo trabalho formal. Em um ambiente com ausência total de bens e serviços essenciais para si e, contemplando tão próximo, a opulência dos privilegiados, só mesmo tendo muita fé para sobreviver à dura realidade da periferia urbana.

2 O CAMPO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO NA FAVELA DO DER

Em Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa coloca na boca do sertanejo esta fala:

“Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio.... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, emprenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles” (1974: 15).

O presente capítulo propõe-se a levantar o campo religiosos na favela do DER, partindo do pressuposto que, analisar a experiência religiosa da sociedade atual é um elemento imprescindível na tarefa de interpretar os fatos sociais. A sociedade latino-americana na modernidade, detentora de um campo religioso extremamente diversificado, remodelado, com multiformes matrizes de expressão religiosa - institucionais e não-institucionais, ortodoxas e modernistas, duradoras e de curta duração, sectárias e ecumênicas; coexistem num cenário de pluralismo religioso sem limites quanto à diversidade religiosa. Inicialmente, na primeira parte do segundo capítulo buscaremos apreender a formação do plural campo religioso brasileiro nos dias atuais, em suas generalidades, dinâmicas e processos, à luz de ideias de Pierre Bourdieu no que concerne ao conceito de Campo Religioso. Feito isto, apresentaremos aspectos deste pluralismo e do trânsito religioso também como fenômeno recorrente na favela do DER, a seguir, atentando para a não uniformidade dos padrões pentecostais, daremos “lente” ao fenômeno da expansão dos evangélicos de modo geral e, em particular, ao “Assembleísmo” presente também no DER, e a “Nordestinização” pentecostal na periferia, por fim, um lampejo sobre a experiência da conversão como meio de regeneração de vida pregressa e comprometida com a criminalidade, para fechar o capítulo.

Na modernidade novos movimentos religiosos surgiram, nunca se viu tanta diversidade de correntes religiosas no Brasil. O pluralismo religioso é um fenômeno atual que tem sua origem na ruptura do monopólio de uma religião oficial do Estado em determinada sociedade. Um processo hegemônico rompido pela diversificação do campo religioso, aliado à “razão secular” resultando no rompimento da relação entre Estado e religião. A perda do aparato estatal

da Igreja Católica deixou de lhe garantir a reprodução social, exclusividade e manutenção maciça de seus adeptos, reordenou o campo religioso e a redefinição do papel da religião na atualidade permitindo a emergência de diferentes grupos religiosos que agora podem livremente atuar no nível da cultura e do conhecimento.

O estado laico, numa perspectiva estrutural, por não ser religioso, torna-se capaz de abrigar todas as religiões, sejam elas institucionais, como o catolicismo, o protestantismo, o budismo, o islamismo, etc., sejam sistemas de crenças sem uma referência institucional (institucionais ou não-institucionais) definida e dá lugar à pluralidade religiosa, resultado da própria dinâmica moderna. O depoimento de um morador do DER retrata muito bem esta oferta religiosa e liberdade de escolha, no contexto moderno.

“(...) naquela época não se via falar de Jesus lá, né. Não se via muito falar de Jesus na época lá. Eu me lembro como se fosse hoje, tinha o povo cristão lá, mas não se via muito falar de Jesus naquela época lá, né. Então, quando veio falar de Jesus foi aqui, quando ouvi falar de Jesus foi aqui em São Paulo, em São Bernardo, né. Foi aonde veio, ouvia a fê, e a fê vem pelo ouvir, aceitei...”

(R.M.S., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado

As transformações do campo religioso brasileiro foram confirmadas pelos dados do Censo 2010 sobre religião, mudança que se acelerou após a década de 1980, evidenciada também pelo recrudescimento na diminuição numérica dos adeptos do catolicismo e pelo vertiginoso crescimento das igrejas de matriz pentecostal (MARIANO, 2015). Entre os anos de 1980 e 2010 os católicos diminuíram na cifra de 89,2% para 64,6% da população, encolhimento de quase 25 % pontos percentuais, por sua vez os cristãos evangélicos cresceram de 6,6% para o patamar de 22,2%, acréscimo de 15,6 pontos percentuais. O montante das demais religiões (somando espíritas e cultos afro-brasileiros) duplicou de tamanho, passando de 2,5% para 5%. De 1980 até 2017, prosperou a diversificação da pertença religiosa, bem como da religiosidade no Brasil, porém o índice numérico de cristandade perdeu muito pouco. De dez brasileiros, quase nove professam serem cristãos.⁴¹

Somando-se católicos e evangélicos, na pesquisa entre 2000 e 2010, esta cifra decresceu apenas 89,5% para 86,8%. Estes dados revelam as dificuldades que as demais religiões não cristãs enfrentam para sua expansão, apesar da pluralidade religiosa que se experimenta no Brasil, porém tal diversidade é mais afeta ao bojo cristão (Pierucci 2004).

41 Cabe mencionar que os espíritas como o quarto maior grupo religioso do país, se denominam cristãos também.

As questões religiosas no passado estavam associadas a formação do Estado e da sociedade civil, como uma entidade de direitos. Sociedade civil é vista relativamente separada tanto do aparato do Estado, como do clérigo; foi diante disto que LECHNER chamou atenção para o processo de secularização. A secularização⁴² e a diversidade religiosa agora estão associadas a um mesmo processo histórico que possibilitou que as sociedades funcionassem sem a necessidade de estarem fundadas sobre uma única diretriz religiosa estruturadora.

A teoria da secularização é uma teoria geral da mudança societal e consiste de um corpo empírico coerente de generalizações empíricas que repousa sobre premissas weberianas fundamentais. De acordo com essas premissas familiares, em certas sociedades as visões de mundo e as instituições ancoradas na transcendência perdem influência social e cultural como resultado da dinâmica da racionalização. [...]. Porque as sociedades ocidentais foram as mais afetadas por processos de racionalização, elas se tornaram profundamente secularizadas. (LECHNER, 1991, p. 1.104)

Antes mesmo da formação de Estados Nacionais no século XIX a população europeia estava juntada ou separada, em função das religiões, naturalmente também em função das línguas, do aspecto geográfico, ou do parentesco com o soberano em seus clãs, porém as religiões tinham forte papel como variável importante no processo agregador e de estabilidade dos povos (MONTERO, 2012).

2.1 Conceito de Campo Religioso

Pierre Bourdieu dedicou parte de seus escritos em inúmeras e importantes análises às relações de poder e dominação. Este tema esteve presente em suas preocupações, face às mais diferentes e camufladas formas de dominação simbólica que ocorrem nos diversos espectros do mundo social, sem excluir a dominação no campo religioso também⁴³. Propôs ideias que explicam os valores da sociedade, pela sociedade, daí o conceito de “campo”, “habitus” e “capital social”, emergentes em suas reflexões. Como conceitos críticos em seus escritos, estes funcionam semelhante baliza na análise das dinâmicas pertinentes também ao “campo (domínio) religioso”.

“Campos” para Bourdieu são microcosmos sociais, pequenos mundos com valores, objetos e interesses específicos (BOURDIEU, 1987:32); é a noção que caracteriza a autonomia

⁴² Secularização seria a separação progressiva da linguagem política, moral, e estética da linguagem religiosa.

⁴³ Cf. Clóvis de Barros Filho - em aula. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZoRT9XpwogU>>. Consulta em 23/07/16.

de certo domínio de concorrência e disputa interna. Serve de instrumento ao método relacional de análise das dominações e práticas específicas de um determinado espaço social. Cada espaço corresponde assim, a um campo específico, “religioso”, “cultural”, “econômico”, “educacional”, “científico” etc., no qual são determinadas a posição social dos agentes onde se revelam” por exemplo" as figuras de autoridade" detentoras de maior volume de capital. Os campos não são estruturas fixas. São produtos da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam.

O que determina a vida em um campo é a ação dos indivíduos e dos grupos, constituídos e constituintes das relações de força, que investem tempo, dinheiro e trabalho, cujo retorno é pago consoante a economia particular de cada campo (BOURDIEU, 1987:124). Todo campo se caracteriza por agentes dotados de um mesmo habitus. O campo estrutura o habitus e o habitus constitui o campo.

Bourdieu não tem uma teoria da ciência da religião especificamente, porém para ele no “campo religioso”, não estão em jogo os bens de salvação e sim a luta pelo controle da vida privada. Para Bourdieu toda lógica contemporânea de luta neste campo, sofreu transformação, fazendo emergir um novo campo, com novos agentes e novo propósito, a luta pelo controle da vida privada.

Esta interferência e controle na privacidade dos adeptos é perceptível também no campo religioso, mais notadamente igrejas pentecostais tradicionais mais antigas, tais como em: algumas Assembleias de Deus, Deus é Amor, Congregação Cristã do Brasil. Esta cobrança de determinados comportamentos, vestimentas e hábitos, vem travestida por vezes de “vida de santidade”, e quanto maior o rigor, maior a jactância e sentimento de superioridade em relação aos grupos que não professam a mesma prática consuetudinária. É certo que, no campo religioso não há que se falar em padronização de condutas, até mesmo entre as igrejas de mesma denominação, vez que as congregações de regiões mais centrais, via de regra, possuem hábitos mais liberais que as de periferia.

Conceito de “Campo” está presente em todas as obras de Bourdieu. É um espaço de posições sociais. Agentes sociais ocupam posições sociais e as relações sociais estão à mercê das posições. Todo “Campo”, inclusive o religioso, é um espaço estruturado de posições sociais.

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus

ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação atual e potencial na estrutura da distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.). Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído do conjunto destes microcosmos sociais relativamente autônomos, espaço de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específica e irredutíveis às que regem os outros campos. Por exemplo, o campo, artístico, o campo religioso ou o campo econômico obedecem a lógicas diferentes. (Bourdieu apud BONNEWITZ, 2005: 60)

De acordo com professor Clóvis de Barros Filho⁴⁴, “espaço social” (aqui, traçar uma analogia com o “espaço religioso”) retro citado, não é um espaço físico. É abstrato, não é lugar material, um prédio. Eventualmente um espaço físico pode conter agentes de um campo social, porém isto não é muito recorrente; é uma mera coincidência. Portanto, as relações sociais que constituem este espaço social, podem se dar em qualquer lugar. Isto quer dizer que as posições sociais não são geográficas, são simbólicas. Exemplificando: O “CEO” de uma empresa pode pegar o elevador com uma servidora de café, neste caso as posições geográficas físicas diminuem, porém, as posições sociais possuem uma distância oceânica. A distância física se reduz, mas a distância social é gigantesca. A distância física não elimina a distância social.

No campo religioso, há igrejas, principalmente, as de matriz pentecostal, cujos clérigos (pastores, presbíteros, evangelistas, etc.) ocupam fisicamente lugares elevados durante o culto; durante toda a celebração em uma plataforma alteada, circundando o púlpito, destacando um simbolismo que pressupõe clara hierarquização: a depender do tamanho da igreja, sentam 50 ou mais “obreiros” caracterizando superiorização simbólica em relação aos leigos. Após o culto, ao descerem da parte alta para o costumeiro momento de confraternização e despedida com os leigos, mesmo assim esta distância simbólica de posições não se encurta. Alguns destes líderes até saem por portas aos fundos, sem contato com os membros comuns.

Apenas à guisa de melhor compreensão, cito um costume de tática organizacional, no mundo corporativo em que, agenda-se um café da manhã na empresa, onde o chefe estará com os empregados, visando uma aproximação. Isto é uma distância de posição social extraordinária. As distâncias simbólicas não se encurtam colocando uma pessoa na frente da outra. O “Campo” é um espaço de posições e de distâncias. Estas posições se definem como? No Campo social definição das posições é relacional. As posições sociais só são definíveis, umas em relação às

⁴⁴ O professor Clóvis de Barros Filho foi aluno de Bourdieu e algumas de suas aulas estão disponíveis na Internet em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZoRT9XpwogU>> - Consulta em 23/07/16

outras. Exemplificando: Eu só posso definir o que é, e como é um chefe, a partir dos subordinados. Paradoxalmente, elas encontram no seu contrário à sua definição possível. É como definir “Norte e Sul”, um é o contrário ao outro; exemplo clássico dado por Bourdieu. Assim se define, também, burguês e proletário, rico e pobre, etc., enfim, no campo social, no espaço social, a sociedade tem posições que só são definíveis racionalmente. Um Campo é um espaço de posições definíveis reflexivamente.

O “Campo” é também estruturado reflexivamente. Isto significa dizer que esta reflexividade se dá a partir de eixos estruturantes do campo. Exemplificando: No campo político, o que se permite dizer que Maluf está mais próximo de Fernando Henrique do que próximo de Lula é o eixo estruturante “direita X esquerda” este eixo permite dizer qual a posição do Maluf. Todo Campo tem um eixo estruturante. Isto permite identificar o posicionamento dos agentes.

No Campo Religioso, tais eixos estruturantes são definidos pelo “credo” e práticas de “usos e costumes” institucionalizados ou não. Exemplificando: mulheres que fazem parte da Congregação Cristã do Brasil, com seus hábitos e práticas distintas, estão mais próximas das mulheres da Assembleia de Deus, que da igreja Metodista. A propósito, na favela do DER, em nossa pesquisa de campo, não encontramos igrejas históricas cujas denominações são tipificadas, via de regra, por frequentadores de nível social mais elitizado no campo religioso, tais como: Presbiteriana, Metodista, Congregação Cristã do Brasil, etc.

Todo campo tem regras. Estas regras podem ser positivadas ou podem ser de aceitação tácita, que não são escritas em lugar nenhum, porem são respeitadas por todos. No campo religioso das Igrejas pentecostais, tais regras são denominadas de “doutrina” e até há um culto da semana destinado somente para disseminar tais regras, denominado “culto de doutrina” ao menos em cada uma das A.D. pesquisadas. O campo é também um espaço de conflito e competição ou de concordância implícita ao seu funcionamento. É espaço de arena de luta e ao mesmo tempo, paradoxalmente é espaço de concordância. Exemplificando: não é desconhecido que os processos de substituições de líderes (pastores) nas igrejas pentecostais são, por vezes, permeados de relações conflituosas.

Ao analisarmos a história das ADs no Brasil percebemos que o conceito de dinastia/sucessória é um fenômeno recente, o qual não foi visto entre as práticas dos fundadores das ADs no Brasil e nem pelos primeiros pastores brasileiros da mesma. Alencar (2013) relata que em 1960, com a morte do Pr. José Teixeira Rego, em Fortaleza – CE houve a primeira tentativa conhecida de sucessão familiar, pois seu

genro Luiz Costa (coincidência, ou não, ele é irmão do Pr. José Wellington Bezerra da Costa) tentou assumir o posto de pastor-presidente em lugar de seu sogro. Esse evento não foi aceito por muitos “clérigos” e nem por “leigos” daquela localidade de forma pacífica e natural, cuja qual, causou um grande racha na AD do Ceará, levando a criação de dois ministérios distintos das ADs naquele estado: *Ministério do Templo Central* e o *Ministério de Bela Vista* (ALENCAR apud FIDALGO, 2013, p. 181-182).

Para Bourdieu o “campo religioso” emerge como qualquer outro campo, o que faz emergir um campo são os seus especialistas, os clérigos teólogos. Quando emerge um corpo de especialistas que elaboram a autonomia do campo, emerge o campo. Este conjunto de especialistas tem interesse em produzir e controlar a situação dos bens deste campo e dependem destes bens para existirem enquanto especialistas (MONTERO, 2012).

Bourdieu entende que no “campo religioso” não estão em jogo os bens de salvação somente e sim a luta pelo controle da vida privada e toda lógica contemporânea de luta neste campo, que sofreu transformação, fazendo emergir um novo campo, com novos agentes e novo propósito na luta pelo controle da vida privada.

Ele continua chamando o “campo religioso” de “campo religioso”, porém, menciona que agora está em disputa o corpo e alma, e não somente a alma. Outrora havia fronteira definida: a religião cuidava da alma e o médico cuidava do corpo; agora este campo inova no conjunto de atores que estão neste campo. Neste campo está o clérigo, está o psicanalista, está o assistente social, está o mestre de esportes orientais, está o professor de expressão corporal; toda esta disputa pela boa vida, vida saudável cria um novo “campo religioso” entre aspas.

O conceito de vida saudável engloba visão do todo, corpo e alma. Toda esta nova especialização passa a disputar a produção das regras morais no seu próprio terreno e vão redefinindo completamente as fronteiras entre corpo e espírito, saúde e cura, entre ciência e esporte entre saúde e esporte, entre religião e esporte etc., entre privado e público neste novo campo, (MONTERO, 2009).

Assim, o que se chama na modernidade de religioso, não é o fenômeno que foi construído na idade média e sim um novo fenômeno que os agentes estão construindo para sua autonomia agora. (MONTERO, 2009).

2.2 Pluralismo religioso na favela do DER

As reordenações e mudanças religiosas foram decisivas para que brotasse o renovo, nas suas múltiplas formas e particularidades religiosas na sociedade e, aquilo que hegemonicamente era particular, oficialmente institucionalizado, até mesmo com vínculo estatal, sofreu resistência do popular para que pudesse ter legitimidade e, emergindo, deixasse a marginalidade religiosa.

É certo que há autores não reconhecendo esta pluralidade religiosa como um fenômeno corrente no Brasil, alegando estar, esta diversidade, orbitando somente na esfera do cristianismo.

Antônio Flávio Pierucci (2006b), em seu texto “Cadê a nossa diversidade religiosa? ” Secundado nos dados do Censo IBGE 2000, questiona a ideia de pluralismo religioso no país devido ao acentuado domínio cristão - católicos + evangélicos = 89,2%. Do mesmo modo, em “Bye, Bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000” (PIERUCCI, 2004) e no texto “A religião como ruptura” (PIERUCCI, 2006^a)

Em nosso trabalho de campo, identificamos inúmeros grupos religiosos atuantes na favela do DER, com seus templos ou salões de cultos em pleno funcionamento, os quais citamos: Igreja Católica, Assembleia de Deus - Ministério Belém- Igreja sede do Setor 29, cujo pastor é filho do presidente da Convenção Nacional das Igrejas do Belém; Assembleia de Deus - Ministério São Bernardo do Campo; Assembleia de Deus - Ministério Taboão, Assembleia de Deus – Ministério Parque São Rafael; Assembleia de Deus – Ministério de Perus; Assembleia de Deus Fogo no Altar; Pentecostal Missionária Água Viva; Evangélica Novo Tempo em Cristo; Pentecostal Jesus o Bom Pastor; Igreja Adventista do Sétimo Dia; Igreja do Evangelho Avivando as Nações, do DER e uma casa de umbanda. Em relação às igrejas foram consideradas as que possuíam templos ou salão de cultos; há ainda casas de cultos, os chamados “pontos de pregação” nos lares, difícil de relacionar face à alternância de lugar em que funcionam. Não há igrejas históricas no Bairro, do tipo presbiterianas, metodistas, luteranas ou até mesmo Batistas, e nem igreja Deus é Amor que comumente é encontrada em núcleos mais carentes da periferia urbana. O pluralismo que se observa no DER é, em maior número, de igrejas pentecostais.

Com esta abundante cesta de oferta religiosa para o fiel, é comum a mudança de uma igreja para outra de acordo com sua conveniência. Este trânsito religioso, que a seguir abordaremos, está relacionado ao aumento do individualismo.

2.3 O Trânsito Religioso na Periferia

A modernidade trouxe em seu bojo uma outra característica da religião, o “trânsito religioso” onde o indivíduo é o ator principal. O fenômeno também está presente na periferia urbana. Consiste na prática simultânea de distintas religiões ou na mudança dos protagonistas

religiosos por várias crenças religiosas ou até mesmo por vários espaços sagrados. Este trânsito pode se dar entre religiões institucionalizadas ou não estruturadas. No texto do “caput” deste capítulo encontramos a citação do personagem de Guimarães Rosa em “*Grande Sertão: Veredas*” emergindo a ideia de que os sistemas religiosos não são excludentes, mas, se complementam, a qual replicamos aqui:

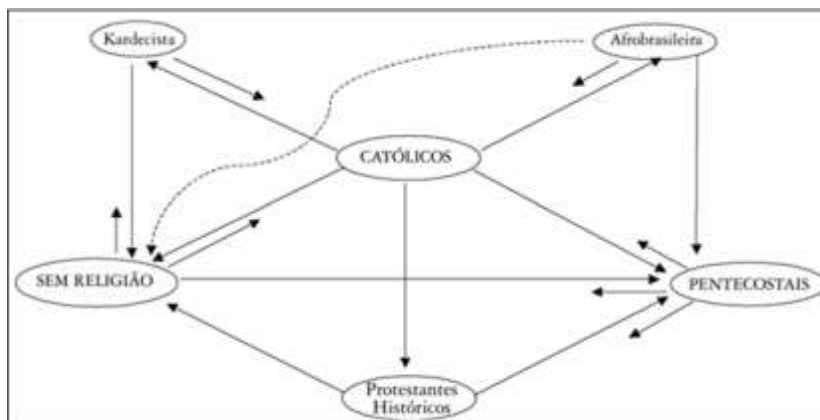
“Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio.... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, emprenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles” (ROSA, 1974: 15).

Se junta a isto a visão recorrente na cultura popular de que as instituições religiosas não esgotam as forças do sagrado. Há algumas dimensões do sagrado que só se realizam para além das fronteiras institucionais. Uma espécie de “sagrado selvagem” que não cabe dentro da ordem ou dos limites que as instituições procuram estabelecer na distinção entre o sagrado e o profano (STEIL, 2001):

O trânsito religioso é também verificado como prática entre os moradores do DER; pessoas que vão à igreja pentecostal assistir culto ou para pedir oração ao pastor e concomitantemente procuram a instituição beneficente católica para ser assistido com cesta básica, ou mesmo o centro espírita para receber “passe”. Há pessoas que se declaram católicos e também recorrem aos templos ou às orações dos evangélicos, nos rádios ou na TV para receber alguma “bênção”.

O Centro de Estudos da Metrópole (CEM) na RMSP, em um recente *survey* realizado na última década, concluiu que nada menos do que uma em cada três pessoas já haviam mudado de religião. Este fluxograma da “dança das cadeiras” entre os adeptos de igrejas pode também ser interpretado em relação à circulação de ideias e práticas religiosas. Os resultados produzidos no referido *survey* indicam as grandes tendências e os quadros gerais deste fluxo das mutações. Observe no quadro abaixo estes padrões de migração.

Quadro 11- Fluxograma dos padrões de migração entre religiões



Existem três vértices principais das mutações religiosas detectadas no referido survey. Conforme se observa no fluxograma: os católicos são uma espécie de “doadores universais” enquanto os “sem religião” e os pentecostais que se apresentam como os “receptores universais” desta demanda, lembrando que este último tem forte concentração nas camadas mais pobres da periferia, como no caso do DER. Conforme leitura que ALMEIDA, (“Religião na Metrópole Paulista”. 2004.- Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 19 Nº. 56.) faz deste survey:

“Além desses vértices principais, destacam-se ainda demograficamente e pela importância histórica e cultural os afro-brasileiros, os espíritas e os protestantes históricos. Os afro-brasileiros, de acordo com o fluxograma, recebem adeptos provenientes da Igreja católica, mas doam para os pentecostais e os “sem religião”. Curiosamente, não há um fluxo significativo entre afro-brasileiros e kardecistas. Como já comentado, os dados dos afro-brasileiros são imprecisos porque os mais pobres costumam se declarar católicos. Mas, apesar disso, não há uma relação intensa entre afros e kardecistas, como sugere a ideia de um “continuum” desses segmentos religiosos no plano simbólico. Mobilidade de pessoas e trânsito de práticas e ideias religiosas estão aqui relativamente dissociados. Essa diferença deve ser compreendida à luz da estratificação social dos religiosos. O perfil social dos espíritas encontra-se acima da média nacional em termos de renda e escolaridade, eles. Os espíritas estabelecem um trânsito forte entre católicos e “sem religião”, e, neste caso, o circuito compreende uma faixa da população com melhores condições de vida.

Os protestantes históricos recebem adeptos basicamente de católicos, e cedem para os “sem religião” e os pentecostais. Em caso de abandono do protestantismo, cerca de um terço fica “sem religião”. Daí pensar nesta categoria como fruto da racionalização da vida religiosa que leva à apostasia ou ao agnosticismo. Mas também, de outro lado, há um fluxo dos protestantes históricos em direção ao pentecostalismo. Esta passagem é de mão-dupla, mas em diferentes intensidades e as motivações são as mais variadas possíveis: busca de experiências mais emotivas e catárticas, maior reflexão teológica, maior ou menor moralismo, dificuldade de ambientação, modernidade nos costumes etc.”

Um trânsito religioso “pentecostalizado”⁴⁵ é frequente entre os adeptos das A.D. do bairro pesquisado, que ao mudarem de “ministério”⁴⁶, dão sinais deste “modus” de vida religiosa norteada pela decisão individual. De certa forma, esta mobilidade religiosa reflete na fragilização das pertencas e identidades, no entanto, tal fato necessariamente não é de todo prejudicial ao aspecto religioso (considerando a liberdade de exercer os direitos individuais que ele representa), porém, o é, com certeza, muito prejudicial às instituições tradicionais com pretensões de dominação, não somente religiosa, mas também sociocultural.

No que respeita à esta dominação, Hervieu-Léger, caracterizando a *modernidade religiosa secularizada* no Ocidente, ajuda a compreender esta dinâmica religiosa no Brasil de hoje. “Com a perda de legitimidade e da efetividade da velha pretensão, nutrida pela religião dominante, de “[...] reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo [...]”, são corroídas as bases tradicionais e conformistas da participação religiosa” (Hervieu-Léger, 2008, p. 34).

2.4 Pentecostalismos na periferia

Na favela do DER, pelo número de igrejas identificadas, 70% das igrejas⁴⁷ são pentecostais, este fenômeno não foge a análise geral dos pesquisadores da religião na modernidade.

Mas é claro que o fenômeno mais visível no campo cristão brasileiro é da entrada maciça dos pentecostais. Não só na arena religiosa em geral, mas nos seus pontos de alta visibilidade. Especialmente populares. Foi muito comentado das mesmas pesquisas recentes (Censo Institucional Evangélico e novo nascimento, do ISER). (...) é sobretudo a densidade da participação semanal às reuniões de culto (85% dos fiéis pentecostais, a frequência mensal atingindo 94%) que torna o fenômeno uma novidade no nosso campo. (SANCHIS, 1998).

A respeito dos pentecostais, Barrera (2010), assevera que, segundo os dados censitários, constituem a forma religiosa de maior crescimento nas últimas décadas, os estudiosos da religião enfatizam que crescem especialmente entre os mais. Nas periferias de São Bernardo encontramos os mais diversos pentecostalismos - cabe, assim, falar em um pluralismo

⁴⁵ Crivo nosso.

⁴⁶ Deixar a Assembleia de Deus do ministério de Madureira e mudar para o ministério do Belém ou vice-versa.

⁴⁷ Dentre 13 lugares de cultos identificados, 9 são de matriz pentecostal.

pentecostal constituído por um leque de opções pentecostais que se oferecem aos moradores. Sem esquecer também a assiduidade com a qual os pentecostais normalmente se encontram nas igrejas. No DER, de cada 10 pentecostais assembleianos por nós entrevistados, média de 7 vão à igreja, no mínimo, 3 vezes por semana, a depender das atividades que cada um participa pois, além de 2 cultos públicos e 1 culto de “doutrina” semanal, contam com escola bíblica dominical, ensaios de grupos musicais, reunião de oração, reuniões administrativas, etc., e esta cifra está conforme depoimentos de adeptos por nós entrevistados falando sobre frequência aos cultos. Estaremos retomando esta questão no capítulo 3 deste trabalho.

“- Só não venho no culto mesmo, quando não dá pra vir mesmo, assim, se eu estiver muito doente mesmo, né. Mas tenho uma frequência muito boa dentro da igreja. Não falto nos *culto*, no trabalho, né. Graças a Deus, né.

(R.M.S., em 29/10/2017), narrativa do entrevistado.

“- Olha, pela misericórdia de Deus ...quase diário, né; a gente dificilmente falta nos culto, só em caso de extrema necessidade como hoje eu trabalho autônomo e tem alguns dias que eu não consigo vim, todos trabalho a gente tá presente.”

(G. C.S., em 29/10/2017), narrativa do entrevistado.

No Bairro que pesquisamos, como pudemos observar, há uma enormidade de opções de pentecostanismos; daí, no nosso entendimento, o DER constituir-se um verdadeiro campo religioso de pluralismos pentecostal⁴⁸. Não obstante a matriz pentecostal da maioria dos grupos religiosos detectados, não há que se falar em homogeneidade, cabendo bem o termo “pentecostanismos ” quando afeto ao multiforme portfólio de opções pentecostais, conforme bem observa BARRERA.

A classificação “pentecostal” não representa uma realidade homogênea. Muito pelo contrário: os grupos pentecostais se consideram diferentes entre si e os seguidores que já passaram por mais de uma igreja pentecostal têm suficiente consciência, prática e discursiva, de diferenças entre essas igrejas pentecostais. As normas impostas por cada grupo pentecostal, e que como toda norma diz respeito ao corpo das pessoas, quanto a questões externas sobre a forma de vestir ou usar cabelo (ou barba e bigode) de homens e mulheres, ou como fazer uso do corpo, voz ou mãos em cada parte do culto é muito claro para as pessoas. Em poucas palavras, cada grupo pentecostal produz sua própria “técnica corporal” (BARRERA RIVERA, 2005b)

⁴⁸ Crivo nosso.

2.5 Expansão, Perfil e Concentração Denominacional dos Evangélicos

Segundo já dito acima, de 2000 a 2010, os evangélicos cresceram cinco vezes a mais do que a população brasileira: 61,4% contra 12,3%. Com isso, ampliaram seu rebanho em 16 milhões de adeptos, saltando de 26,2 para 42,3 milhões, compostos por 7,7 milhões de evangélicos de missão (4% da população), 25,4 milhões de pentecostais (13,3%) e 9,2 milhões de evangélicos não determinados perfazendo (4,8%). Os pentecostais crescerem apenas 44%, expansão que não chega nem à metade das obtidas nos dois decênios anteriores, dado que passaram para 8,8 milhões em 1991 (aumento de 111,7%) e para 17,7 milhões em 2000 (115,4%).

Há autores que relacionam o crescimento dos evangélicos com o quadro socioeconômico do país em derrocada. Segundo FERNANDES (1998, p. 25), o "crescimento notável dos evangélicos decorre, sobretudo, de escolhas feitas pelos pobres". Sobretudo, este crescimento, na ótica de alguns teóricos, se dá de forma mais ampliada entre os pentecostais que por sua vez são também de menor poder aquisitivo. Ou, ainda, como afirmam Champion e Hervieu-Léger, “a religião emocional passa a ser um dos sinônimos da modernidade religiosa” (1990: 62).

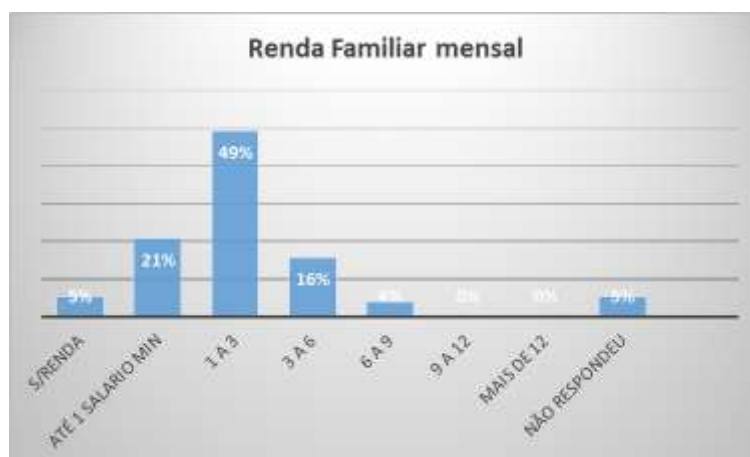
De acordo com outros autores, há uma forte associação não entre evangélicos em geral e agravamento da situação econômica, mas entre membros de igrejas pentecostais e condições indicativas de pobreza (PIERUCCI & PRANDI, 1995; MONTERO & ALMEIDA, 2000). Segundo Novaes (2001), os evangélicos pentecostais, além de possuir membros entre as camadas sociais menos privadas de recursos financeiros, conseguem penetrar nas franjas da sociedade: em áreas que têm se mostrado inalcançáveis para outros segmentos religiosos. São setores sociais (e espaços geográficos) que, por sua precariedade de condições, revelam, por outro lado, a mais completa ausência do poder público.

De acordo com o Censo 2010, quanto ao perfil socioeconômico, os protestantes se apresentam com níveis de renda e de escolaridade superior à média nacional, no entanto os pentecostais na base da pirâmide social se encontram na seguinte condição: 63,7% dos pentecostais acima de 10 anos recebem até um salário mínimo, 28% ganham entre um e três salários e 42,3% dos acima de 15 anos têm apenas o ensino fundamental incompleto. O pentecostalismo, portanto, continua se espraiando nas camadas econômica e socialmente mais vulneráveis da população, principalmente nas periferias das periferias urbanas das regiões metropolitanas. Expande-se, sobretudo, em territórios pobres e desassistidos, onde, a partir de 1980 tornou-se epidêmica a violência entre jovens do sexo masculino e disseminaram-se

gangues e facções armadas, locais geralmente em que tanto a presença católica quanto a dos poderes públicos é rarefeita (MARIANO, 2013).

Em nossa pesquisa no DER, encontramos a seguinte situação socioeconômica entre os pentecostais entrevistados:

Gráfico 1 - Situação socioeconômica dos pentecostais entrevistados



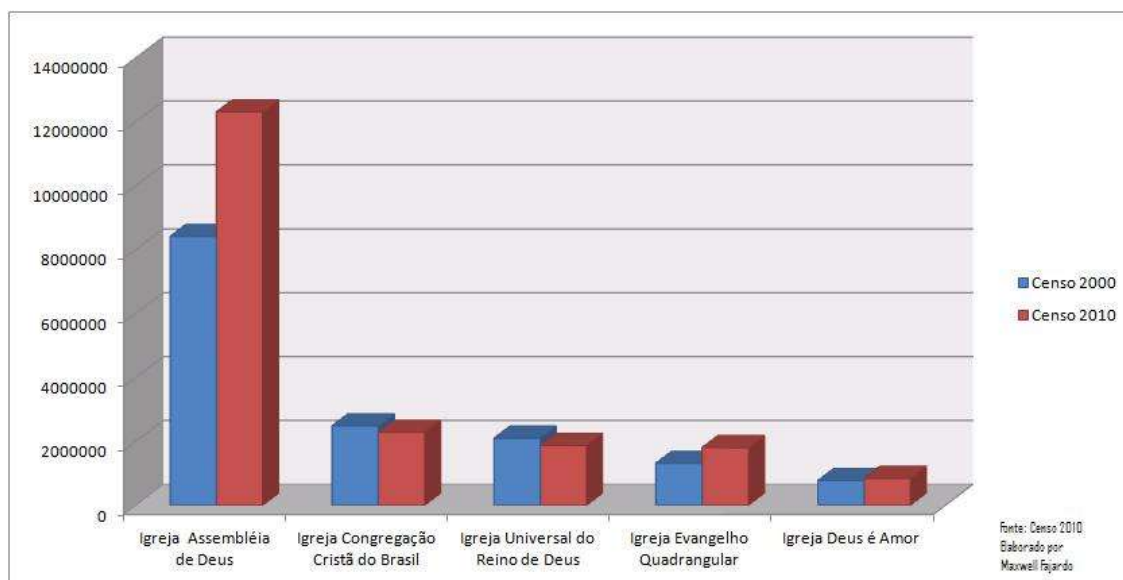
Fonte: Elaboração própria

Em 2000 no Brasil cinco denominações concentravam 85% dos pentecostais. Dez anos depois, com o Censo de 2010, este montante foi reduzido a 75,4%, pela desconcentração denominacional oriundo tanto da queda numérica da Congregação Cristã no Brasil e da Igreja Universal quanto com a emergência das igrejas então denominadas “neopentecostais”, aumento da diversificação institucional do pentecostalismo; as outras igrejas de origem pentecostal duplicaram seu peso relativo de 10,4% para 20,8%, passando a concentrar um quinto dos pentecostais, ou 5.267.029 de fiéis (MARIANO, 2013). Apesar disso, por outro lado, a A.D., que dispunha de 47,5% dos pentecostais em 2000, conseguiu ampliar tal proporção, indo para 48,5%, fruto de seu crescimento de 46,2%, cifra ligeiramente superior à média do avanço pentecostal (44%).

Das igrejas cristãs evangélicas em número de sete denominações perderam fiéis, três pentecostais e quatro de missão, perderam fiéis entre 2000 e 2010, este fenômeno quebra a tendência de crescimento no histórico dos evangélicos no Brasil: a Congregação Cristã no Brasil de 2.489.079 para 2.289.634 membros (perda de 8%); a Igreja Universal do Reino de Deus, de 2.101.884 para 1.873.243 adeptos (-10,8%); a Casa da Bênção, de 128.680 para 125.550 (-

2,4%); a Igreja Evangélica Luterana⁴⁹, de 1.062.144 para 999.498(-5,9%); a Igreja Evangélica Congregacional, de 148.840 para 109.591 (-26,4%); a Igreja Evangélica Presbiteriana, de 981.055 para 921.209 (- 6,1%) (MARIANO, 2013).

Gráfico 2 - Concentração dos pentecostais- Comparativo 2000 e 2010



Conforme supramencionado, no DER não localizei igreja Congregação Cristã; fato que também coincide com a notória perda quanto a capacidade de crescer e de fazer frente à aguerrida concorrência religiosa pentecostal na atualidade, principalmente nos espaços periféricos da cidade. Observe-se que, entre 1991 e 2000, de acordo com dados censitários⁵⁰, ela crescera 52,1%, montante considerável, porém, bem menor, comparado aos 245% da Assembleia de Deus, aos 334,8% da Quadrangular, aos 357,6% da Deus é Amor e aos 681,5% da Universal. Sem falar que entre 2000 e 2010 ela perdeu 8% de seus adeptos.

“O mesmo não se verifica com a Congregação Cristã, que constitui um caso à parte no campo pentecostal. Por conta de sua doutrina portadora de traços calvinistas e de seus acentuados tradicionalismo e sectarismo, rejeita o uso da mídia eletrônica e qualquer recurso proselitista que não seja o evangelismo pessoal. Este, contudo, não é efetuado de casa em casa, no transporte público, nem em praças, hospitais, penitenciárias. Seu evangelismo se limita, em grande parte, à socialização religiosa da prole, ao testemunho de bênçãos e ao convite para assistir aos cultos e ao ritual de batismo nas águas nos templos, ocasião em que os anciãos (como são nomeados seus pastores) aproveitam para fazer insistentes apelos visando persuadir os presentes a tomarem a decisão de se deixar batizar, alardeando que aquela pode ser a última oportunidade do visitante para se entregar a Jesus antes do Juízo Final. A invisibilidade pública da

⁴⁹Categoria que abrange pelo menos duas grandes denominações: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

⁵⁰ IBGE

Congregação Cristã deriva dessa opção exclusiva pelo evangelismo pessoal. Não obstante sua relativa eficácia, tal estilo evangelístico não consegue fazer frente ao proselitismo midiático das igrejas concorrentes. Com isso, como demonstram cabalmente os dados do último Censo Demográfico, ela vem crescendo pouco, perdendo terreno rapidamente.” (MARIANO, 2008)⁵¹.

FAJARDO (2012) conjecturando sobre este fenômeno, alega ser curiosa a diminuição do número de membros das Igrejas Congregação Cristã do Brasil, que perdeu quase 200 mil adeptos na última década, caindo de 2,4 para 2,2 milhões de membros. Minimiza o impacto desta assertiva com a informação: “*ela ainda continua sendo a segunda maior igreja pentecostal do país*”.

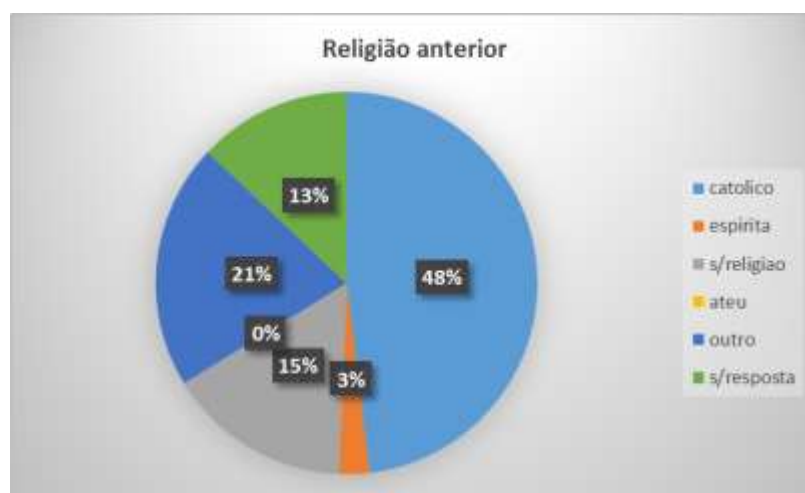
O DER também não conta com Igreja Universal em seu campo religioso, haja vista não ser este o tipo ideal de local que coadune com o “DNA” desta denominação para implantar um templo. A saber: área segregada com muito abandono do Estado e habitada por pessoas (a maioria migrantes) pobres que necessitam muito de agremiações com perfil comunitário. A visão megalomaniaca da Igreja Universal, optando por construção de templos gigantescos e trabalhando com o tele evangelismo não é favorável a formação de laços de sociabilidade fraternais e comunitários, prática observada nesta pesquisa como meio dos migrantes pentecostais se resolverem ante as vicissitudes comumente experimentadas na periferia urbana. Fazer prosélitos utilizando a mídia televisiva, tem vantagens e desvantagens, a saber: se tem a vantagem de atrair indivíduos à igreja sem vínculos pessoais com os outros frequentadores, porém, tem a desvantagem quanto socialização e permanência destes membros. A propósito, surpreendente a queda da Universal.

O Censo de 2010 acusa um declínio da Universal de 228 mil adeptos nesta última década. MARIANO (2008) assevera sobre este declínio, que uma parte dele pode até ter sido enquadrado por problemas de coleta do Censo 2010, caindo na “categoria evangélica não determinada”, contudo, é claramente notório que seu público “nicho religioso” está sendo disputado por concorrentes, denominações recém-surgidas que copiaram suas estratégias organizacionais e midiáticas expansionistas. Em nossa opinião, a Universal tem servido como “escada” por onde as pessoas iniciam uma caminhada, para depois migrarem em direção à outras igrejas cristãs evangélicas (pentecostais em sua grande maioria).

No Censo 2010 os cristãos evangélicos chegaram à cifra de 42,3 milhões (22,2% da população). O ano da realização do Censo coincidiu com o centenário da chegada do

pentecostalismo ao Brasil. De acordo com os dados do IBGE, 6 de cada 10 evangélicos brasileiros declara-se pentecostal (FAJARDO, 2012). No gráfico abaixo temos uma evidência de quais religiões perderam adeptos para o pentecostalismo assembleiano no DER, isto resultante do questionamento sobre: - *qual religião professava antes da conversão*; entrevista por nós realizada no período entre 17/10 a 01/12/2017:

Gráfico 3- Religião professada anteriormente



Fonte: Elaboração própria

2.6 Vultuoso “Assembleísmo” no DER

No DER, Assembleia de Deus é a denominação que mais se destaca em número de igrejas oriundas de diferentes ministérios, bem como em número de membros. Tal verificação deste dado na pesquisa de campo está coadunando com a percepção de Fajardo (2012), que corrobora com MARIANO, baseando-se em dados censitários, alega que que esta denominação religiosa apresentou um crescimento de 46%, saltando dos 8,4 milhões de membros para 12,3 milhões na última década, continuando a ser a maior igreja evangélica e o segundo maior grupo religioso do país, perdendo em números apenas para a Igreja Católica. Fato que nos levou a escolher, dentre outras pentecostais, duas igrejas assembleias de Deus existentes no DER, de ministérios distintos, como objeto de observação e pesquisa para nosso trabalho.

“ Vale a pena lembrar que o Censo não faz distinção entre os diferentes ministérios da AD. Assim, os 12 milhões de assembleianos estão espalhados em uma série de ministérios e convenções independentes, das quais a maior e mais antiga é a CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil), fundada em 1930. Há diversos

ministérios dentre os quais destacam-se: Belém, Madureira, Perus, Ipiranga, Santos, Bom Retiro, dentre centenas de outros” (FAJARDO,2012)

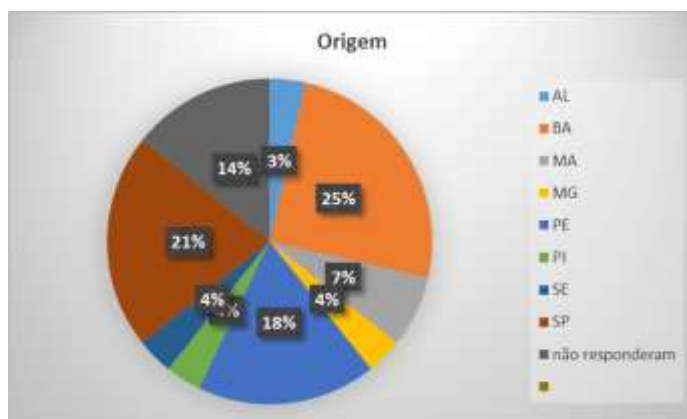
Ainda, nos valendo de Maxwell Pinheiro Fajardo, em sua tese de doutorado em 2015 cujo título “Onde a luta se travar: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980) ”, entendemos como necessário fornecer ao leitor ao menos um lampejo do que é a A.D. à nível Institucional, face ao estreito liame existente entre esta organização religiosa e o processo de migração, urbanização e crescimento pentecostal nas metrópoles, notadamente em São Paulo.

“A Igreja Assembleia de Deus é o segundo maior grupo religioso do Brasil de acordo com os últimos Censos demográficos. Fundada em Belém do Pará em 1911, sua expansão se deu em consonância com diversas transformações sociais ocorridas no Brasil durante o século XX. Dentre tais transformações, ganham destaque os processos complementares de industrialização e urbanização do país, em evidência de modo especial a partir da segunda metade do século. Foi a partir deste período que as Assembleias de Deus bem como as demais denominações de orientação pentecostal começaram a chamar a atenção no campo religioso brasileiro. Desde a década de 60 estudos acadêmicos apontam como as igrejas pentecostais beneficiaram-se das massas de migrantes que chegavam às metrópoles para fornecerem a mão-de-obra para as indústrias em expansão, concluindo existir uma ligação direta entre a urbanização e o crescimento pentecostal. No entanto, embora inseridas no mesmo contexto, nem todas as denominações tiveram o mesmo ritmo de crescimento. As Assembleias de Deus, por exemplo, hoje contam com seis vezes mais membros que a segunda maior igreja pentecostal, a também centenária Congregação Cristã no Brasil, está tendo a vantagem de já ter nascido no espaço urbano.

2.7 “Nordestinização” pentecostal na periferia

Das duas Assembleias de Deus eleitas para pesquisa (A.D. Ministério Belém e A.D. Ministério São Bernardo do Campo), quanto à origem das 78 pessoas entrevistadas encontramos a seguinte situação no que diz respeito ao lugar de origem: na primeira delas, média de 52% dos entrevistados são migrantes com origem no Nordeste, enquanto que na segunda igreja, média de 41% são também migrantes nordestinos; extraíndo média geral das duas igrejas localizadas no DER, teremos então 46,5% de migrantes nordestinos constatados em entrevista por nós realizada no período entre 17/10 a 01/12/2017, como segue:

Gráfico 4 - Origem dos migrantes



Fonte: Elaboração própria

Numa visão do macroambiente diretamente contíguo ao espaço geográfico que interessa para a nossa pesquisa, cabe observar a origem dos moradores em aglomerados subnormais⁵², em algumas das cidades do Grande ABC: Em São Bernardo, pelo menos 40% ou 61.626 dos 152.302 moradores de comunidades carentes são migrantes de outras unidades da federação; Diadema, 41% dos 88 mil moradores de favelas também veem de outros Estados. Santo André 36% dos habitantes de áreas carentes (88.638 mil) também vem de outros Estados (31.885).

Quadro 12 - Concentração de Migrantes

CONCENTRAÇÃO DE MIGRANTES VINDOS DE OUTRAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO E QUE MORAM EM AGLOMERADOS SUBNORMAIS		
Município	Número de migrantes vindos de fora de SP	Porcentagem correspondente em relação ao número de habitantes em áreas carentes no município.
SÃO BERNARDO	61.626 mil moradores	41%

Fonte: LIT (Levantamento de Informações Territoriais) realizado com base no Censo Demográfico de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

⁵² Cf. Informações territoriais do caderno de aglomerados subnormais do censo de 2010, é o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características abaixo:

- Irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou
- Carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública).
- Sua existência está relacionada à forte especulação imobiliária e fundiária e ao decorrente espraiamento territorial do tecido urbano, à carência de infraestruturas as mais diversas, incluindo de transporte e, por fim, à periferização da população.
- Surgem, nesse contexto, como uma resposta de uma parcela da população à necessidade de moradia, e que irá habitar espaços menos valorizados pelo setor imobiliário e fundiário dispersos pelo tecido urbano. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000015164811202013480105748802.pdf>

Consulta em: 31/12/2017.

O cotidiano na região do ABC paulista na última década, coloca em evidência a multiplicidade de origens dos moradores das cidades no geral (não somente em área carente). Pesquisa de censo demográfico do IBGE constatou que, uma parcela de 20% da população da região é composta por migrantes nordestinos. Em quadro comparativo abaixo verificamos a proporção de nordestinos especificamente em algumas cidades do ABC:

Quadro 13- Concentração de Migrantes Nordestinos

CONCENTRAÇÃO DE NORDESTINOS EM CIDADES DO ABC		
	Número de nordestinos	Porcentagem correspondente em relação ao número de habitantes no município.
DIADEMA	97.739	28%
MAUA	86.883	
SÃO BERNARDO DO CAMPO	144.881	21%

Fonte: IBGE- Censo de 2000- adaptação do autor ⁵³

Há muito, esta “Nordestinização” do Sudeste tem sido tema para pesquisadores⁵⁴. Paulo Fontes por exemplo em sua tese de doutorado com o título “Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em Miguel Paulista, 1945-1966”, analisa e descreve a experiência dos migrantes nordestinos que, migrando para São Paulo em meados do século XX, contribuíram para as grandes transformações econômicas, sociais e políticas da cidade. Alega que, em vez de vítimas de processos impessoais, os migrantes nordestinos atuaram como sujeitos da sua própria história e, no nosso entendimento, tal fato também se reproduz com este estudo de caso da favela do DER, que apresenta 46,5% de migrantes nordestinos nas igrejas em foco.

2.8 A conversão como meio de regeneração de vida pregressa, comprometida com as drogas

NA favela do DER há também os adeptos que tiveram uma experiência de mudança de uma vida pregressa pela conversão e filiação à igreja pentecostal. Após a conversão deixaram as

⁵³ Cf. informação disponível em: <<http://www.metodista.br/ronline/noticias/cidades/pasta-3/nordestinos-sao-20-do-abc>>. Consulta em 31/12/17

⁵⁴ Não com esta expressão, de minha particular lavra.

drogas e a criminalidade; hoje, dão depoimentos desta nova vida e com a profusão típica das prédicas pentecostais. Conforme Medrado (2015)⁵⁵, esta experiência religiosa do “novo nascimento” proporciona aos indivíduos uma mudança radical.

O “novo nascimento”, proporcionou aos indivíduos mudança radical, de maneira geral é o que ocorre nas igrejas de periferias. Alguns se casam, constituem família, se fixam em algum emprego e passam a reger suas vidas a partir de um novo *éthos*. Para Teixeira (2008: 102), “*o micro processo civilizador pode ser lido como a direção na qual corre este processo. Consiste na transformação de um sujeito de verdade*”.

Zaluar (1994), assevera que traficantes e pentecostais são extremos que se cruzam de alguma maneira; ainda propõe a discussão, que para além das “oposições”, uma frente se identifica com a outra. Entendemos que pela proximidade física das igrejas pentecostais estarem instaladas em grande número nos aglomerados subnormais, onde, na ótica de Telles (2010) funciona “A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal” e o tráfico de entorpecentes se recrudescer sobremaneira. A uma, pela dificuldade que a polícia tem em circular nos recônditos quase inacessíveis dos estreitos becos da favela, bem como, pela dominação e espectro de terror que o crime exerce sobre os moradores da comunidade. Para Teixeira (2006: 30),

“Embora à primeira vista pareça que os pentecostais estejam isentos de uma relação com o tráfico, existe uma proximidade em muitos casos: física, geográfica, de sociabilidade, em relação ao parentesco e à família. Igreja e tráfico convivem no mesmo bairro. Estão nas ruas, nas esquinas, em casa. Ao lado da igreja, uma boca-de-fumo; uma irmã crente tem um filho traficante; primos pertencentes aos dois grupos ficam juntos: no futebol, nas conversas de rua, na escola. ”

Conforme depoimento de um dos adeptos por nós entrevistado quando questionado sobre o motivo que o levou a pertencer a Igreja do DER, ele então discorreu:

“-A gente...sem saber assim, nós ficou sabendo que Deus é tão maravilhoso, mas o que me levou a pertencer a igreja, é eu ser liberto por Deus foi que...era, usava droga, né...pode falar?

Usava droga né...e bebia muito também, né. Saía de casa de manhã, só voltava à noite. É...o salário que eu ganhava em outra firma não dava pra dentro de casa porque eu gastava todo o dinheiro com droga, e a bebida e essas coisas, né...chegava em casa, é...e fizeram um convite pra mim, aceitei aqui, graças a Deus, né. Fui liberto, o primeiro dia que eu entrei dentro da igreja. ”

(R.M.S., em 29/10/2017)

⁵⁵ CF. Lucas Medrado, em seu trabalho de campo, se dedicou em coletar dados que comprovassem atuação da Igreja junto aos agentes do crime, e em que medida a filiação religiosa dos agentes ganhava importância.

Certamente, neste capítulo, não realizamos uma análise do campo religioso no DER em sua complexidade e minúcias do conhecimento científico. Objetivamos, desde o início, um patamar bem mais sucinto. Pretendíamos apenas visualizar e demonstrar que o campo religioso atual no DER também não está distante da realidade replicada nos demais campos das metrópoles do país, particularmente na periferia urbana; campo religioso que se apresenta como importante instância de produção de narrativas sociais, nos quais os indivíduos e grupos sociais são protagonistas de suas ações. Fazendo emergir aí, dimensões constitutivas da religião, como elemento chave nos processos de interpretação dos fatos sociais.

Abordamos, mais precisamente neste capítulo, questões atinentes ao campo religioso do DER, demonstrando, por pesquisa de campo, seu característico “pluralismo pentecostalizado”, dada a vantagem numérica das igrejas de matriz pentecostal existentes na favela. No interregno, procuramos mostrar a visão de “campo” sob a ótica Bourdieuana que não enxerga somente os bens de salvação sendo envolvidos nesta esfera, mas sim a luta pelo controle de toda a vida. Vimos também a fluidez deste campo retratada no trânsito religioso existente no DER, porém muito mais entre grupos pentecostais, de cuja expansão e perfil um tanto deficitário também discorremos; sem deixar de ressaltar fenômenos típicos detectados no campo religioso do DER aos quais denominei de “assembleísmo” e “nordestinização”, tanto pelo número de A.D encontradas ali, quanto pelo alto percentual de nordestinos migrantes que compõem as igrejas. É neste espaço que fluem os vínculos associativos onde circulam benesses, e de cujas redes trataremos no capítulo a seguir.

3 REDES PENTECOSTAIS E O ESTABELECIMENTO DO MIGRANTE NA FAVELA DO DER

Minha Favela (1968)

Clodoaldo Brito (Codó) e Francisco Dias Pinto.

Eu não voltei mais na favela/ Mas sei que nada melhorou (...)/Só quem conhece a favela/ É quem entende bem ela/ Não é igual no carnaval/ Pois quem vê o povo tão contente / Pensa que o morro é diferente / Não sabe o que é viver tão mal. (OLIVEIRA E MARCIER, 1999, P.73)

O presente capítulo propõe-se, inicialmente, analisar o papel das redes religiosas na vida do migrante de pertença pentecostal que mora em periferia. A priori, abordam-se, neste trecho, aspectos conceituais de “rede social” compreendendo que o estudo das redes torna-se imprescindível para entendermos os padrões de reprodução das situações de pobreza e vulnerabilidade social. (MARQUES, 2017, pag. 37). Apesar de considerável produção de conhecimento na área das Ciências da Religião, no que tange à migração, religião e cultura, ainda restam questões importantes que demandam pesquisas para busca de respostas coerentes, como as seguintes: Como se resolvem os migrantes pentecostais e qual a importância das “redes sociais” ante situação de forte vulnerabilidade social na favela? Qual a situação socioeconômica do migrante no DER? Pode o migrante ascender na vida, como morador na favela e participe de rede pentecostal? Em que medida a rede religiosa se sobrepõe aos demais vínculos associativos do migrante do DER? Transitando nesta linha, por fim, busca-se no presente capítulo, entender: como o migrante pentecostal converso se comporta após passar a residir em moradias, cuja região passou por um processo de urbanização da área favelada?

A preocupação das ciências sociais com os efeitos dos padrões de conexões entre indivíduos nas sociedades é bastante antiga, porém a análise das redes sociais é um campo de estudo relativamente recente que parte da premissa de que o foco de atenção na análise social deve ser as relações e não os atributos das entidades sociais. Segundo NORONHA, (2016) as redes sociais, em sua diversidade de espécies (familiares, amizades, profissionais, religiosas ou associativas) auxiliam no entendimento das relações sociais (costumeiramente complexas), exercidas entre os indivíduos e instituições nas sociedades hodiernas. As redes sociais aludem às

relações produzidas entre as pessoas, via de regra por uma convivência de longo período (MARQUES, 2010). Tais relações em “rede” são fomentadas pelas práticas associativas que angariam força (capital social) e ganham espaço no tecido social, tanto pelas aproximações que a diversidade de situações experimentadas permite, bem como pela capacidade de ganho que relações perduráveis ensejam e pelas quais circulam benefícios materiais (por vezes em forma de informações e contatos) e afetivos (amizades, matrimônios, apoio emocional etc.) que contribuem para fomentar a integração socioeconômica dos membros daquela comunidade, atenuando a sua condição de vulnerabilidade.

Relações de parentesco, amizade, vizinhança, religiosa, de conterrâneos (no processo de migração), etc. se revelam eficazes na troca de favores, com maior significância entre grupos mais vulneráveis de regiões urbanas mais periféricas (ou núcleos de pobreza segregados), nas relações de trocas, ou no acesso as estruturas de oportunidades (MARQUES, 2010). Em um nível mais concreto, o estudo das redes sociais remete diretamente aos padrões de sociabilidade presentes em um dado contexto social na construção de seus relacionamentos.

Notório é que, as redes na área urbana onde se observa grande aglutinação de grupos sociais demasiadamente diversificados, têm suas potencialidades de ação expandidas. Na modernidade a vida em metrópole propicia aos indivíduos significativa liberdade de circulação e escolha social com relações diferenciadas entre iguais, contrário às singelas oportunidades da região rural em pequenas cidades. O cenário (regional, social, etc.) em que estão incorporadas, determina, de uma maneira ou de outra, sua forma de atuação. As “redes” são relevantes na periferia e para este estudo nosso foco se projeta para a rede religiosa que, por exemplo, “demonstram grande força de penetração nas periferias urbanas” (BARRERA, 2012).

Não são fartos os estudos sobre a presença da religião e das redes religiosas no processo de migração. Trabalhos como os de DURHAN (1978) e FONTES (2008) dissertam sobre a importância das redes “familiares” e de “conterrâneos” no dia-a-dia do migrante principiante, porém as redes religiosas não estão contempladas em tais análises. Entendemos de todo justificável os recentes trabalhos do grupo de pesquisa REPAL⁵⁶, capitaneado pelo professor BARRERA, envidando esforços para perscrutar o fenômeno das redes religiosas e sua

⁵⁶Religião e Periferia na América Latina – REPAL. O grupo de pesquisa iniciou suas atividades no ABC paulista, cadastrado no CNPQ, financiado pela FAPESP”, Conta com pesquisadores e pesquisadoras mestrands, doutorandos, doutores e pós-doutorandos. Também acolhe e promove pesquisadores de iniciação científica. O eixo principal de interesse do REPAL são as diversas práticas religiosas na periferia urbana latino-americana, estudando-as a partir da sociologia e da antropologia da religião. Foca seu interesse na relação entre prática religiosa e desigualdades sociais no contexto urbano periférico.

influência na vida dos moradores de periferia, em especial dando luz ao migrante recém-chegado nesta zona de exclusão e buscando produzir conhecimento neste campo. É nesta linha que seguiremos no presente capítulo.

Em comparativo compreendendo período de três décadas, observa-se o crescimento da população residente em favela em São Bernardo, conforme descrito em quadro abaixo. Contudo há um universo de diversidades quanto às questões estruturais, tipologias, potenciais de escolaridade, maiores ou menores probabilidades de conseguir-se emprego, redução ou aumento das desigualdades de renda, realidade socioeconômica, por exemplo; diferenças existentes entre uma e outra favela.

Quadro 14 - São Bernardo do Campo. Evolução da população residente em favelas, 1991-2010.

Ano/ população	1991	2000	2010
População residente	566.330	703.177	746.718
População residente em favelas	80.139	142.133	152.780
População residente em favelas - %	14,2	20,21	20,46

Fonte: IBGE. Censos demográficos, 1991, 2000, 2010

3.1 Realidade socioeconômica dos pentecostais no DER

Há já um consenso, lastreado em dados censitários, que os pentecostais crescem onde se concentram pessoas mais pobres. Pesquisadores como Almeida (2004) busca o liame entre adesão pentecostal e a pobreza "[...] *como construir a conexão entre o crescimento deste segmento religioso e a pobreza urbana?* ". Tema que ainda enseja empenho em pesquisa investigatória.

Em análise entre os pentecostais na favela do DER, pudemos observar que 31% dos entrevistados mora em área sem urbanização nenhuma, enquanto que 41% mora entre 4 a 7 pessoas em uma só unidade unicelular.

Gráfico 5 - Número de moradores



Gráfico 6 - Condição de moradia



Fonte: Elaboração própria

Cumpra aqui mencionar que a referida área tida por urbanizada no gráfico acima também faz parte do DER e somente após 60 anos passou por um programa de urbanização da Prefeitura em parceria com o CDHU; intervenção que atendeu apenas parte dos moradores da favela, aproximadamente 1.400 famílias que moram no local foram assistidas, recebendo suas moradias (sobrados geminados financiados pelo CDHU) com obras de infraestrutura, tais como: abertura de ruas, rede de água e esgoto, drenagem, arrimo das encostas, iluminação pública, galeria de águas pluviais, e pavimentação asfáltica. Sr. João, um ex-operário do Departamento de Estradas e Rodagens e, na época das intervenções presidente da Associação Comutaria da Favela, afirmou: - *“Hoje, convivem quatro gerações na favela, que enfrentam os problemas do crescimento desordenado e sem infraestrutura, como esgoto a céu aberto, transbordamento de córregos e áreas propensas a desabamento”*⁵⁷. Conforme se observa em aerofotogramétrico da imagem 11, grande parte da “mãe de todas as favelas” ainda continua sem urbanização desde seu surgimento em 1948.

Quanto à renda familiar mensal dos pentecostais na favela, observou-se que 5% estão sem nenhuma renda atualmente, enquanto que 21% das famílias vivem com apenas 1 salário mínimo. A metade das famílias sobrevivem com a renda de 1 a 3 salários mínimos. A questão do poder aquisitivo está intrinsecamente relacionada à empregabilidade e, neste quesito, observamos que 26% dos entrevistados não tem trabalho, que somados aos 4% que tem trabalho, porém informal, temos aí um contingente na ordem de 30% fora do mercado de trabalho, entre os entrevistados moradores do DER.

⁵⁷ Fonte: Diário do Grande ABC, caderno Sete cidades, publicado em 01/08/2001. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/Noticia/145023/depois-de-60-anos-favela-do-der-vai-ser-urbanizada>>

Gráfico 7- Renda da família

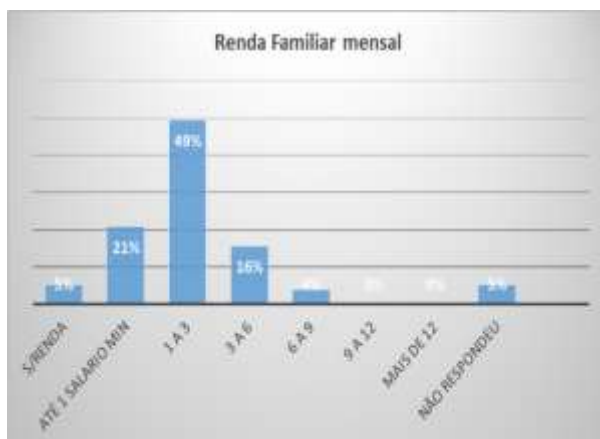
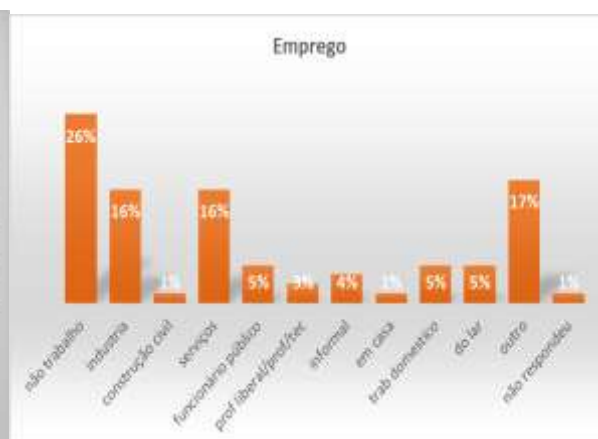


Gráfico 8 - Emprego



Fonte: Elaboração própria

Constata-se neste caso que, se a crise de desemprego anunciada pelo governo como média nacional⁵⁸ for, de fato, na casa dos 13,7 pontos percentuais, aos moradores da favela do DER ela foi bem mais austera, atingindo-os duplicadamente em 2017.

3.2 Favelas e a diferenciação de pobreza

A favela do DER, localizada no coração da cidade de São Bernardo, tem uma "estrutura de oportunidades" diferenciada⁵⁹ em relação ao enorme conjunto de favelas do município, vez que é o núcleo mais bem posicionado geograficamente na cidade, levando-nos a constatar que, de fato há existência de diferenciadas pobreza urbanas que variam segundo o capital social de cada contexto. Inquirindo de entrevistados sobre o que fez as pessoas se interessavam em migrar justamente para o DER, eles responderam:

“É, como eu já falei antes na pergunta anterior. É assim: tem bastante pessoas de outros Estados aqui, né! Vamos dizer, em nossa igreja 90% das pessoas são de outros Estados, principalmente do Nordeste né! Nordeste, ou de Minas né! Então tem bastante pessoas, né! E o que leva as pessoas vim ao DER, é por ser um bairro próximo do Centro né! Então tem uma facilidade no transporte, de se locomover em busca de empregos né! As empresas também procuram pessoas que moram mais próxima possível da sua

⁵⁸ Cf. Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), desemprego subiu para 13,7% no trimestre de janeiro a março de 2017, por meio da pesquisa Pnad Contínua.

⁵⁹ A noção de “estrutura de oportunidades” alude ao fato de que os canais para o bem-estar estão estreitamente vinculados entre si, de modo que o acesso a determinados bens, serviços ou atividades provê recursos que por sua vez facilitam o acesso a outras oportunidades” (Katzman, Ruben e Filgueira, Carlos. Marco conceptual sobre activos, vulnerabilidad y estructuras de oportunidades. Montevideu: Cepal, 1999).

localidade. O DER fica estrategicamente no Centro de São Bernardo, aí, por isso traz esse interesse das pessoas procurar o DER para morar”

(G.C.S., em 29/10/2017), narrativa do entrevistado.

(Grifo nosso)

“(…). Na nossa igreja tem bastante pessoas de outros estados do Nordeste, eu acho que o que leva as pessoas a virem para o DER, é que aqui é um bairro até mesmo bem localizado. As pessoas da classe baixa, tem aqui a oportunidade de pagar um aluguel mais barato, de encontrar uma casa mais barata pra comprar e acessibilidade ao centro e acomodação que é muito boa também. Lugar bem localizado na cidade de São Bernardo.

(I.M.V., em 29/10/2017), narrativa do entrevistado.

É cediço que ainda há favelas amargando a ausência total de infraestrutura, caracterizada com grau de pobreza extrema⁶⁰ em sua conjuntura, contudo os dados censitários de 2010 do IBGE apontam que 88,3 das favelas no Brasil já têm abastecimento de água, 67,3 possuem esgoto e 72,5 contam com energia elétrica; sinalizando mudanças substanciais na periferia com situações diversas⁶¹.

Nesta esteira, é notório que os moradores do DER são melhor prestigiados que os moradores da favela do Areião, por exemplo. Estes estão melhor localizados, mais próximos aos equipamentos públicos, as creches, aos hospitais, aos meios de transporte coletivo, ao próprio parque industrial e de serviços, aumentando assim sua empregabilidade e oportunidades de usufruir da rede pública. Aqueles, os moradores do Areião, estão há kms de distância dos corredores comerciais mais centrais da cidade, longe do aparato estatal, portanto. Uma empregada doméstica que more em uma das favelas do distante Bairro do Alvarenga, por exemplo, e que tenha que tomar duas conduções para trabalhar em região onde haja demanda para absorver seus serviços, certamente tem menos chances de concorrer a uma vaga de trabalho com quem more na favela do DER, vez que, a despesa de locomoção do empregado há de ser legalmente custeada pelo empregador (o empregador quer sempre baratear os custos de mão de

⁶⁰ O número de pessoas vivendo em situação de pobreza extrema no Brasil caiu 64% entre 2001 e 2013, passando de 13,6% para 4,9% da população, segundo dados divulgados pelo Banco Mundial. Os dados foram divulgados durante reunião do Banco Mundial e do FMI em Lima, no Peru.

⁶¹ Desde 2007, por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o governo federal já destinou mais de R\$ 20 bilhões para projetos que visam a melhorias em favelas e moradias em áreas de risco (transformando a cara de muitos núcleos), investindo em sistemas de saneamento básico, prevenção de desabamentos, urbanização de assentamentos precários e programas como o Minha Casa, Minha Vida, que entregou mais de 900 mil moradias. Disponível em: Espaço Cidadania, • Ano 9 • número 102 • outubro de 2012. Publicação mensal do Instituto Metodista de Ensino Superior.

obra); mesmo como moradoras de favela, são, portanto, detentoras de capitais sociais e econômicos distintos. Fajardo⁶², citando Bourdieu assevera que “embora o capital econômico seja a fonte de todas as outras formas de capital, e embora seja diferenciado o custo de conversão dos diferentes tipos de capital em capital econômico, Bourdieu⁶³ deixa claro que o capital social tende a ser transformado em capital econômico ou mesmo em capital cultural”.

Antes de nos debruçarmos no tema em questão, desenhávamos, equivocadamente, uma configuração uniforme e completamente estigmatizada do fenômeno favelização e favela (entendemos ser esta a “leitura” majoritária do consciente coletivo, s.m.j.). Naquela visão padronizada e única, em que realmente seria o núcleo de favela, tínhamos em nosso imaginário (texto que outrora esboçamos e que agora, *ipsis litteris*, passamos a transcrever): “ - *ser o lugar e a condição na periferia urbana, com becos estreitos de terra batida, com esgoto a céu aberto; lugar onde, na época das águas as crianças adoecem pisando na lama fétida e, na seca, a poluição pulverulenta provocando doenças pulmonares nos pequenos. À noite, quando venta forte as pessoas não dormem com medo do barraco cair. Quando não conseguem um gato (bico de luz clandestino), o jeito é iluminar o barraco com lamparina de querosene fumaçando em suas narinas. Na chuva, a goteira molha por cima, em caso de forte temporal, a enxurrada traz até lama e molha por baixo. No frio, as frestas do barraco permitem a entrada do vento gélido para maltratar mais ainda. Próximo à favela não tem posto de saúde, escola, delegacia, enfim, sem nenhum equipamento público e infraestrutura zero. Pobreza total, parece até os rincões pobres da África. Às margens da sociedade, o morador não pode sequer informar onde mora, perderia a remota oportunidade de emprego de cara pois, para muitos, o favelado é suspeito.* ” Era esta a condição “*sine qua non*” que particularmente engendrávamos como indispensável para designar a figura da favela.

Façamos aqui nossa *mea-culpa*, pois de acordo com Valladares (2005), a análise da literatura especializada sobre as favelas revela que a própria academia tem contribuído para a construção de representações equivocadas. Esta condição supra retratada não pode ser adotada como régua de medir para conceituar “a favela”, com toda sua diversidade de capital social,

⁶² Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7122/7122_3.PDF > Acesso em 08/01/2017

⁶³O trabalho de BOURDIEU, P. “Le capital social: notes provisoires” foi originalmente publicado na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 31:2-3, 1980. Aqui está sendo usado: BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.) *Escritos de Educação*, 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2001, pp.67-69.

econômico e cultural peculiares a cada contexto, bem como, dotada de diferenciadas etnografias e pobreza. No entanto, independente da “diferenciação de pobreza”, é nesse ambiente de vulnerabilidades onde mais se desenvolvem as relações associativas de ajuda recíproca entre os grupos, principalmente dentre os mais carentes de urgente assistência, por exemplo: os migrantes recém-chegados.

O cenário atual do DER é muito diferente do período em que a via Anchieta foi inaugurada na fase da industrialização. A região que era considerada periferia de São Bernardo nos anos 1960 e 1970 sofreu muitas mudanças em seu entorno. O centro da cidade que distava não mais que 1 km, foi se espraiando e acabou ilhando o DER., sem, no entanto, se mesclar a ele. É certo que, mediante alguns indicadores, os contextos de pobreza vêm apresentando significativas alterações sociais no DER, devido este encurtamento espacial para acesso aos serviços públicos (se bem que há relato de entrevistados sobre a discriminação cerrada que seus filhos sofrem nas escolas públicas da região). Entretanto, com esta aproximação, o DER tornou-se atraente para os traficantes montarem suas “bocas” mais próxima de seu público alvo⁶⁴ (O DER tem muitos trechos de vielas estreitas não comportando o acesso da viatura policial). O que era sinônimo de pobreza, há 60 anos tem se perpetuado espacialmente na região. Com algumas formas de atenuação da pobreza sim, mas também à custa da reprodução de outras precariedades. Na visão de Almeida⁶⁵; Tiarajú D' Andrea e Daniel de Lucca os “dois vetores com sentidos contrários estão articulados em um mesmo processo social, cuja resultante é o equacionamento entre atenuar e reproduzir”.

3.3 Reprodução das desigualdades Sociais na favela.

Com o resultado dos questionários aplicados, entrevistas e observação de campo, entendemos que merece aqui breve reflexão, em uma análise mais empírica, se o fato de um indivíduo morar em localidade típica de periferia urbana, fazendo parte de uma rede de

⁶⁴ A favela do DER estando localizada em região Central da cidade, traficantes se instalam ali para, logisticamente, estarem mais próximos dos consumidores de classe elitizada. Mais cômodo para tais usuários que residem nos bairros mais nobres e acessam facilmente esta região, vez que, de outra forma teriam que deslocar-se para locais mais suscetíveis aos riscos pertinentes à este tipo de prática ilegal.

⁶⁵ Cf. ALMEIDA, Ronaldo de; D' ANDREA, Tiarajú; DE LUCCA, Daniel. Situações periféricas: etnografia comparada de pobreza urbanas. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 82, p. 109-130, Nov. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 jan. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002008000300006>.

associativismo religioso – em particular na favela do DER – altera ou não as suas chances de ascender socialmente em relação à seus pais (seus antecessores). Entre os entrevistados, o agora morador M.A.S. relata que, o motivo de sua migração foi o desejo de ascender na vida:

“Primeiro a necessidade financeira, emprego. Como na minha cidade não havia emprego, era só zona rural, o campo. Então, necessidade de busca de qualidade de vida melhor. Buscar um emprego melhor. Chance de estudar. Na ocasião, há 26 anos atrás era bem pouca. Terminava o antigo 2º grau, estacionava. Quem tinha condição de ir pra outra cidade estudava. Quem não tinha parava ali mesmo. E eu, ao finalizar o antigo 2º grau, senti necessidade e também a questão financeira de emprego, o que me levou a vir pra cá.”

(M.A.S., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

Neste trecho colocamos em foco os possíveis efeitos do local de moradia sobre a reprodução das desigualdades sociais, cravados apenas nos ativos⁶⁶ sociais e na ascensão da vida acadêmica, fatores que também dizem respeito à influência do lugar sobre o ciclo de vida individual, não considerando – sem desprezar a significância – as variáveis que também dizem respeito às outras esferas sociais, como a economia local, mercado de trabalho de cada região, a saúde física e mental dos indivíduos a depender da alimentação adequada em fase de crescimento, etc.

Entendamos aqui, quanto a reprodução das desigualdades sociais, o conceito de pobreza não compreendida apenas em função das carências materiais, mas também em relação aos recursos que permitam estes indivíduos saírem de determinadas situações de desvantagem em relação aos demais. Um ponto a observar, no ciclo de vida individual do morador de periferia, é em relação à qualidade dos serviços locais oferecidos.

A exemplo destes recursos, citamos inicialmente a escola a ser frequentada desde a tenra idade: as crianças teriam que se instalar em escolas mais próxima da moradia (não ignoramos aqui a constância do problema da falta de vagas nas escolas, fruto do descaso de administrações públicas com estas regiões), com professores, infraestrutura e processo de ensino de qualidade. “O nível de vulnerabilidade em uma etapa aumenta a probabilidade de riscos em etapas posteriores” (KAZTMAN e FILGUEIRA, 2002). Caso estas não sejam de boa qualidade, tais alunos poderão sofrer *déficits* de aprendizado que comprometerão seu desempenho para o resto de seu ciclo de vida.

⁶⁶ Ativos são todos os bens que um lugar possui, tangíveis ou intangíveis, cuja mobilização permite o aproveitamento das estruturas de oportunidades presentes no momento, seja para elevar o nível de bem-estar ou para mantê-lo diante de situações que o ameacem.” (Kaztman, 1999, p. 19).

“O bem-estar nos primeiros anos de vida interessa tanto em si mesmo quanto por suas consequências posteriores. Há uma crescente tomada de consciência de que as oportunidades sociais das pessoas ao longo de suas vidas estão fortemente determinadas pela qualidade de vida e condições de socialização experimentadas nesses anos iniciais, particularmente no que se refere às potencialidades físicas e intelectuais.” (HASENBALG, 2003, p. 86).

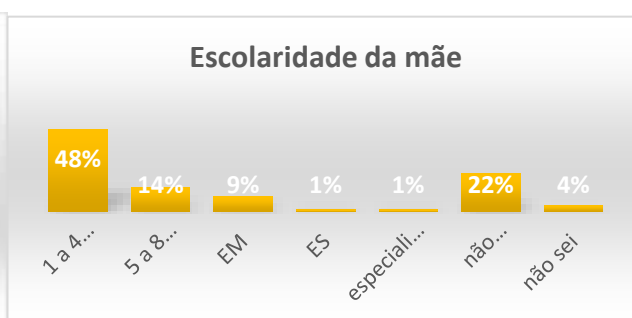
No caso dos entrevistados do DER, mais de 20% de seus pais são analfabetos, não estudaram, enquanto que, o montante de 45 % estudou somente da 1ª até a 4ª série e 11,5 % conseguiu atingir no máximo o ensino médio. Comparado ao ciclo de vida escolar dos próprios entrevistados, constatamos que 52% estudaram até o ensino médio e 19% alcançaram o nível superior. Neste caso, teoricamente, houve uma aparente fuga da exclusão, todavia entendemos ser este fenômeno uma “exclusão limitada”. Vez que, o sistema de ensino tem servido como dispositivo por meio do qual as estruturas sociais são mantidas na sociedade moderna. .

“O sistema de ensino é um dos mecanismos pelos quais as estruturas sociais são perpetuadas. Existem outros: o sistema sucessório, o sistema econômico, a lógica da velha fórmula marxista segundo a qual o “capital vai ao capital”. Mas, nas sociedades modernas, o sistema de ensino tem um peso maior, contribuindo com parte importante daquilo que se perpetua entre as gerações. Uma parte importante da transmissão do poder e dos privilégios se faz por intermédio do sistema escolar, que serve ainda para substituir outros mecanismos de transmissão, em particular os que se operam no interior da família (...) contribui, então, para ratificar, sancionara, transformar em mérito escolar heranças culturais que passam pela família” (BOURDIEU, 2002, p.14,15).

Gráfico 9 -.Nível Escolar do entrevistado



Gráfico 10- Escolaridade da mãe



Fonte: Elaboração própria

Havemos que considerar o fato da favela do DER apresentar “estrutura de oportunidades” diferenciada das demais favelas da cidade, privilegiada por sua posição geográfica encravada na, agora, região central da cidade “capital do automóvel”, que possui o 3º maior PIB do Estado, e com isso, um “capital cultural” também desigualado das demais. Não

havendo, portanto, como afirmar ser esta a condição de todo morador de favela de São Bernardo. Em 2016 apenas 1,6% dos moradores de favelas tinham curso superior completo, sendo que, nas outras áreas (não na favela), o percentual de conclusão é de 14,7%. Estes dados fazem parte da pesquisa "Áreas de divulgação da amostra para Aglomerados Subnormais"- IBGE. Nesta conta, cumpre também considerar que faz parte a influência da rede religiosa na vida do morador migrante, vez que 80% dos pentecostais da igreja pesquisada, ADMSBC (conforme informação do Secretário da Igreja) tem sua origem fora do Estado; abaixo abordaremos novamente este referencial.

“Aqui, eu como secretário, 80% dos membros, (eu tenho acesso a todos eles; às informações de todos eles), eu diria que 80% dos membros da congregação são de fora. (...) Do Nordeste. Prevalece o Nordeste. O que motivou estas pessoas a vir pra cá, entendo que foi a necessidade financeira, trabalho, falta de emprego nos seus Estados de origem levaram essas pessoas a virem pra cá, pra São Paulo, se estabeleceram aqui, procurando emprego.”

(M.A.S. , em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

Em segundo lugar, regiões de periferia contam com boa parte de sua população desempregada. No caso do DER constatamos que média de 30% dos membros das duas igrejas pesquisadas estão desempregados, ou subempregados, ou mesmo trabalhando por baixíssimos salários. Vivendo com renda minguada, transferem a imagem que, estudo e trabalho muito pouco podem influenciar para garantir uma vida melhor. A socialização é fator preponderante para o ciclo de vida. No nosso entendimento, a vida do adulto empregado buscando sempre melhor capacitação, pode transmitir valores sobre a importância da educação e a ética do trabalho como meio de alcançarem-se objetivos.

Segundo HASENBALG (2003), a vida profissional do pai pode influenciar na idade em que o indivíduo começa a trabalhar. A entrada precoce no mercado de trabalho é mais comum entre os idosos: em 2015, dois terços deles (67,7%) tinham começado a trabalhar com até 14 anos. Entre os que estão trabalhando de 15 e 29 anos de idade, essa parcela também é expressiva: 29,2% entraram no mercado de forma ilegal, já que a legislação brasileira proíbe o trabalho para jovens até 14 anos. Os dados são da Síntese de Indicadores Sociais do IBGE-2016.

A idade em que o indivíduo inicia o primeiro emprego, assim como seus anos de estudo, são ótimos indicadores da qualidade do trabalho; quanto maiores forem esses valores, melhor deve ser a qualidade, e quanto mais baixos forem estes números, mais precário tende a ser o emprego. Na avaliação do professor do Instituto de Economia da UFRJ João Saboia, a

parcela dos trabalhadores jovens (entre 15 e 29 anos) que entra cedo no mercado de trabalho é muito alta e prejudica as perspectivas para a vida profissional dessas pessoas. Nesse exemplo vemos claramente a formação de um ciclo de reprodução das desigualdades sociais, onde indivíduos de origem social mais elevada tendem a garantir melhor acesso ao mercado de trabalho; enquanto filhos de profissionais menos qualificados, morando em periferia urbana em estado de segregação espacial, têm uma maior probabilidade de se inserir de forma mais precária. Lavallo e Castello (2004, p. 78) asseveram: *“micro contextos urbanos definidos pela segregação espacial tendem a reforçar [...] práticas associativas vinculadas a contextos locais, mostrando-se particularmente sensíveis a mudanças nas configurações locais do capital social”*.

Outro ponto da influência do bairro de moradia apontado por Ellen e Turner (1997) são as redes sociais diversas às quais o indivíduo faz parte. Estas que, em grande parte das vezes, estão geograficamente localizadas, podem ser fundamentais ao proporcionar acesso a um suporte social e/ou oportunidades econômicas. Nas redes sociais os moradores ajudam-se mutuamente em momentos de dificuldades, e trocam informações valiosas sobre oportunidades de emprego. Isto é comum entre as redes religiosas.

3.4 Redes diversas

Migração não se constitui em mero deslocamento de indivíduos de uma região para outra. Há toda uma complexidade que enseja empenho na tarefa de interpretar os fatos sociais insertos neste processo. Como já visto em capítulo anterior, a industrialização concentrada nas metrópoles gerava uma demanda crescente de mão-de-obra, que era suprida, em maior número, por pessoas provenientes de áreas rurais do próprio Estado ou de outros da federação. Os fluxos migratórios que se originaram deste processo provocaram uma reconfiguração do espaço urbano nas grandes capitais, posto que, os migrantes em busca de emprego e melhor qualidade de vida, em sua maioria “mão de obra barata”, se viam obrigados a ocupar regiões periféricas da cidade (áreas urbanas quase sempre desassistidas pelo Estado). Tal urbanização desregrada e sem planejamento ensejou um padrão de crescimento urbano excludente nas cidades, (KOWARICK e BONDUKI, 1994).

Neste cenário de exclusão enfrentado pelos migrantes na periferia urbana, emergem os vínculos associativos (redes) mantidos pelos moradores do DER, favela localizada em São Bernardo do Campo, cidade do Grande ABC paulista. A partir de nossa pesquisa etnográfica com observação participante (visita à reuniões das comunidades religiosas) e a interação destes com as práticas de sociabilização, constatamos que estes vínculos, tais como, com a comunidade religiosa, consanguíneos ou de parentesco, de vizinhança, entre “conterrâneos migrantes” e com o terceiro setor, constituem verdadeiras redes sociais, por meio das quais múltiplas benesses circulam de maneira diversa, seja em forma de informações e contatos ou mesmo afetivas (orientação e apoio emocional, amizades, casamentos, etc.). As mesmas resultam em fomento da integração socioeconômica do adepto destas comunidades, reduzindo a sua situação de solidão, exclusão e vulnerabilidade. Nesta diversidade de redes sociais sobrepuja as de cunho religioso, vez que constitui o vínculo associativo de maior participação no DER. É exatamente neste vínculo que pretendemos dar lente no presente capítulo. Veja a descrição de um entrevistado:

‘Já existiu ações de pessoas vim de outro lugar, vim congregar no DER; crente até mesmo de outra igreja vem pra cá e a igreja vê a necessidade, vai sempre um irmão no local e nós já ajudamos até a custear o aluguel dessa pessoa, isto até essa pessoas conseguir um emprego, e a igreja começa então, em primeiro lugar ...ah, vai fazer uma visita na casa onde a pessoas mora, se a pessoa mora de aluguel, então a gente faz essa pesquisa, aí nós ajudamos, já ajudamos alguns casais, algumas famílias na ajuda do aluguel, né! E assistir também na parte alimentar até as pessoas conseguir o seu emprego, né! ’

(G.C.S., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

Com nossa observação de campo, fizemos entrevistas gravadas com 10 migrantes, adeptos de igreja pentecostal (A.D.), líderes ou mais antigos moradores, além de 68 pessoas que responderam questionários estruturados, bem como, observação das atividades cotidianas dos moradores e membros das igrejas. Pudemos constatar nessa pesquisa que as redes sociais bem atuantes nas regiões de periferia da cidade, inseridas também neste *rol* as redes religiosas, promovem “estruturas de oportunidades” ao migrante para que se amenize suas vicissitudes características do *déficit* cultural típicos de um neófito entre os já escolarizados na cultura e hábitos da cidade grande, além de ocupar uma posição desprestigiada e obscura em um universo largamente prestigiado; um alguém excluído e despreparado vivendo na metrópole. Retomaremos este tema adiante.

O DER iniciou com os migrantes que vieram construir Via Anchieta e, nesta pesquisa, ainda dá sinais que continua estruturado socialmente em fortes vínculos oriundos do processo migratório, sem excetuar os religiosos pentecostais. De acordo com as entrevistas e questionários aplicados, 51 % das pessoas tem origem fora do Estado de São Paulo, a saber: 18% da Bahia, 14 % do Pernambuco, 5% do Sergipe, 1% do Ceará, 4% de Minas Gerais, 1% de Alagoas, 3% do Maranhão, 3% do Piauí, 3% do Rio de Janeiro; sem considerar que dos 39 % que informaram ter sua origem em São Paulo, parte deles vieram do Interior o Estado. Com isto, podemos dizer que o DER é um “enclave de migrantes” cercados do “exclave” são-bernardense. Tal formação populacional está intrinsicamente relacionada aos fluxos migratórios das décadas passadas que, para muitos, a decisão de migrar se apoiou na existência de um ponto de chegada estável, conforme depoimento de entrevistado.

“Quando eu vim pra cá, é porque família da minha esposa, já morava aqui. Morava aqui, né, e me trouxeram pra cá, e aqui mesmo fiquei. Aí eu tô aqui até hoje. Me ajudaram a vim aqui, pagaram minha passagem, viemos pra cá... (...) O desemprego lá é muito, não tem trabalho pro povo lá. Lá é lavoura branca, né? que é a cana, né?. E não tem trabalho constantemente pras pessoas trabalhar. Que nem eu, pra mim mesmo, né, não tinha uma trabalho constantemente. A gente constrói uma família, e vai em busca de dar o de melhor pra nossa família, e lá a gente não tinha esse emprego. Nós trabalhava dois mês, três mês, ficava desempregado da usina, né. Ficava seis, sete mês sem fazer nada dentro de casa, esperando que a usina voltasse a moer de novo. Com três mês de novo, ela chamava nós, contratava pro trabalho a gente por três mês, e depois mandava a gente embora e, no caso, agora tô aqui. ”

(R.M.S., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

Também segundo confirmação de vários depoentes entrevistados na favela DER, o processo migratório acontece, via de regra, como parte de um projeto familiar, ou até mesmo decorrente da influência dos “irmãos na fé” (rede religiosa) ou os dois; ocorrendo, neste caso, uma “sobreposição de redes”, a saber: de “parentesco “e “religiosa”. Verdade é que, quase sempre, deixaram sua terra e saíram em busca do emprego e melhorias na qualidade de vida, com o sonho de ascensão na “cidade grande”. Inicialmente vem um migrante pioneiro e, após estabelecer-se minimamente, inicia o processo de busca do restante da família direta (esposa e filhos, ou os pais e irmãos) que havia ficado para trás. Logo mais, é a vez de deflagrar a etapa dos parentes mais próximos, que também complementam o processo migratório.

“Meu pai veio de Pernambuco; meu pai pernambucano minha mãe baiana. Então vieram de outros estados e aqui em São Bernardo, no DER, conheceram a igreja e tiveram o apoio, assim, na igreja tanto meu pai, como minha mãe se conheceram na igreja puderam estabilizar suas vidas.

(...) O que levou eles a migrarem para esta região aqui, foi a necessidade de tentar uma vida melhor, um emprego melhor, estabilizar a sua vida; muitos que vem, não 100%, mas 80%, tem esse pensamento de “vou pra São Paulo, vou procurar uma cidade pra estabilizar, procurar um trabalho melhor, algo melhor pra viver, qualidade de vida””.

(I.M.V., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

A experiência do momento da migração, em sua fase inicial, tem sempre um lado comovente, em quase todo relato do pessoal entrevistado no DER, há situações dramáticas de quando atravessaram uma forma de vida para outra. Por ocasião da chegada é importante que o recém-chegado tenha o mínimo de ajuda da rede de relações familiar ou religiosa ao qual já seja adepto, para que consiga trabalho, local para moradia, enfim, consiga se resolver na estadia. É recorrente a prática do migrante ser abrigado em curtos períodos na casa de alguém (parente ou irmão na fé) até que consiga uma casa de aluguel ou até mesmo a construção de seu barraco no terreno de seus hospedeiros (parentes ou não).

“(...) A comunidade aqui da igreja, por serem pessoas que já passaram por situações semelhantes. Vieram pra cá, como diz o ditado *com uma mão na frente e outra atrás*, então sentem na pele. As pessoas mesmo se reúnem e ajudam naquilo que o outro necessita, no caso até ajuda mobiliar a casa, quando a pessoa não tem; ajuda a mobilizar. Já teve caso aqui que irmão cedeu parte da área onde morava para pessoas que vieram de fora morar aqui. A igreja se reuniu e ajudou a construir. Então, até a pessoa se estabilizar.

É, não é algo oficial da igreja, mais as pessoas, os crentes aqui, por já terem vivido isto aqui, eles sentem motivados a ajudar, independente. Mesmo se é membro com carta ou sem carta. Uma vez que a pessoa se identifica que é cristão, passa a congregar. Então as pessoas automaticamente ajudam. Não há nenhuma resistência quanto a isto. Já viveram este momento, então sentem na pele o que o outro tá passando, né? ”

(M.A.S., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

Notamos que as redes sociais do DER também abrangem vizinhos que são mais próximos, atraídos por laços de pura empatia ou por serem também “conterrâneos”, independente de pertencerem à mesma rede religiosa. O tipo de relação aqui envolve ajuda de menor monta, mais circunstancial no cotidiano, por exemplo: emprestar dinheiro para compra de remédio, para a passagem (condução) ou algum gênero alimentício que logo é repostado. Em alguns casos, em forma de mutirão coletivo, ajudar no enchimento da laje do cômodo a mais, com direito a um modesto churrasquinho coletivo na hora do almoço, na colocação de piso da casa, no conserto do carro velho, etc. Tal convívio entre conterrâneos/vizinhos são também difusões do próprio contexto de migração, pautadas na confiabilidade, reciprocidade e estruturadas sob normas sociais próprias dos moradores.

3.5 A rede associativa civil e a antiga vocação do DER na prática de vínculo associativo

A entidade representativa da população do núcleo é a “Associação Comunitária do DER”, que teve a frente como presidente, por muitos anos, um ex-operário do Departamento de Estradas de Rodagens, o Sr João Francisco da Silva, mais conhecido por “seu João”. A instituição funciona como articuladora mais relevante e canal mais acessível ao poder público e ante os agentes externos. Através de voluntariado de moradores o trabalho se desenrola na mobilização política como representante junto ao poder público pleiteando as benfeitorias nas áreas de uso coletivo.

Com sua sede instalada na parte urbanizada do DER agora, à rua Matutina Rocha de Campo nº 688, tem sido utilizada como caixa postal dos moradores (endereço socializado) que residem na parte ainda não urbanizada. O correio não acessa este lado da favela e a “sedinha”, comumente denominada, tem sido o endereço informado por centenas de famílias, conforme figura abaixo. O depoimento de um morador, a seguir, denota a necessidade que sentem em um dia, serem portadores de endereço próprio para correspondência, que não seja o da favela.

“- Na parte não urbanizada se dá o endereço da sedinha, o correio não chega até lá, né? No meu caso a gente dá o endereço se tem algum conhecido na avenida principal que é a avenida Maria Adelaide, e a gente dá o endereço de uma pessoa que mora na avenida, e o correio passa e entrega as cartas, né. Mas geralmente a maioria dá o endereço da sedinha. (...).Aqui do nosso lado, percebo que o comportamento, somos todo mundo iguais, né. A diferença que noto é ali tem a urbanização e aqui não tem; só isso!

Ali sim, tem um endereço, e é bom né, a pessoa ter um endereço, ele se sente outra pessoa. A pessoa ter um endereço, tem uma identificação, quando a gente não tem essa identificação ... Pra Prefeitura, se você não tiver um endereço, a gente não somos ninguém. Lá nós somos desconhecidos, não temos endereço né?

Se você for comprar um negócio nas casas Bahia, vamos dizer, se não tiver um endereço, um comprovante de luz ou de banco, não vamos ser aprovados. A gente vamos ser evitados com certeza; porque a gente não tem nenhuma urbanização, não tem o nosso endereço. ”

(R.M.S., em 29/10/2017) citação do entrevistado.

Imagem 12- Endereço socializado na “sedinha”



Fonte: O autor

Neste período de pesquisa e observação, pudemos perceber a formação de várias práticas associativas entre moradores estabelecidos na favela, pessoas com interesses comuns, ações em grupo como forma de aquisição de capital social. Há muito o DER demonstra vocação para tais práticas. A exemplo disto citamos a criação pioneira de funerais socializados: Os moradores, ante limites financeiros escassos para enfrentar situações de custas em caso de falecimento na família e não podendo arcar com despesa de seguro de vida com o benefício de auxílio funeral institucionalizado, desenvolveram um consórcio próprio, uma “caixinha” coletiva (ação criativa que atesta a riqueza cultural desenvolvida em ambiente de periferia urbana). Os contribuintes e seus parentes, em caso de morte, tinham garantidos, urna mortuária tipo “C”, flores, carro funerário, taxa de sepultamento, documentação em cartório e até as despesas de cafezinho, bolachinha e “pinga” a serem consumidos no decorrer do velório.

Imagem 13 e 14 - Funerais socializados no DER



Fonte: Diário do Grande ABC- 1962 e 1992

Os trabalhadores do DER também, para convivência e prática associativa na área de esporte e lazer, fundaram um time de futebol que se despontou como o melhor vencedor de várzea em São Bernardo, o “Esporte Clube DER”, fundado oficialmente em 15 de janeiro de

1953, quando se concretizou a fusão de dois times formados por operários do antigo Departamento de Estradas de Rodagem: o “Extra DER” e o “São-Paulino”, que deu muitas alegrias aos moradores da favela.

Imagem 15 - Prática esportiva socializada



Fonte: O autor

Um grupo de mulheres, voltadas a prestar assistência às pessoas em situação de grande vulnerabilidade social, se uniram e fundaram o “Clube de Mães do DER”; uma Instituição Filantrópica, sem fins lucrativos, buscando desenvolver Programas e Projetos Sociais baseados no tripé econômico, social e ambiental. Cabe aqui aludir à exploração a que as mulheres sempre sofreram e em maior medida que os homens, conforme observação de Vilhena.

“As mulheres foram ainda mais exploradas do que os homens, pois sua vulnerabilidade não está apenas em um sistema vinculado à exploração econômica. Para além das contingências da exploração econômica, elas foram cerceadas para os serviços domésticos, para a maternidade não desejada, para o espaço privado, para a sujeição ao marido, aviltadas pelo estupro e dominação, independentemente de classe.⁶⁷” (VILHENA, 2015).

Outra entidade é a Escola de Samba Unidos das Paineiras, que, em 1977, chegou a ser a campeã dos desfiles carnavalescos promovidos pela Prefeitura. (No carnaval de 1979 o acampamento foi representado também por um bloco: Os Gaviões do Morro). Como boa favela que é, o DER não poderia deixar de ter samba, capital cultural oriundo das favelas do Rio de Janeiro. Sobre o samba na favela, Nicolini alega que ele se move desde a periferia e marca o brasileiro indistintamente, como uma crítica à ordem das elites.

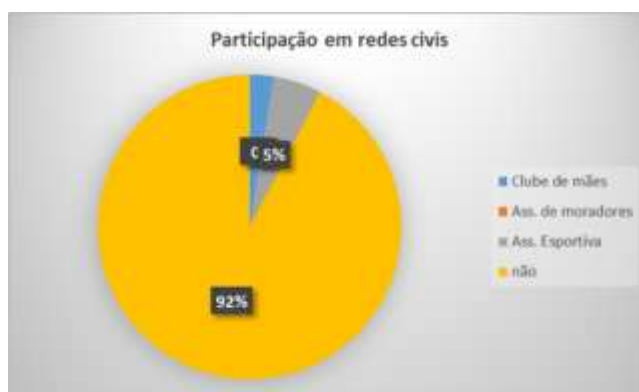
⁶⁷ VILHENA, Valéria Cristina. “O Cenário Sócio Histórico Brasileiro no Início do século XX: O Surgimento do Movimento Pentecostal, Frida Maria Strandberg e As Lutas das Mulheres”. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/483>> Acesso em: 12/01/2018

“O Samba, como crítica à ordem das elites, cuja eficácia está em dar voz, em instituir um falante na cidade, que pondo em questão a linguagem importada, passa a constituir nossa cultura partilhada de reconhecimento e de descentramento, de equilíbrio instável em face do desdobramento do centro de gravidade social. O Samba move-se desde a periferia e marca o brasileiro indistintamente, qualquer um, contudo, sem deixar de ser periferia. O samba do bom sujeito, o samba das boas ideias, o samba das periferias que vem a ser cantado pelos poetas. O samba nascido no Brasil e que ainda nos pode revitalizar com sua originalidade criativa e periférica.” (NICOLINI, 2017).

Dentre os diferentes interesses que unem os indivíduos para práticas associativas, a variável religião é um elemento que amplia sobejamente a possibilidade de uma pessoa se envolver em atividades associativas na periferia urbana. O morador da favela vislumbra na mensagem dos evangélicos uma oportunidade de minimizar seu sofrimento, próprio de um ambiente de vulnerabilidade social e esta esperança se amplia na pregação pentecostal face à característica de militância proselitista aguerrida que desenvolvem.

No caso dos grupos religiosos entrevistados nesta investigação, identificamos que, embora a maioria deles frequentem a igreja no mínimo 3 vezes por semana, demonstrando tendência de apego às práticas associativas, este entusiasmo não é mesmo em relação às demais atividades associativas desenvolvidas no DER por grupos tais como: Clube de Mães, Esporte Clube DER, Associação de moradores, etc. Somente 5% dos entrevistados declararam outro vínculo associativo, além da rede religiosa à que faz parte, conforme se observa em gráfico abaixo, resultante dos questionários aplicados.

Gráfico11- Participação associativas no DER



Fonte: Elaboração própria

3.6 A rede associativa religiosa

As redes pentecostais se desvelam em prol do emponderamento do indivíduo e de suas relações pessoais, produzindo ganho de autoestima, fator motivacional e estímulo empreendedor⁶⁸, com maior ênfase por parte de algumas denominações⁶⁹, mas também apoiam o auxílio compartilhado através de vínculos de confiabilidade mútua. Há troca de informações e recomendações para trabalho ou outras necessidades básicas, etc., assistência aos desempregados com cestas básicas, remédios, etc. Desenvolvem campanha de arrecadação de alimentos e roupas o ano todo para atender os mais carentes em suas prementes necessidades. Nas A.D. pesquisadas tais campanhas ocorrem uma vez por mês, por ocasião do denominado “culto de Santa Ceia”, a saber: “Campanha do Quilo” na ADMSBC e “Mesa do Amor” na ADMB. Se casam costumeiramente entre si, evitando o que denominam de “jugo desigual”. Há grupos de visitação para atender os enfermos, os migrantes recém-chegados, os que faltam aos cultos e os que dão sinais de estarem deixando o grupo, os “fracos na fé”. Um diferencial entre as obras de caridade efetuadas pelos pentecostais e os kardecistas ou católicos é o fato de os primeiros procurarem socorrer os frequentadores de mesmo templo com a máxima prioridade, são tidos por “domésticos na fé”. Neste quesito as redes religiosas sobrepõem-se as redes familiares, as de vizinhança e de conterrâneos, face ao empenho coletivo que se aplica para que, teoricamente, não haja adepto da igreja sem socorro e o sustento básico. A mendicância    inadmissível como prática para o membro de igreja pentecostal.

“- Olha, a igreja desenvolve na vida dos membros mais a parte espiritual, a parte religiosa, através dos seus ensinamentos bíblicos. A igreja também tem o cuidado na parte social n  . Nós temos a nossa assistência social e de acordo com a necessidade dos membros, a primeira assistência às pessoas n  ! Tanto na parte de alimento, como também na parte se pessoa t   enfermo; a gente entra com medicamento quando a pessoa não tem condi  o de se manter, com medicamento a igreja assiste.

Aqui a igreja zela, pela misericórdia de Deus, tem esse compromisso n  , tem esse compromisso. Já vem há tempo desde o Pr Agenor. ”

⁶⁸ Em rela  o    influência religiosa sobre o empreendedorismo econômico a contribui  o primordial é de Max Weber (1991; 2004). Sua ênfase    sobre a   tica protestante do trabalho, fundamental no desenvolvimento do capitalismo moderno. Segundo Weber, o empreendedor puritano promoveu uma grande inova  o social, fazendo da sua prosperidade, obtida através do trabalho disciplinado, sinal de salva  o³. Além do protestantismo histórico, o empreendedorismo econômico encontrou no Brasil outras fontes religiosas de valores afins, com destaque para a deriva  o evangélica pentecostal e sua versão católica: a Renova  o Carismática.

⁶⁹ As igrejas neopentecostais que mais apresentam elementos litúrgicos fomentadores do empreendedorismo econômico são: Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo e Sara Nossa Terra.

(G.C.S., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

“- A igreja tem essa ajuda, sim, pra essas pessoas que vem de fora, de outro Estado. Nós temos sempre uma assistente social aqui, que ajuda essas pessoas que vem de fora e também aqueles que são daqui de dentro, também. A igreja ajuda as pessoas que tão desempregadas e que procuram a igreja. Nós aqui, temos o costume de ajudar de cara. A gente não precisa(...) porque quem procura a igreja é porque está necessitado, né! Então a gente ajuda logo de cara. A gente não precisa saber detalhe”.

(R.M.S., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

“A questão dos que migram, se pertence a alguma igreja ou se vem de outro Estado, é necessária uma carta de apresentação. Ele trazer da sua igreja, seja do Nordeste, uma carta de recomendação, apresentado ele como membro em comunhão com a igreja, e senão, se é uma pessoa que não é crente, a gente vamos estudar o caso dele, saber quem é a pessoa, porque hoje em dia tem muitas pessoas que se aproveitam. Pessoas que se dizem precisar de ajuda, mas se você for mesmo saber, tem pessoa que usa de esperteza. Então, sabendo que a pessoa precisa de ajuda, a igreja ajuda sim, sendo migrante, mas como eu disse, “primeiro os domésticos na fé, depois as outras pessoas”.

(I.M.V., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

A “*práxis*” de socorrer primeiro os “domésticos na fé” ou casar-se exclusivamente com pessoas do meio evangélico, restringindo assim, ao máximo os laços sociais, tem sido encarada, por alguns autores, como forma de excludência. Redes que incluem os pobres e migrantes de mesma “confissão de fé”, porém, concomitantemente também excluem os não conversos; esta é a visão de Ronaldo de Almeida e Tiaraju D'Andrea em artigo científico resultante de pesquisa de campo na favela de Paraisópolis”⁷⁰.

“Na mesma medida em que essas redes incluem, sobretudo pobres e migrantes, são também excludentes. Apesar de ser aberto e voltado à atração de pessoas, o meio evangélico é parcialmente restritivo na formação de laços sociais. Os fiéis devem preferencialmente procurar seus cônjuges no seio da mesma denominação ou, no máximo, dentro do espectro evangélico. Em Paraisópolis eles poucos participam de outras instâncias associativas, como a União de Moradores e as associações político-partidárias e de lazer. O uso do tempo livre é dedicado à frequência aos templos na verdade, as próprias denominações suprem seus fiéis com lazer por meio da formação de grupos de música, teatro, esportes etc.” ALMEIDA e TIARAJU D'ANDREA (2004)

A despeito desta pecha da “seleção para distribuição de benesses”, ou “assistencialismo tímido”, como eventual prática que alguns autores atribuem às ações desenvolvidas pelas redes associativas pentecostais, tivemos uma surpresa ao conhecer os projetos desenvolvidos por entidade ligada à uma das A.D. que pesquisamos. Tendo à frente o conhecido “irmão Agenor”, pastor por 35 anos da Igreja na favela do DER, igreja com 250 membros. O grupo passou a

⁷⁰ ALMEIDA, R. R. M. e D'ANDREA, Tiarajú - Pobreza e Redes Sociais em uma Favela Paulistana. Novos Estudos, São Paulo, v. 68, p. 94-106, 2004.

desenvolver ações mais efetivas e universais nas causas sociais da pobreza, bem como, com filantropias mais abrangentes para amenizar as vulnerabilidades que permeiam a periferia urbana, atuando com militância tão aguerrida nesta causa, tanto quanto nas de caráter somente espiritual; convenhamos ser esta uma marca dos pentecostais.

No ano de 2003 o pastor Agenor fundou a NEAN – ‘Núcleo de Empreendimento Assistencial Neemias’, declarada de utilidade pública sem fins econômicos e com a missão de desenvolver trabalhos sociais voltados para famílias de baixa renda, moradores em situação de rua, dependentes químicos e crianças em estado de alta vulnerabilidade, tanto no DER, em outros Bairros de São Bernardo, como também em outros Municípios. Reconhecido pelo CMAS- Conselho Municipal de Assistência Social e instalado na Rua projetada, 2671, DER, em um galpão que pertencia à Igreja, com 250 m². Sustentado por doações e parceiros, funcionava com trabalho voluntário, todos adeptos da igreja do DER (ADMSBC). Entre seus projetos se destacam algumas ações que alguém atribuiria como meramente assistencialistas e sem universalidade, porém para uma instituição de favela, com pouca estrutura e sem apoio governamental, se destacam pela consciência cidadã e uma militância voltada para uma ação social “*erga omnes*” que incide nas causas sociais da pobreza e outras vulnerabilidades no DER e fora dele.

Projetos do NEAN, ligado à ADMSBC do DER⁷¹, desenvolvidos conforme relatório e apresentação de dados do Pr. Agenor durante a pesquisa:

- 1- Centro de reabilitação de dependentes químicos “Carlos Alberto Serra”, na Vila Tupi, no Riacho Grande, após a 2ª Balsa. São Bernardo do Campo. Sistema Internato. Assistência prestada: Diagnóstico de caso, Plano de tratamento e Prevenção de recaída (180 dias). Programas de Desintoxicação de 30 a 90 dias. Aconselhamento Familiar, Conscientização e Reprogramação. Média de 12 pessoas atendidas em cada 6 meses de tratamento.
- 2- Centro de Recuperação de vidas Neemias na cidade de Mococa, leste paulista, com apoio aos vulneráveis em situação de moradores de rua;
- 3- Assistência com almoço à 60 pessoas todas as quartas e sextas feiras;
- 4- Distribuição de hortifrúti para as famílias de baixa renda, 6 dias por semana;

⁷¹ Vale destacar que o Pr. Agenor deixou o pastorado da igreja do DER em maio de 2017 acometido de um AVC e isto pode comprometer o prosseguimento das atividades do NEAN.

- 5- Assistência mensal com cestas básicas às famílias de baixa renda com cadastro no NEAN;
- 6- Projeto de reciclagem de garrafas pet, alumínio e papelão;
- 7- Projeto sopão da madrugada aos moradores de rua (toda sexta-feira à noite);
- 8- Aula de música para as crianças e adolescentes da comunidade DER.

Algumas ações assistenciais desenvolvidas pelo NEAN apenas no ano de 2007:

- a) Assistência às famílias carentes com distribuição de 121 toneladas de hortifrúti na cidade de São Bernardo;
- b) Assistência às famílias carentes com distribuição de 86 toneladas de hortifrúti na cidade de Mococa;
- c) Doação de 90 cestas básicas, etc.

(Durante a pesquisa tivemos acesso ao estatuto do NEAN e a alínea e) do art. 2º que estatui sua finalidade, chamou-nos atenção, a qual cumpre aqui destacar:

Art. 2º A Instituição é constituída com a finalidade, a promoção do bem-estar sociocultural e comunitário, tem como princípios fundamentais destinados ao cumprimento de sua missão:

(...)

- d) Promoção de direitos das pessoas portadoras de vícios, portadores de necessidades especiais, dos direitos da mulher e da criança e combate a todo tipo de discriminação sexual, racial e social, trabalho forçado e infantil.

(...)

Ante tal fato constatado na investigação, no caso em concreto, não há que se falar em ação excludente para os não conversos, assistencialismo tímido ou visão somente endógena para as ações desta específica rede religiosa pentecostal.

3.7 Migrantes como participantes das redes pentecostais

Algo notório também no DER é a concentração de indivíduos de um mesmo Estado de origem em uma só comunidade religiosa, por exemplo: do Pernambuco. GURAK E CACES (1998), a respeito deste fenômeno das redes sociais defendem que estas redes, quando propiciam a transmissão de recursos ou servem de vinculação, podem influenciar na escolha do local de

destino no processo migratório. Tais redes, também disponibilizam certo suporte na adaptação e integração dos novatos (recém-chegados) no grupo de destino.

“Na minha igreja aqui no DER, tem muitas pessoas do Pernambuco. Muitas pessoas mesmo! Se você levanta, chega lá em cima lá e perguntar - *quem é do Pernambuco?* Muitas pessoas vão levantar a mão, do Pernambuco!

Tem bastante irmãos do Pernambuco, tem pessoas também de Minas, né? Da Bahia...mas, o que tem mais mesmo é do Pernambuco. Maior número é do Pernambuco mesmo! ”

(R.M.S., em 29/10/2017) narrativa do entrevistado.

O grupo religioso a que me refiro, ADMSBC do DER, contou com o pastor Agenor⁷² por mais de 35 anos à frente da igreja e como fundador- líder do NEAN. Há que se ressaltar que este pastor é também migrante, e mais, tendo sua origem no Pernambuco. Ademais, a história da Assembleia de Deus em São Bernardo do Campo tem uma forte ligação com processo migratório. O fundador da igreja sede matriz da congregação instalada no DER, Pr.P. Roberto Montanheiro, era migrante vindo de Minas Gerais. O primeiro pastor da igreja do DER era também migrante, Pr.C. Horácio Lourenço Neto que nasceu em Montes Claros, Minas Gerais. Em 1945, Horácio tornou-se funcionário do Departamento de Estradas de Rodagem (D.E.R.) e, como mestre de obras, chefiou uma equipe de cerca de 500 (quinhentos) operários na construção da Via Anchieta⁷³. Com 10 filhos, foi morador do DER por muitos anos. O sucessor do Pr.C. Horácio, à frente da congregação do DER, Pr.C. Amaro, por sua vez, também migrante pernambucano, ocupou por pouco tempo esta função. Logo em seguida, assume o Pr.C. Agenor desde 1981, como já mencionamos também migrante pernambucano⁷⁴. Sem falar, retrocedendo um pouco mais no tempo, no aspecto histórico quando da origem do pentecostalismo no Brasil, conforme menciona FAJARDO, (2013), citando Paul Freston:

“O pentecostalismo brasileiro tem uma relação histórica bastante estreita com os movimentos migratórios brasileiros do século XX. As duas primeiras denominações pentecostais do país foram fundadas por migrantes estrangeiros. No primeiro caso, o italiano Luigi Francescon criou a Congregação Cristã no Brasil no município de Santo Antônio da Platina, no Paraná em 1910. Um ano depois foi a vez dos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, recém-chegados dos Estados Unidos, criarem a Missão da Fé Apostólica (posteriormente Assembleia de Deus) em Belém do Pará. A Igreja do Evangelho Quadrangular também nasceu da ação imigrante, já que em 1954 o ex-

⁷² Pr Agenor esteve à frente da igreja do DER e do NEAN, até meados de 2017.

⁷³ Cf. Lei Municipal 5322/2004, Pr Horácio, já falecido, tem seu nome em uma das praças do município.

⁷⁴ Caberia aqui pesquisa investigatória mais aprofundada para estudar a influência do líder religioso migrante no processo de migração de seus conterrâneos também de mesma prática religiosa.

cowboy de cinema Harold Williams criou a Cruzada Nacional de Evangelização, que no ano seguinte receberia a atual denominação (FRESTON, 1994). ”

O imigrante para adequar-se à realidade da cidade grande, em ambiente de periferia urbana, se vê diante de desafios que requerem aclimação drástica em seus hábitos e relacionamentos. Para tomar a decisão de deixar sua terra natal, quase sempre tal atitude tem o apoio de redes familiares ou religiosas (ou sobreposição das duas, como já visto), no que respeita à introdução ao novo cenário em que será inserido. Caso contrário, o processo migratório certamente seria bem mais custoso. Dos migrantes entrevistados nesta pesquisa, a maioria dos que se transferiram para São Bernardo tinham, já, algum elo de vinculação com o local destino.

No caso do baiano G.C.S., ele alega que um “conterrâneo” conhecido, que já havia migrado para São Paulo, ofereceu a ele um emprego. Além de trabalhar com tal pessoa, ele acabou se casando com a sobrinha de seu empregador anfitrião.

“No meu caso é, eu tive um problema familiar, né? Eu tive um problema familiar uma perda na família, a perda do meu pai, eu perdi ele por uma enfermidade e eu não consegui ficar no mesmo lugar, né? No mesmo Estado, na mesma cidade, sentia muito a presença dele por a gente estar muito ligado, trabalhávamos juntos e eu procurei a cidade de refúgio então, aqui foi uma cidade de refúgio.

Hoje atualmente a minha esposa, eu vim com um tio dela. Não, não, antes eu não conhecia ela. Eu vim com o tio dela trabalhar, ele me ofereceu uma oportunidade de emprego aqui, e com o meu problema familiar, a perda do meu pai, me trouxe pra cá”

(G.C.S., em 29/10/2017) citação do entrevistado.

A família pernambucana migrante do entrevistado I.M.V., viu na rede religiosa o amparo para harmonizar suas vidas, na dura realidade da periferia urbana. Citando mais uma vez o seu depoimento na data de 29/10/2017, “-*Meu pai veio de Pernambuco; meu pai pernambucano minha mãe baiana. Então vieram de outros Estados e aqui, em São Bernardo, conheceram a igreja e tiveram o apoio, na igreja tanto meu pai, como minha mãe se conheceram na igreja e puderam estabilizar suas vidas.* ”

Quando um pentecostal da Assembleia de Deus migra para outras regiões, tem o cuidado de levar consigo a “carta de mudança”, que comprova sua preexistente pertença religiosa (conforme depoimento do entrevistado I.M.V.). Procurar uma igreja logo que chega a seu destino é prioridade, vez que, estar entre pessoas da mesma religião (mesmo que não sejam parentes consanguíneos) e ainda mais, sendo conterrâneos (caso da citada igreja de maioria pernambucana) duas redes associativas conjugadas, certamente lhe garante o apoio necessário

no seu processo de estabelecimento na periferia como recém-chegado. Isto robustece o sentimento de pertença comum, facilitando sua relação comunitária.

Não obstante a relevância do papel que essas redes religiosas cumprem em relação à complexa experiência dos migrantes no processo de estabelecimento nas periferias urbanas, em nossa pesquisa de campo parte dos adeptos, das igrejas pesquisadas, que experimentaram a migração para o DER, em sua cidade de origem não professavam a fé pentecostal. Dos migrantes que responderam o questionário podemos afirmar uma implicação da experiência migratória na pertença religiosa. A esse respeito Almeida pondera que:

“(...) em geral, os nordestinos no Nordeste são católicos, enquanto no Sudeste tendem a se tornar evangélicos. Isso significa que algo deve ter ocorrido nesse processo de deslocamento espacial. Se a explicação teórica já não é satisfatória, o fenômeno permanece: a migração incide sobre a mudança religiosa (ALMEIDA, 2004:21)

Enquanto que 39% dos migrantes entrevistados aderiram à igreja após ter migrado (ou no processo de migração), 30% somente já eram convertidos em seu lugar de origem, conforme gráfico descrito abaixo. Esse número de migrantes que saíram de seu lugar de origem já conversos, não coaduna com a observação de autores, tais como ALMEIDA (2004), fato que ainda enseja investigação mais aprofundada na favela do DER.

Gráfico12 - Local onde aderiu à fé pentecostal



Fonte: Elaboração própria

Barrera (2017) assevera que os grupos religiosos cristãos evangélicos, muito presentes na periferia urbana, aglutinam grande quantidade de população migrante de variadas regiões do país. Com esta verdade, o pesquisador levanta uma questão instigante: - *“Cabe assim perguntar pelo papel que essas igrejas cumprem em relação à complexa experiência dos migrantes no longo do processo de estabelecimento nas periferias urbanas dos distintos contextos e das*

*realidades dos países em questão*⁷⁵”. O autor afirma que ainda há um vazio de estudos aprofundados sobre os migrantes evangélicos nas periferias urbanas, apesar de já haver pesquisas das duas últimas décadas que demonstram a importância do associativismo religioso nas favelas do Rio de Janeiro e São Paulo.

3.8 Urbanização na favela do DER e o impacto no cotidiano dos moradores

As favelas estão passando por transformações com intervenção de obras de infraestruturas de maior ou menor vulto, ensejando com isso uma análise dos impactos no cotidiano. Por décadas o poder público desconsiderou a realidade das favelas, ou apenas encarou-as como ocupações irregulares, ilegais e inaptas como local de habitação, empregando uma “não-política” de infraestruturas básicas, ao ponto de negar-lhes prestação de serviços essenciais para sobrevivência, tornando-as inóspitas simbolicamente como forma de resistência a negar-lhes o direito de moradia. O provimento de moradias para população pobre, historicamente, não surgiu como iniciativa do Estado ou do mercado formal; nesta lacuna a favela emergiu então como uma alternativa habitacional encontrada pela população excluída que não conseguiu acessar o mercado formal de moradias. Maricato (1996) assevera que a “favelização” das cidades vem atrelada às características excludentes do mercado imobiliário formal e com a “urbanização com baixos salários”. O Estado, para a autora, faz forte presença no espaço da “acumulação”, mas se faz completamente invisível no espaço à beira da “miséria”. O surgimento e crescimento das favelas resulta da ausência e “vistas grossas” do Estado⁷⁶.

A priori, conforme Denaldi (2016), a erradicação de favelas estava na agenda como alternativa mais provável, isto até a década de 1960. Após a década de 1970, quando o Estado admitiu a urbanização das favelas, operava com “programas alternativos” de pequena abrangência⁷⁷. O recrudescimento no número de municípios que desenvolveram programas de

⁷⁵ Cf. BARRERA, tal assertiva se replica nos países aos quais ele faz alusão, tais como: Brasil, México, Peru, Argentina, isto com base nos cruzamentos de informações de autores que ele mesmo faz citação no texto complementar.

⁷⁶ Em São Bernardo do Campo, há histórico de prefeitos que, com fins eleitoreiros para se reelegerem, ofereciam o chamado “Kit-barraco”. Materiais tais como madeirite e telhas de fibrocimento eram doados pela prefeitura para que as pessoas à beira da miséria, ocupassem as áreas irregulares já invadidas na periferia urbana.

⁷⁷ Cf. Rosana Denaldi, Ricardo Moretti, Claudia Paiva, Fernando Nogueira e Juliana Petrarolli, Escreveram no Dossiê para “Políticas Públicas e Formas de Provisão de Moradia”, o artigo “Urbanização de favelas na Região do

urbanização e regularização de favelas, se deu mesmo na década de 1990. O IBGE em 1999 aponta que, dos municípios brasileiros que possuíam favelas, 52,3% executavam programas de urbanização de assentamento e 33,3%, de regularização (BREMAEKER, 2001).

Os Programas de Urbanização de Favelas emergem substancialmente a partir de 1995, com o acesso à de redes de água e esgoto, pavimentação asfáltica, galeria de águas pluviais, energia elétrica, etc. No nosso entendimento, tais intervenções são apenas alguns passos iniciais para conversão da favela em “cidade formal”, carecendo ainda de uma série de outras provisões. Neste sentido apenas, admitimos que uma mudança significativa nas práticas do cotidiano, regradas ou não por normas oficiais, surgem com a necessidade de redefinir condutas. Tais interferências demandam novos hábitos e regras compartilhadas; práticas do dia-a-dia diferenciadas das que faziam parte da realidade das comunidades antes do processo de urbanização.

Quadro 15- Distribuição dos municípios que possuíam favelas, programas de urbanização e regularização de assentamentos e órgãos específicos para o setor habitacional, segundo faixas de população.

Faixa da população (por mil)	MUNICÍPIOS ¹									
	n.º total	com favelas		Com programa de urbanização de assentamentos		Com programa de regularização fundiária		Com órgãos específicos p/ o setor habitacional		
		n.º	%	n.º	% ²	n.º	% ²	n.º	% ²	% ³
até 20	4119	827	20,08	422	51,03	234	28,30	899	100	21,8
20 a 100	1187	527	44,40	261	49,53	174	33,02	486	92,22	40,94
100 a 500	174	139	79,89	89	64,03	77	55,40	136	97,84	78,16
500 e mais	26	26	100,00	22	84,62	21	80,77	25	96,15	96,15
TOTAL	5506	1519	27,59	794	52,27	506	33,31	1546	100,00	28,08

¹ Não incluí o Distrito Federal. ² Percentual em relação ao n.º total de municípios que possuem favelas.³ Percentual em relação ao n.º total de municípios.

Fonte: BREMAEKER/ IBAM (2001) - IBGE. Pesquisa de informações básicas municipais- 1999.

A favela do DER está ainda em processo de Urbanização. No DER, antes da implantação do Programa de Urbanização, qualquer benfeitoria informalmente alcançada era alvo da ira e crítica da sociedade “da acumulação”. Veja figura abaixo:

ABC no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento, Urbanização de Assentamentos Precários”, de autoria de dossiê “Políticas Públicas e Formas de Provisão de Moradia”, presente na edição nº 35 da Revista Cadernos Metrópole.

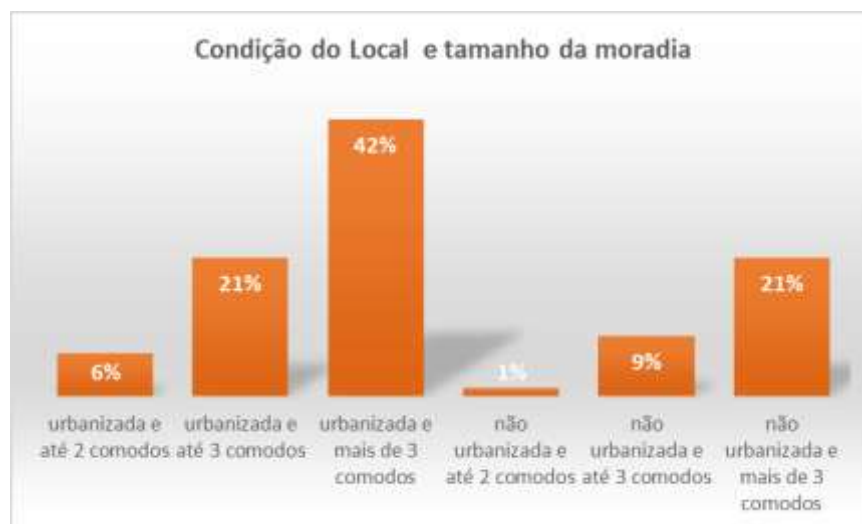
Imagem 16 – “Mordomias”



Fonte: Diário do Grande ABC, caderno “C” - 1985

No capítulo anterior abordamos aspectos desta recente urbanização implantada em apenas parte da favela do DER, dividindo-a agora em duas glebas bem distintas, a saber: subindo a avenida Maria Adelaide Quelhas (esta via corta a favela em duas partes), o lado direito da favela foi urbanizado e o lado esquerdo continua como favela, sem nenhuma urbanização. Das pessoas entrevistadas e questionários aplicados, 31% moram na área da favela ainda não urbanizada, enquanto que 69% ocupam a parte urbanizada. Conforme gráfico descrito abaixo.

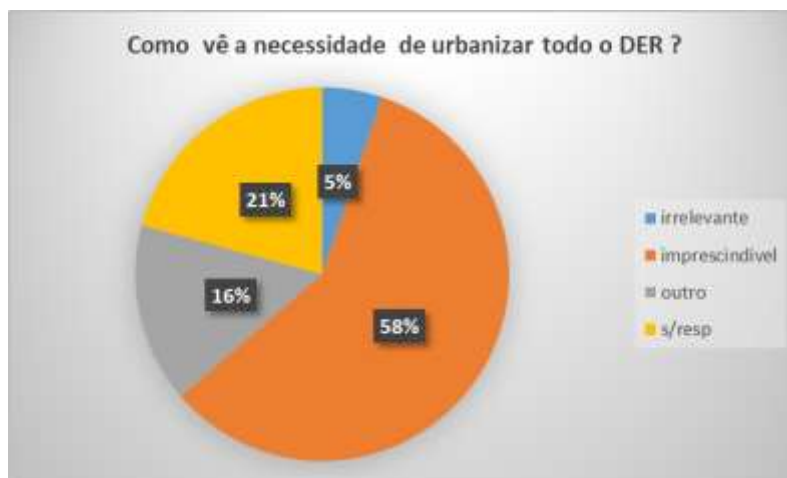
Gráfico13 - Condição de moradia



Fonte: Elaboração própria

Nos questionários buscamos investigar a importância dada ao Projeto de Urbanização no DER, isto na ótica dos moradores; quase 60% destes (mesmo os que já moram na área urbanizada) a veem como medida imprescindível por parte do poder público.

Gráfico14- Urbanização



Fonte: Elaboração própria

Nas entrevistas aplicadas detectamos a sensação de segurança e de melhoria no padrão de vida dos moradores que foram contemplados com as obras de infraestrutura na, agora, parte urbanizada da favela, isto em relação à fração ainda excluída da infraestrutura no DER.

“-Começou-se a urbanizar aqui no DER, mas acabou sendo esquecido. Começou a urbanizar uma parte, que foi muito bom. As pessoas que moravam na parte que não era urbanizada, hoje tem um pensamento melhor, uma visão melhor, se acha mais seguro, um ambiente mais seguro pra sua família. Temos aqui prédios que foram urbanizados pela CDHU que, se o morador não falar que é CDHU, a pessoa não sabe que é CDHU de tão organizado que é. Então as pessoas passam a viver um padrão de vida melhor, uma organização melhor e algumas coisas que precisam ser mudadas, na área não urbanizadas, é água que passa em frente da casa em algumas localizações, esgoto. Então, precisava ser melhorada esta parte para dar uma vida melhor para os filhos, para que as crianças não corram riscos de pegar alguma doença brincando na rua, na calçada.

(I.M.V., em 29/10/2017) citação do entrevistado.

Quanto à mudança de hábitos pessoais e comportamentos dos que moram na parte da favela que fora urbanizada, nota-se o surgimento de consciência quanto à necessidade de alteração significativa nas práticas do cotidiano, de redefinição de condutas.

“Na verdade, as pessoas querendo ou não, passam a mudar seu comportamento; infelizmente existe uma discriminação, por exemplo, se você vai pedir uma pizza na pizzaria, no lugar não urbanizado, a pizzaria não entrega, já na área urbanizada é entregue. Se se você fala, *“eu moro na rua tal”*, vê que é uma viela, existe uma indiferença. Então sim, pessoas que mudam sua opinião, seu conceito por morar em lugar não urbanizado, tem pessoas que não era para ser assim, tem pessoas que relaxam. -Não, eu tô aqui, não é meu, qualquer hora pode sair ou sai ou não sair, então não vou arrumar, não vou mexer, não vou melhorar. Já a pessoa quando tá morando numa área urbanizada tem uma visão: *“isto aqui é meu, vou melhorar”*. Ela

tem um pensamento, uma visão de crescer, de melhorar, por exemplo: “*vou rebocar esta casa, vou mudar a frente dela, vou investir mais porque é meu.*” Já uma pessoa que mora numa área não urbanizada ela não tem este objetivo, inclusive algumas casas aqui, elas têm cadastro, foi feito há muito tempo atrás. Se ela tá morando numa área não urbanizada, ela não investe naquilo. “*Não vou investir porque qualquer hora dessa eu posso sair daqui.*” Então tem um pensamento diferente.

Como eu disse, pode mudar a respeito, por exemplo existem lugares que os pais não podem soltar seu filho pra poder brincar, pra poder jogar uma bola, um futebol na frente da casa, porque passa água, passa córrego, então se a pessoa mora numa área que é urbanizada, então a qualidade de vida muda. Por exemplo, você tem uma calçada, você tem uma rua asfaltada, pode ali brincar com seu filho, pode andar com uma bicicleta, com uma motoca. Então a qualidade de vida melhora. Então muda totalmente a qualidade de vida tanto da família, das crianças, como até mesmo dos pais. Tem pessoas que moram numa área não urbanizada, é área de terra, então a pessoa não tem aquele intuito: “*hoje vou lavar meu carro e ele vai continuar limpo.*” Tem pessoas que não tem esta qualidade de vida de chegar no domingo: “*vou lavar meu carro, passar um pretinho e meu carro vai tá limpo*”. Porque ela vai ter que passar pelo barro novamente. A pessoa que mora na área urbanizada ela tem ali asfalto sabe que vai cuidar do seu patrimônio e vai ter um retorno. Vai sujar sim, mas vai demorar.

(I.M.V, em 29/10/2017) citação do entrevistado.

Quanto a experiência dos moradores do DER particularmente, ante o impacto de mudanças estruturais em parte da favela, observa-se sim, significativas alterações no comportamento do indivíduo excluído e à margem da cidade outrora residente em moradias precárias, barracos ou alojamentos provisórios sem nenhuma infraestrutura e, agora, com um novo *status* de morador de área guarnecida de infraestrutura urbana, indivíduo emponderado e resgatado (em parte) ao padrão de morador da cidade formal.

Contudo, quanto a considerar a inclusão do indivíduo (ex-favelado) na “cidade legal” com igualdade de direitos, apenas por experimentar processo de urbanização que somente altera a tipologia das habitações e a implantação de algumas obras de infraestrutura, em seu *habitat*, dada a complexidade deste fenômeno e a dimensão das vulnerabilidades deste indivíduo, entendemos que deva ser relativizada. Citamos, somente à guisa de exemplo, milhares de famílias que moravam em algumas favelas do município e foram transferidas para um grande conjunto habitacional no Bairro Cooperativa, SBC- SP. Área de zona industrial periférica e próxima ao “cadeião”, que não dispunha de serviços públicos primários, suficientes para atender a nova demanda gerada pela mudança, tais como: escola, transporte público, postos de saúde, comercio, etc. Tal experiência tem demonstrado que não podemos tomar como absoluta a inclusão daqueles indivíduos que somente mudaram de um barraco para um apartamento.

“Se o habitat contribui para fazer o hábito, o hábito contribui também para fazer o habitat através dos costumes sociais mais ou menos adequados que ele estimula a fazer. Vê-se, assim, inclinado a pôr em dúvida a crença que a aproximação espacial de agentes muito distantes no espaço social pode, por si mesma, ter um efeito de aproximação social (...)”. (Bourdieu, 1997, p. 165)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa investigou a favela do DER, a mais antiga da região com origem em 1948, remanescente do acampamento dos trabalhadores migrantes que construíram a via Anchieta. Organizamos a apresentação dos resultados de nossa pesquisa em três capítulos. No capítulo inicial descrevemos as origens e a realidade socioeconômica da favela DER, desde seu macro contexto, constatando o alto número de migrantes povoando a cidade, bem como a favela em foco. No segundo capítulo mapeamos o campo religioso contemporâneo do Bairro DER e identificamos fenômenos tais como: a pluralidade do campo religioso expresso em maior número de igrejas com matriz pentecostal, o “assembleísmo” e a “nordestinização” como características que sobressaem deste campo. No terceiro capítulo, apercebemos aspectos da serventia das redes pentecostais para o migrante e a importância destas redes para o seu estabelecimento na favela do DER. Ainda pudemos apurar impactos decorrentes do processo de urbanização parcial no cotidiano dos moradores.

Verificamos que dentre os aspectos que formam o capital social dessa favela, está a proximidade com o entorno mais abastado da região central da cidade de São Bernardo do Campo, a denominada “capital do automóvel”; no entanto, relacionalmente apartados, caracterizando típica “segregação espacial”, ou seja, uma área onde habita a pobreza totalmente cercada por outra área onde abunda a cumulação, com fluxos apenas de relações serviços desiguais, sem justa contrapartida. Neste cenário de exclusão constatamos que há muito o DER esboça vocação para vínculos associativos civis; espaço onde também atuam inúmeras redes religiosas, em sua maioria pentecostais de maioria migrantes, nas quais circulam benesses tais como: ajuda compartilhada de bens materiais, contatos que melhoram a empregabilidade, doações, troca de informações importantes, etc. As pessoas possuem acesso ao capital social por fazerem parte da rede social (MATEOS 2004). Embora nesta favela tenhamos constatado considerável fluxo de benesses, principalmente nas redes religiosas pentecostais, a exclusão do mercado de trabalho formal na ordem dos 30% identificados na pesquisa, os baixos salários, a empregabilidade prejudicada por todo um “ciclo de vida” enjeitado pelo Estado e a restrição à assistência de imprescindíveis serviços públicos, fazem com que a vulnerabilidade de seus moradores esteja muito além dos benefícios circulados nas redes associativas. Tal realidade evidencia uma sociedade em que persiste na “reprodução da desigualdade social”.

Neste contexto, a diversidade religiosa emerge de forma evidente. A depender da predileção do morador em relação a oferta de bens religiosos de cada grupo, seriam as condições para um “trânsito religioso”, embora que “pentecostalizado”, vez que, no levantamento das igrejas no DER contatamos que a maioria delas são de matriz pentecostal, cujos membros são, via de regra, de realidade socioeconômica mais deficitária. Lembre-se que há consenso entre os pesquisadores de que os pentecostais têm maior crescimento onde se concentram pessoas mais pobres, e os dados disponíveis, como abordado nesta pesquisa, o confirmam.

Na pesquisa também pudemos constatar que, das comunidades pentecostais investigadas a maior parte de seus adeptos são migrantes. A igreja tem servido de “cidade de refúgio” para eles, cuja maioria tem origem no Nordeste. A tal fenômeno denominamos de “nordestinização” da rede pentecostal no DER. É cediço que a função cumprida pelas redes sociais colabora para que o processo migratório tenha trânsito com maior segurança e menor impacto para os migrantes, bem como para seus familiares, até mesmo na redução de custos; não somente no ato da transferência, mas também durante todo o período de estabelecimento dos recém-chegados. Para Marques (2008, p.93), “a participação dos indivíduos numa rede migratória constitui uma fonte de capital social que pode ser utilizado na concretização de projetos migratórios específicos”. Tais vínculos associativos, relações continuas com obrigações recíprocas das redes pentecostais analisadas nesta pesquisa, difundem benefícios e provisões para os adeptos com haveres não somente espirituais e afetivos, mas também materiais, conforme observados no caso das campanhas regulares para recolhimento de viveres nas igrejas investigadas e distribuição aos mais carentes, bem como, no caso nas ações sociais realizadas pelo Núcleo de Empreendimento Assistencial Neemias⁷⁸, aqui em parte supra discriminadas.

Quanto às redes sociais em sua diversidade o DER tem apresentado tradicionalidade histórica, e as redes religiosas tem se mostrado mais eficazes, em cuja observação participante e questionários mostraram que, adeptos das comunidades pentecostais apresentam altíssima frequência participativa às reuniões da igreja, tais como: culto público, culto de oração, culto de doutrina, escola bíblica dominical, reunião de jovens, aula de música, reunião de obreiros, culto nos lares, trabalho evangelístico, vigília de oração, trabalho social, etc. . Sem contar que, em uma das Igrejas pesquisadas, parte dos membros também desenvolviam trabalhos do NEAN até

⁷⁸ NEAN

pela madrugada. Nisto dá para medir o peso que estas redes religiosas têm, em relação às demais atividades no cotidiano do adepto.

A considerável concentração de indivíduos migrantes com origem no Pernambuco, detectados em uma das comunidades religiosas do DER, e que por mais de 40 anos tinha à frente líderes migrantes também pernambucanos, no nosso entendimento, ainda ensejam estudos mais esquadrihados, isto ante a complexidade da atuação das redes; tal tema demanda mesmo maior aprofundamento.

Quanto a ideia que alguns autores esboçam de as ações do pentecostalismo serem meramente assistencialistas endógenas, há que ser relativizada, ante os fatos constatados nesta investigação. Conforme assevera NORONHA (2016), “ -É plausível afirmar que o ambiente religioso, nesse campo, não estimule discussões políticas e sociais. Por outro lado, mesmo que ainda de forma incipiente, os evangélicos “abandonam” as indiferenças pelas “coisas do mundo” e, ao seu modo, procuram absorve-las”

Enfim, significativas alterações no comportamento dos moradores entrevistados, que outrora moravam na favela e que agora moram em área urbanizada, revelam que as novas estruturas das relações pós- urbanização, demandam novos hábitos, novas regras compartilhadas e práticas cotidianas diferenciadas das que faziam parte da realidade das comunidades, antes do processo de urbanização; ensejam mudanças comportamentais relevantes.

Por derradeiro, reconhecer a importância das redes religiosas pentecostais no estabelecimento do migrante na periferia urbana, em particular na favela do DER, não implica em considerar, no entanto, que a estrutura das redes preencha os hiatos criados pelo Estado negligente, em um ambiente de periferia urbana em que, as vulnerabilidades típicas desta realidade ultrapassam o capital social das instituições religiosas. Suas potencialidades estão muito aquém em controlar as adversidades e superação da pobreza. É o que nos compete.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911- 1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALMEIDA, Ronaldo de e D'ANDREA, Tiajuru. *Pobreza e redes sociais em uma favela paulista* in *Novos Estudos*, n.68, p.94-106, 2004.

ALMEIDA, Ronaldo de; D' ANDREA, Tiarajú; DE LUCCA, Daniel. *Situações periféricas: etnografia comparada de pobreza urbanas*. *Novos estud. – CEBRAP*. São Paulo, n. 82, p. 109-130, nov. 2008.

ALMEIDA, Ronaldo de. *Religião na Metrópole Paulista*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - vol. 19 Nº. 56. 2004.

BARRERA, RIVERA, Dario Paulo (org.). *Evangélicos e Periferia Urbana em São Paulo e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora CRV, 2012.

BARRERA, Paulo Rivera. *Tradição, transmissão e emoção religiosa: sociologia do Protestantismo na América Latina*. São Paulo: Olho D'Água, 2001. 299 p.

BARRERA, Paulo Rivera. *Estruturas e teias de significado: “Habitus” e “cultura” nas Ciências da Religião*. *Estudos de Religião*, v. 28, n. 1 • 204-219 • jan.-jun. 2014 • ISSN Impresso: 0103-801X

_____. *Pluralismo religioso e secularização: pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil*. *Revista Rever*, São Paulo, v.4, p.50-76, 2010.

_____. *Festa, corpo e culto no pentecostalismo: notas para uma antropologia do corpo no pentecostalismo latino americano*. *Revista Numem*, Juiz de Fora. Ed.UFJF, Núcleo de estudos e Pesquisa da Religião, v.8, n.2p. 11-37, jul. /dez. 2005b.

_____. *Religião e desigualdades sociais no município de São Bernardo do Campo: um estudo comparativo de dois grupos evangélicos em dois bairros de condições*

sociais econômicas opostas. In BARRERA, Paulo, (org.) *Evangélicos e Periferia Urbana em São Paulo e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora CRV, 2012.cap.I, pa.17-64.

BÁRCENA, Alicia. *Evolucion de la urbanizacion en America Latina y el Caribe en la decada de los noventa: desafios y oportunidades*. ICE/ La nueva agenda de America Latina, n.790, fev. /mar.2001

BONNEWITZ, P. *Uma visão espacial da sociedade: espaços e campos*. In_____Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu. Petrópolis: Vozes, 2005.

BONDUKI, N. e ROLNIK, R. 1982. *Periferia da Grande São Paulo: reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho*. In: Maricato, E. (org.). *A Produção Capitalista da Casa e da cidade do Brasil Industrial*. São Paulo: Alfa-ômega.

BOURDIEU, P. Pierre Bourdieu. LOYOLA, M. A. (entrevistadora). *Coleção Pensamento Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

BOURDIEU, P., CHAMPAGNE, P. (dir.) *Les exclus de l'interieur*. BOURDIEU, P *La misère du monde*. Paris: Seuil, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007 (introdução, organização, e seleção de Sérgio Miceli), 1987

_____. *O poder simbólico*. 11a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

_____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. 3 eds., 1. Reimpr. Porto Alegre, RS: Zouk,2014

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 8.ed.Campinas, SP: Ed. Papirus, 2007.

BUENO, L. 2000. *Urbanização de favelas*. São Paulo: Fau/Usp, tese de doutorado

BLANCO JR. *Erradicar, inovar, urbanizar: políticas públicas para favelas*. 1998. 89f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade deArquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 1998.

BREMAEKER/ IBAM (2001) - IBGE. *Pesquisa de informações básicas municipais*- 1999.

CALDEIRA, Tereza; HOLSTON, James. *Estado e espaço urbano no Brasil: do planejamento modernista, às intervenções democráticas*. In AVRITZER, Leonardo. (Org.). *A participação em São Paulo*. São Paulo, Ed. Edusp, 2014. Cap.6, p.215-255.

CALDEIRA, Tereza. *Cidade de Muros: Crime Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000

_____. *Enclaves Fortificados: a Nova Segregação Urbana*. Estudos Cebrap, São Paulo, v. 47, p. 155-176, 1997.

CAMPOS Jr, Luís de Castro. *Pentecostalismo e transformações na sociedade brasileira*. São Paulo: Annablume, 2009.

CARDOSO, Fernando Henrique, et al. *Álbum “Memória de São Bernardo do Campo”*, - São Bernardo do Campo, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, 1981. 93p.

CARRIL, Lourdes. *Quilombo, Favela e Periferia: A Longa busca da cidadania*. São Paulo, Annablume; FAPESP, 2006.

CHAMPION, Françoise e HERVIEU-LÉGER, Daniele. “*De l`emotion en religion. Renouveau et traditions*”. Paris: Centurion, 1990.

CUNHA, José Marcos Pinto da. *Migração e Urbanização no Brasil: alguns desafios metodológicos para análise*. São Paulo, 2005

DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. São Paulo. Boitempo, 2006, tradução Beatriz Medina.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; TRUZZI, Osvaldo (ogs.). *Estudos Migratórios: Perspectivas Metodológicas*. São Paulo: editora da Universidade federal de São Carlos, 2005.

DENALDI, Rosana; *Urbanização de favelas no âmbito do programa Santo André Mais Igual*. In: Rosana Denaldi. (Org.). *O Desafio de planejar a cidade: política urbana e habitacional de Santo André SP - 1997-2008*. 1ed. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. *Políticas de Urbanização de Favelas: evolução e impasses*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado. 2003

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano, a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Pentecostais, migração e redes religiosas na periferia de São Paulo: um estudo do bairro de Perus*. São Bernardo do Campo, 2011 Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UESP.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *A diversidade pentecostal na periferia de São Paulo: aspectos do Bairro de Perus*. In BARRERA, Paulo (org.). *Evangélicos e periferia urbana em São Paulo e Rio de Janeiro: estudos de sociologia e antropologia urbanas*. Curitiba: Ed. CRV, 2012, cap.6, p.187-214.

FERNANDES, R. et al. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERREIRA, João S. W. *Globalização e urbanização subdesenvolvida*. São Paulo Perspect. 2000, vol.14, n.4, pp.10-20. ISSN 0102-8839.

FIDALGO, Douglas. *“De Pai pra Filhos”: poder, prestígio e dominação da figura do Pastor-presidente nas relações de sucessão dentro da “Assembleia de Deus Ministério de Madureira”*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), UESP, SB do Campo, 2017.

FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966)*. São Paulo: FGV, 2008.

FRESTON, Paul. *Uma breve história do pentecostalismo brasileiro*. In ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

FRESTON, Paul. *Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembleia de Deus*. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v.16, n.13, p.104-129, mi. 1994.

GURAK, D., CACES, F. *Cruzando fronteras. Migraciones en el sistema*, - Barcelona. Icaria. 1998

HASENBALG, C. & SILVA, N. de V. (eds.). *Origens e Destinos: Desigualdades Sociais ao Longo da Vida*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *A transmissão religiosa na modernidade: elementos para a construção de um objeto de pesquisa*. Estudos de Religião. São Bernardo do Campo, n. 18, 2000

_____. *Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou fim da religião?* Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 31-47, 1997.

_____. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, Petrópolis/ RJ: Ed. Vozes, 2008

IBGE – Instituto brasileiro de Geografia e Estatística, censo de 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>

JACOB, Cesar Romero et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.

KAZTMAN, R. *La dimensión espacial en las políticas de la superación de la pobreza urbana*. Montevideo, manuscrito, 1999.

_____. *“Estructura de oportunidades, activos de los hogares y movilización de activos en Montevideo. En R.Katzman y G.Wormald “Trabajo y Ciudadanía: los cambiantes rostros de la integración y exclusión social en cuatro áreas metropolitanas de A. Latina”*. Ed. Cebra Montevideo. 2002

KING, Winter. *Illegal settlements and the impact of titling programmes*. Harvard Law Review, v. 44, n. 2, setembro de 2003.

KLINK, Jeroen Johannes. *A cidade-região: regionalismo e reestruturação no grande ABC Paulista*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

_____. *Regionalismo e reestruturação urbana: uma perspectiva brasileira de governança metropolitana*. Educação. Porto Alegre, v.32, n.2, p. 217-226, mai. /ago. 2009.

_____. *A espoliação urbana*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1993.

KOWARICK, Lúcio. *Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo: Editora 34, 2009

KOWARICK, Lúcio; BONDUKI, Nabil. *Espaço urbano e espaço político: do populismo à redemocratização*. In KOWARICK, Lúcio (org). *As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LAVALLE, Adriane; CASTELLO, Graziela. *As benesses desse mundo: associativismo religioso e inclusão socioeconômica*. São Paulo: Novos Estudos, CEBRAP N.º 68, março 2004

LECHNER, Frank J. (1991), "The case against secularization: a rebuttal". *Social Forces*, 69, 4, june: 1.103-1.119.

MADSEN, Newton Ataliba. *São Bernardo, a verdadeira terra mãe dos paulistas*. São Paulo: Prefeitura Municipal de SBC, 1967

MAIOLINO, Ana Lúcia Gonçalves. *Espaço Urbano: conflitos e subjetividade*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008

MARIANO, Ricardo. 1999. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola

MARIANO, Ricardo. (2001), *Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil*. Tese de doutorado, São Paulo, FFLCH/USP.

_____. *Mudanças No Campo Religioso Brasileiro no Censo 2010*. Porto Alegre: UFRGS, IFCH, PPGAS, 1997, ISSN 1519-843X

MARICATO, Ermínia. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Metrópole, legislação e desigualdade*. Estudos avançados, Vol. 17, n.48, 2003^a.

_____. *Conhecer para resolver a cidade ilegal*. In. Leonardo Basci Cstriota (org.) *Urbanização brasileira – Redescobertas*. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 2003b, p.78-96.

_____. *A política habitacional do regime militar*. Petrópolis, Vozes, 1987.

MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo. *São PAULO: Segregação, Pobreza e Desigualdades sociais*. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2005.

MARQUES, Eduardo. *Redes sociais, segregação e pobreza*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010

_____. *Elementos conceituais da segregação, da pobreza e da ação do Estado*. In. MARQUES, Eduardo; TORRES, Haroldo. *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades sociais*. São Paulo: Editora SENAC, 2005b.cap. 2 p. 57-80.

MATEOS, N.R. *Una invitación a la sociología de las migraciones*- 2004 - Edicions Bellaterra

MARTELI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MÉDICI, Ademir. *MIGRAÇÃO E URBANIZAÇÃO: a presença de São Caetano na região do ABC*. São Paulo: Editora Hucitec, Prefeitura de S.C.S.-1993

MÉDICI, Ademir. *São Bernardo do Campo, 200 anos depois*. São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura de SBC, 2012.

MEDRADO, Lucas. *Cristianismo & Criminalidade*. Fonte Editorial. 2016. São Paulo

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Protestantes, Pentecostais e Ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. São Paulo: Editora Metodista, 2008.

_____. *O celeste porvir: a inserção protestante no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008 a.

MELAZZO E GUIMARÃES (Org.) *Exclusão social em cidades brasileiras. Um desafio para as políticas públicas*, SP, UNESP, 2010.

MESQUITA, Wania. *Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro*. Estudos de religião, São Bernardo do Campo, UMESP, v.23, n.37, p.89-103, jul. /dez.2009

MONTERO, Paula e AMEIDA, Ronaldo. *Trânsito religioso no Brasil*. São Paulo Perspect. 2001, vol.15, n.3, pp.92-100. ISSN 0102-8839.

MONTERO, Paula. *Max Weber e os dilemas da secularização: o lugar da religião no mundo contemporâneo*. Novos Estudos CEBRAP, 65: 34-44. 2006,

_____. *Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil*, Novos Estudos CEBRAP, 74: 47—65. 2012

_____. *Secularização e Espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil*. Etnográfica, vol. 13 (1). 2009

MOREIRA, Alberto da Silva. *O deslocamento religioso na sociedade contemporânea*. Estudos de religião, São Bernardo do Campo, UMESP, a.XXII, n. 34, p. 70-83, jan. /jun.2008.

NICOLINI, Marcos Henrique de Oliveira. *Religião e poder Civil, arranjos e resistências: a autenticidade da religiosidade laica nas periferias*- Curitiba- CRV, 2017, 534p.

NORONHA, Claudio Pereira. *Religião e Capital social na periferia urbana do Grande ABC Paulista: uma análise das redes sociais pentecostais no município de Rio Grande da Serra*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), UMESP, SB do Campo, 2010.

_____. *Religião, redes sociais e capital social no Município de Rio Grande da Serra no Grande ABC paulista: Estudo das trocas materiais e simbólicas em contexto de periferia urbana*. 2015, 311s. Tese (doutorado em Ciências da Religião) – UMESP, SB do Campo, 2015.

PAES, André B. *Migração Boliviana e Religião na Cidade de São Paulo: Um Estudo sobre a Primera Iglesia Bautista. Hispana de Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), UMESP, SB do Campo, 2012.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O povo visto do altar: democracia ou demofilia?* In PIERUCCI, Antônio e PRANDI, Reginaldo. (Org.) *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996, cap.2, p.35-58.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito de Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *“Bye bye, Brasil” – O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000*. Estudos Avançados 18 (52): 17-28, 2004.

_____. *Desencantamento do mundo: todos os passos no conceito de Max Weber*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

PORTES, A. & BOROCZ, J. Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation. IMR, v. 23, 1989.

PRANDI, Reginaldo. *As religiões, a cidade e o mundo*. In: In PIERUCCI, Antonio e PRANDI, Reginaldo. (Org.) *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996, cap.1, p.23-34

SANTOS, Boaventura S. *A Construção Multicultural de Igualdade e de Diferenças*. Oficina do CES. N° 135, 1999.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. *A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países e subdesenvolvimento*. 2 ed. Petrópolis: Ed.Vozes, 1982.

_____. *Pobreza urbana*. 3.ed.São Paulo: Edusp, 2009

SANTOS, Regina Bega. *Migração no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1995

SANCHIS, Pierre. *O campo religioso contemporâneo no Brasil*. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (org.). *Globalização e religião*. Petrópolis/Porto Alegre: Vozes/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 103-115, 1997.

SANTOS, Wanderlei. “*Antecedentes Históricos do ABC Paulista: 1550-1892*”, publicado em 1951.

SILVA, H.A. *Transformações do Planejamento Urbano em cidadesde porte médio e em cidades médias brasileiras*. Tese de Doutorado. Presidente Prudente: UNESP, 2013

SILVA, Maria Lais Pereira. *Favelas Cariocas: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

_____. *Território e Raça: Fronteiras urbanas numa metrópole brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971

_____. *Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo*. 1. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares - Ministério da Cultura, 2006. v. 1. 217p.

SINGER PI. *A crise do "milagre": interpretação crítica da economia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra; 1976.

SINGER, Paul. *A Economia política da urbanização*. 2 ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

SOUZA, Beatriz Muniz de, MARTINO, Luís Mauro de Sá (org.). *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, Beatriz Muniz de. *A experiência de salvação: Pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades. 1969.

STEIL, Carlos Alberto. *Pluralismo, Modernidade e Tradição Transformações do Campo Religioso*, Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 3, n. 3, p. 115-129, out.. 2001.

TASCHNER, Suzana Pasternak. *Favelas e cortiços no Brasil: 20 anos de pesquisas e políticas*. Cadernos de Pesquisa do LAP. São Paulo: FAUUSP, 1993

_____.*Favelas e Cortiços no Brasil: 20 anos de Pesquisas e Políticas*. Cadernos de Pesquisa do LAP. São Paulo, n.º 18, FAU-USP, 1997a.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. *O Pentecostalismo em contextos de violência: Uma etnografiada das relações entre pentecostais e traficantes em Magé*. Revista Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, v. 10, n.10, p.181-205, outubro de 2008.

TELLES, Vera da Silva. *A Cidade na Fronteira do Legal e Ilegal*. Belo Horizonte, MG.Argvmentvm, 2010.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. R.J.: Guanabara Koogan, 1982.

VALLADARES, Lícia do Prado; *La Investigación Urbana en América Latina: tendencias actuales y recomendaciones*. Cadernos IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, v. Ano X, n.1, p. 103-141, 1996.

_____. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro, FGV Editora. 2005.

VERÁS, Maura P. B. "Novos olhares sobre São Paulo: notas introdutórias sobre territórios, espaços e sujeitos da cidade mundial". Margem. São Paulo, Faculdade de Ciências Sociais PUC-SP/Fapesp, n.6, 1997, p.129-151.

_____. *Evolução e mudanças nas favelas paulistas*. Revista Espaços e Debates. São Paulo, n.º 31, 1990. p. 52-71.

VILHENA, V. C. *Violências de Gênero, Evangélicos (a) políticos e os Direitos Humanos*. 1. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2015. v. 1. 17-48p.

VALLADARES, Lícia do Prado; *La favela: d'un siècle à l'autre*, Paris, Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2006

VALLADARES, L., *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro, FGV Editora. (2005).

_____. *Cem anos (re) pensando a pobreza urbana no Brasil*. Anpocs.1992. Revista Pobreza urban13 anos, ano 11.

VILLAÇA, F. "*Efeitos do espaço sobre o social na metrópole brasileira*. In: SOUZA, M.A. et alii (org.). *Metrópole e globalização*. São Paulo, Cedesp, 1999

ZALUAR, A. *O crime e a não-cidadania: os males do Brasil*. In: BIRMAN, P.; NOVAES, R.; CRESPO, S. et al. (Ogs.) *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: Ed.Uerj. 1997.

ZALUAR, A. (1998). *Crime, medo e política*. In: ZALUAR, A. e ALVITO, M. (org.) *Um século de favela*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas.

ZALUAR, Alba. *O crime e a não-cidadania: os males do Brasil*. In: BIRMAN, Patrícia;

SITES CONSULTADOS

Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo – Site: www.saobernardo.sp.gov.br. IBGE – Site: www.ibge.gov.br.

CENSO 2000. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Base de dados disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 15/05/2016

CENSO 2010. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Base de dados disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 15/05/2016

<http://memoria-sbc.blogspot.com.br/2013/01/livro-pdf-sao-bernardo-do-campo-200.html> -
Consulta em 16/04/2016

<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu/>. Acesso em: 23/12/2017.

<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu/> Acesso em: 23/12/2017

<http://etnografica.revues.org/1195>; DOI: 10.4000/etnografica.1195). Acesso em 04/07/16.

PERIÓDICOS:

Fonte: Diário do Grande ABC, caderno “C”- 1985

APÊNDICES/ Questionários e entrevistas aplicadas:

Modelo A1 e B1

I-QUESTIONÁRIO/SOCIOECONÔMICO

Nome: _____

1 - Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos)

(Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
- (B) Uma a três
- (C) Quatro a sete
- (D) Oito a dez
- (E) Mais de dez

2- Sua casa no DER está localizada em (...)? Quantos cômodos tem? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Área urbanizada e tem até 2 cômodos
- (B) Área urbanizada e tem até 3 cômodos
- (C) Área urbanizada e tem mais de 3 cômodos
- (D) Área não urbanizada e tem até 2 cômodos
- (E) Área não urbanizada e tem até 3 cômodos
- (F) Área não urbanizada e tem mais de 3 cômodos

3- Qual é o nível de escolaridade do seu pai? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- (C) Ensino Médio (antigo 2º grau)
- (D) Ensino Superior
- (E) Especialização

(F) Não estudou

(G) Não sei

4- Qual é o nível de escolaridade da sua mãe? (Marque apenas uma resposta)

(A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)

(B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)

(C) Ensino Médio (antigo 2º grau)

(D) Ensino Superior

(E) Especialização

(F) Não estudou

(G) Não sei

5- Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

(A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)

(B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)

(C) Ensino Médio (antigo 2º grau)

(D) Ensino Superior

(E) Especialização

(F) Não estudou

(G) Não sei

6 -Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

(A) Nenhuma renda.

(B) Até 1 salário mínimo.

(C) De 1 a 3 salários mínimos.

(D) De 3 a 6 salários mínimos.

(E) De 6 a 9 salários mínimos.

- (F) De 9 a 12 salários mínimos.
- (G) Mais de 12 salários mínimos.

7- Em que você trabalha atualmente? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Não trabalho.
- (B) Na indústria.
- (C) Na construção civil.
- (D) No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.
- (E) Como funcionário (a) do governo federal, estadual ou municipal.
- (F) Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior.
- (G) Trabalho fora de casa em atividades informais (pintor, eletricista, encanador, feirante, ambulante, guardador/a de carros, catador/a de lixo).
- (H) Trabalho em minha casa informalmente (costura, aulas particulares, cozinha, artesanato, carpintaria etc.).
- (I). Faço trabalho doméstico em casa de outras pessoas (cozinheiro/a, mordomo/governanta, jardineiro, babá, lavadeira, faxineiro/a, acompanhante de idosos/as etc.).
- (J) No lar (sem remuneração).
- (K) Outro.

8 - Idade

- a. Entre 15 a 20 anos.
- b. Entre 21 a 25 anos
- c. Entre 26 a 30 anos.
- d. Entre 31 e 35 anos
- e. Entre 36 e 40 anos
- f. Entre 41 e 50 anos
- g. Entre 51 e 60 anos
- h. Entre 61 e 80 anos

i. Mais de 80 anos

9 - Cor da pele

() branca () preta () parda () amarela () não sabe

10 - Estado civil

() solteiro () casado () divorciado () viúvo () outro

11 - Lugar de origem.

Seu: _____

Do seu pai: _____

Da sua mãe: _____

12 – Além da Igreja, você participa de outras instituições sociais? Se sim, quais?

() Clube de mães () Associação de Moradores () Associação Esportiva ()
Outro _____

13- Há quanto tempo mora no DER? _____

II-ENTREVISTA / ASPECTO RELIGIOSO

1. Há quanto tempo pertence à Igreja? Possui algum cargo? Se sim, qual?
- 2- O que te levou a pertencer à Igreja? Qual sua frequência nos cultos?
- 3- Quais ações e cuidados a igreja desenvolve na vida dos membros?
- 4- Sabe dizer se tem muitas pessoas na Igreja que vieram de outros Estados ou Cidades distantes (migrantes)? Já eram da Igreja ou se converteram aqui?
- 5- A Igreja desenvolve trabalhos sociais com migrantes recém-chegados que necessitam de ajuda? Se sim, qual o critério para serem apoiados e que efeito isso tem na vida deles?
- 6- Se você (ou sua família) deixou seu lugar de origem, o que o levou a migrar para esta região?

III- IMPORTÂNCIA E IMPACTO DA URBANIZAÇÃO NO DER

1. Qual sua opinião sobre o projeto de urbanização no DER? Quais as maiores carências por parte do poder público para com o DER?
- 2- Na sua opinião, as pessoas que residem na área urbanizada têm comportamento diferente das que residem na área não urbanizada?
- 3-O que a urbanização poderia influenciar nos hábitos, comportamos e qualidade de vida das pessoas?
- 4-O que você sabe sobre a origem do DER?

Contato:

Tel.: _____ E-mail _____

Obs.: A sua identidade será preservada. A solicitação da identificação é para possível futuro contato para entrevista.

Modelo A 2 e B2

I-QUESTIONÁRIO / SOCIOECONÔMICO

Nome: _____

1-Quantas pessoas moram com você? (Incluindo filhos, irmãos, parentes e amigos)

(Marque apenas uma resposta)

- (A) Moro sozinho
- (B) Uma a três
- (C) Quatro a sete
- (D) Oito a dez
- (E) Mais de dez

2-Sua casa no DER está localizada em (...)? Quantos cômodos tem? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Área urbanizada e tem até 2 cômodos
- (B) Área urbanizada e tem até 3 cômodos
- (C) Área urbanizada e tem mais de 3 cômodos
- (D) Área **não** urbanizada e tem até 2 cômodos
- (E) Área **não** urbanizada e tem até 3 cômodos
- (F) Área **não** urbanizada e tem mais de 3 cômodos

3-Qual é o nível de escolaridade do seu pai? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- (C) Ensino Médio (antigo 2º grau)
- (D) Ensino Superior
- (E) Especialização
- (F) Não estudou
- (G) Não sei

4-Qual é o nível de escolaridade da sua mãe? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- (C) Ensino Médio (antigo 2º grau)
- (D) Ensino Superior
- (E) Especialização
- (F) Não estudou
- (G) Não sei

5- Qual é o seu nível de escolaridade? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
- (B) Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
- (C) Ensino Médio (antigo 2º grau)

- (D) Ensino Superior
- (E) Especialização
- (F) Não estudou
- (G) Não sei

6-Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)

- (A) Nenhuma renda.
- (B) Até 1 salário mínimo.
- (C) De 1 a 3 salários mínimos.
- (D) De 3 a 6 salários mínimos.
- (E) De 6 a 9 salários mínimos.
- (F) De 9 a 12 salários mínimos.
- (G) Mais de 12 salários mínimos.

7-Em que você trabalha atualmente? (Marque apenas uma resposta)

- (A) . Não trabalho.
- (B) . Na indústria.
- (C) . Na construção civil.
- (D) . No comércio, banco, transporte, hotelaria ou outros serviços.
- (E) Como funcionário (a) do governo federal, estadual ou municipal.
- (F) Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior.
- (G) Trabalho fora de casa em atividades informais (pintor, eletricista, encanador, feirante, ambulante, guardador/a de carros, catador/a de lixo).
- (H) Trabalho em minha casa informalmente (costura, aulas particulares, cozinha, artesanato, carpintaria etc.).
- (I). Faço trabalho doméstico em casa de outras pessoas (cozinheiro/a, mordomo/governanta, jardineiro, babá, lavadeira, faxineiro/a, acompanhante de idosos/as etc.).
- (J) . No lar (sem remuneração).
- (K) . Outro.

8- Idade

- a. Entre 15 a 20 anos.
- b. Entre 21 a 25 anos
- c. Entre 26 a 30 anos.
- d. Entre 31 e 35 anos
- e. Entre 36 e 40 anos
- f. Entre 41 e 50 anos
- g. Entre 51 e 60 anos
- h. Entre 61 e 80 anos
- i. Mais de 80 anos

9- Cor da pele

() branca () preta () parda () amarela () não sabe

10- Estado civil

() solteiro () casado () divorciado () viúvo () outro

11- Lugar de origem.

Seu: _____

Do seu pai: _____

Da sua mãe: _____

12 – Além da Igreja, participa de outras instituições sociais? Se sim, quais?

() Clube de mães () Associação de Moradores () Associação Esportiva () Outro _____

13- Há quanto tempo mora no DER? _____**II- ASPECTO RELIGIOSO****1-Quanto tempo pertence à esta igreja?**

() Até 1 ano () de 1 a 5 anos () de 5 a 10 anos () de 10 a 20 anos outros: _____

2-Possui cargo na Igreja? Se sim, qual?

() auxiliar () diácono () presbítero () pastor outros: _____

3-O que o motivou a pertencer à igreja?

() Conversão () Família () amigos () solidão () medo () dificuldade financeira () outros: _____

4-Qual sua religião antes de ser cristão evangélico?

() católico () espírita () sem religião () ateu () outro: _____

5- Quanto ao local da sua conversão:

() Minha conversão foi aqui no DER () Já era Cristão antes

III- IMPORTÂNCIA E IMPACTO DA URBANIZAÇÃO NO DER**1- Qual sua opinião sobre a necessidade de conclusão do projeto de urbanização no DER?**

() irrelevante () imprescindível () outro: _____

2- Na sua opinião, as pessoas que residem na área urbanizada recebem da sociedade tratamento diferenciado das que residem na área não urbanizada?

() não () sim porque? _____

Contato:

Tel.: _____ E-mail _____

Obs.: A sua identidade será preservada. A solicitação da identificação é para possível futuro contato para entrevista.

ENDEREÇO DAS IGREJAS no DER

1-Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Ministério Belém- Igreja sede do Setor 29.

Alameda Glória, nº 705, DER/V. Campestre - (Pentecostal).

Obs.: Igreja de porte grande – (aproximadamente 400 membros)

2-Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Ministério São Bernardo do Campo.

Rua Maria Adelaide L. Quelhas, nº362, DER (Pentecostal).

Obs.: Igreja de porte grande (aproximadamente 250 membros)

Pr Agenor – fone 4367.5928

3-Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Ministério Taboão.

Rua Maria Adelaide L. Quelhas, nº249, (Pentecostal);

Obs.: Igreja de porte pequeno (até 100 membros)

4- Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério Parque São Rafael.

Rua Maria Antônia Benedita do Nascimento, ao lado do número 25 (pentecostal);

Obs.: Igreja de porte pequeno (até 100 membros);

5- Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério de Perus.

Rua Dionizio Cavalcante, s/n (pentecostal);

Obs.: Igreja de porte pequeno (até 100 membros);

6- Igreja Assembleia de Deus Fogo no Altar.

Rua José Pedro da Silva, ao lado do nº 130 (pentecostal);

Obs.: Igreja de porte pequeno (até 50 membros);

7- Igreja Pentecostal Missionária Água Viva.

Rua Alicio Dionizio dos Santos, nº 58 (pentecostal).

Obs.: Igreja de porte pequeno (entre 50 e 100 membros);

8- Igreja Evangélica Novo Tempo em Cristo.

Rua três de maio, nº 148 e 748 pentecostal).

Obs.: Igreja de porte médio (até 150 membros).

Pr Luís Fernando fone 984778476

9- Igreja Pentecostal Jesus o Bom Pastor.

Passagem Edna Maria Dias, s/nº (pentecostal)

Obs.: Igreja de porte pequeno (até 100 membros).

10- Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Rua Sebastião Aves Filho, nº 2389

Obs.: Igreja de porte pequeno (até 100 membros)

11 – Santuário N. S. do Perpétuo Socorro (Igreja Católica)

Rua Maria Adelaide L. Quelhas, 100.

Igreja de porte grande. Obs.: Igreja de porte grande (até 500 membros)

12- Igreja do Evangelho Avivando as Nações.

Rua José Pedro da Silva, 130 (pentecostal)

Igreja de porte pequeno (até 50 membros)

Notas explicativas:

Foram relacionadas Igrejas que possuam templos (salão de cultos). Não relacionamos os pontos de pregação (pequenas salas de culto onde se reúnem média de até 20 pessoas).

INSTITUIÇÕES CIVIS

Associação Amigos de Bairro.

Rua Matutina Rocha, 2261

Esporte Clube DER

Rua Maria Adelaide L. Quelhas, 2457

Clube de mães

Rua Alicio Dionizio dos Santos, nº 58

ANEXOS

1-Cadastro oficial de núcleos de favelas existentes em S.B.Campo em 1978

Favelas

Fonte: Departamento de Promoção Social, Órgão da Secretaria de Saúde e Promoção Social da Prefeitura de São Bernardo (cadastro de 1978). Não estão incluídos os dois novos núcleos: do Jardim Silvina e Pai Herói, do Jardim Petroni.

Nome do Núcleo	Nº de Pessoas	Nº de Barracos	%	Por Barraco	Tempo de Existência (anos)
	3.209	641	9,4	5,0	15
Jardim Calux	2.914	577	8,5	5,0	30
D.E.R.	3.476	684	10,0	5,1	6
Vila Ferreira	929	197	2,9	4,7	12
Vila Esmeralda	703	133	2,0	5,3	8
Jardim Belita	278	50	0,7	5,5	10
Jardim Nazareth	677	132	1,9	5,1	4
Jardim Uenoyama	120	28	0,4	4,3	7
Rosa Cruz	907	187	2,7	4,9	14
Sonia Maria	607	114	1,7	5,3	10
Jardim do Lago	829	162	2,4	5,1	9
Jardim Detroit	588	120	1,8	4,9	4
Vila Carminha	2.457	491	7,2	5,0	6
Jardim Ipê/Detroit	879	171	2,5	5,1	5
Parque Espacial/N.Divinéia	385	77	1,1	5,0	4
Jardim Nossa Sra. de Fátima	318	62	0,9	5,1	5
Av. São Bernardo	77	14	0,2	5,5	removido
Jardim Farina	422	83	1,2	5,1	7
Jardim Cláudia	671	144	2,1	4,7	8
Ferrazópolis	602	132	1,9	4,6	7
Jardim Via Anchieta	221	46	0,7	4,8	11
Transmissão Mercedes-Benz	99	27	0,4	3,7	4
Parque São José	101	21	0,3	4,8	3
Jardim Santa Maria	581	117	1,7	5,0	15
Vila do Tanque	126	28	0,4	4,5	6
Estrada do Mar	117	25	0,4	4,7	4
R. Naval	454	89	1,3	5,1	5
Cama Patente	719	133	2,0	5,4	15
Jardim Laura	693	143	2,1	4,8	3
Jardim da Represa	273	54	0,8	5,1	7
Vila Pelé	132	28	0,4	4,7	8
SABESP	85	16	0,2	5,3	13
Rosa Mística	273	54	0,8	5,1	10
Tiro de Guerra	144	25	0,4	5,8	3
Vila Regina	334	68	1,0	4,9	8
Jardim Silvina	613	111	1,6	5,5	28
Pedreira	985	202	3,0	4,9	15
Vila Esperança (Lixão)	3.039	641	9,4	4,7	10
Parque São Bernardo	215	40	0,6	5,4	6
Jardim Industrial	1.005	200	2,9	5,0	10
Jardim Petroni	220	51	0,7	4,5	removido